

COLLECCÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

UC-NRLF



QB 318 108

Alberto Plancha

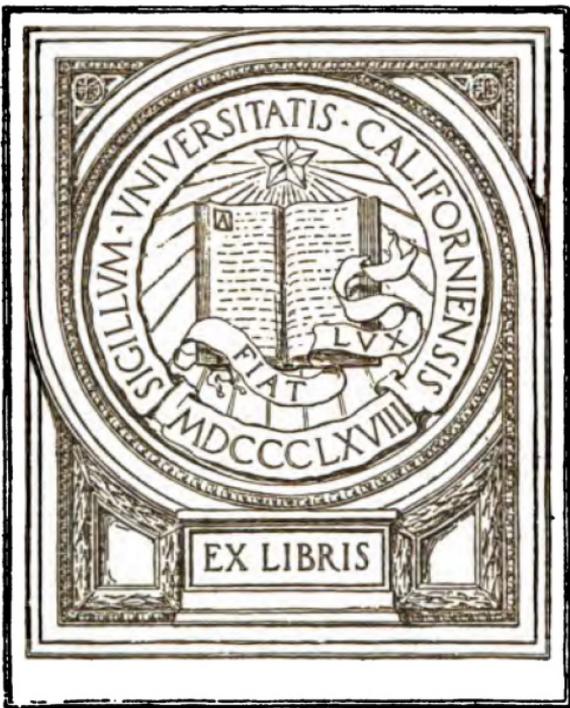
Espelho
de Portuguezes

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes

- 1 — C
- 2 — A
- 3 — A
- 4 — D
- 5 — O
- 6 — O
- 7 — O
- 8 — A
- 9 — A
- 10 — C
- 11 e 12 to
- 13 — D
- 14 — A
- 15 — D
- 16 — F
- 17, 18 e
- 20 e 21
- 22 — A
- 23 — O
- 24 — A
- 25 — O
- 26 — A
- 27 — C
- 28 — Q
- 29 — A
- 30 — A
- 31 — E
- 32 — A
- 33 e 34
- 35 — O
- 36 — A
- 37 — A
- 38 — D
- 39 — O
- 40 — U
- 41 — M
- 42, 43 e bo
- 45 e 46 Di
- 47 e 48
- 49 — D
- 50 — Estrellas funestas.
- 51 — Lagrimas abençoadas.

GIFT OF
Portuguese consulate



795
P644
v.2.

ere.
ma-
.
.
.
po-
Fer-
me-
ções
s.
o de
de
idi-
Es-
ato-
rga-
O
oso.
ben-
em-
s se
ta e
bis-
rgadinha

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca*, recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria*, por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pags. em papel de linho nacional. Tiragem 48 exemplares.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zingografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagradados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.ª edição de 1845. Também rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLEÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

- | | |
|---|---|
| 1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nes Alpes, por A. Daudet. | 16 — Esgotado |
| 2 — Esgotado. | 17 — Esgotado. |
| 3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet. | 18 — O ultimo amor, por Ohnet. |
| 4 — Esgotado. | 19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneff. |
| 5 — Esgotado. | 20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp. |
| 6 — Esgotado. | 21 — Esgotado. |
| 7 — Esgotado. | 22 — Esgotado. |
| 8 — Esgotado. | 23 — Camilla, por G. Ginisty. |
| 9 — Esgotado. | 24 — Trahida, por Maxime Paz. |
| 10 — Esgotado. | 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot. |
| 11 — Esgotado. | 26 — Esgotado. |
| 12 — Esgotado. | 27 — Esgotado |
| 13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget. | 28 — Esgotado. |
| 14 — Esgotado. | 29 — Mentiras, por Paul Bourget. |
| 15 — Esgotado | 30 — Marinheiro, por Pierre Loti. |
| | 31 — Esgotado. |
| | 32 — A Evangelista, por Daudet |

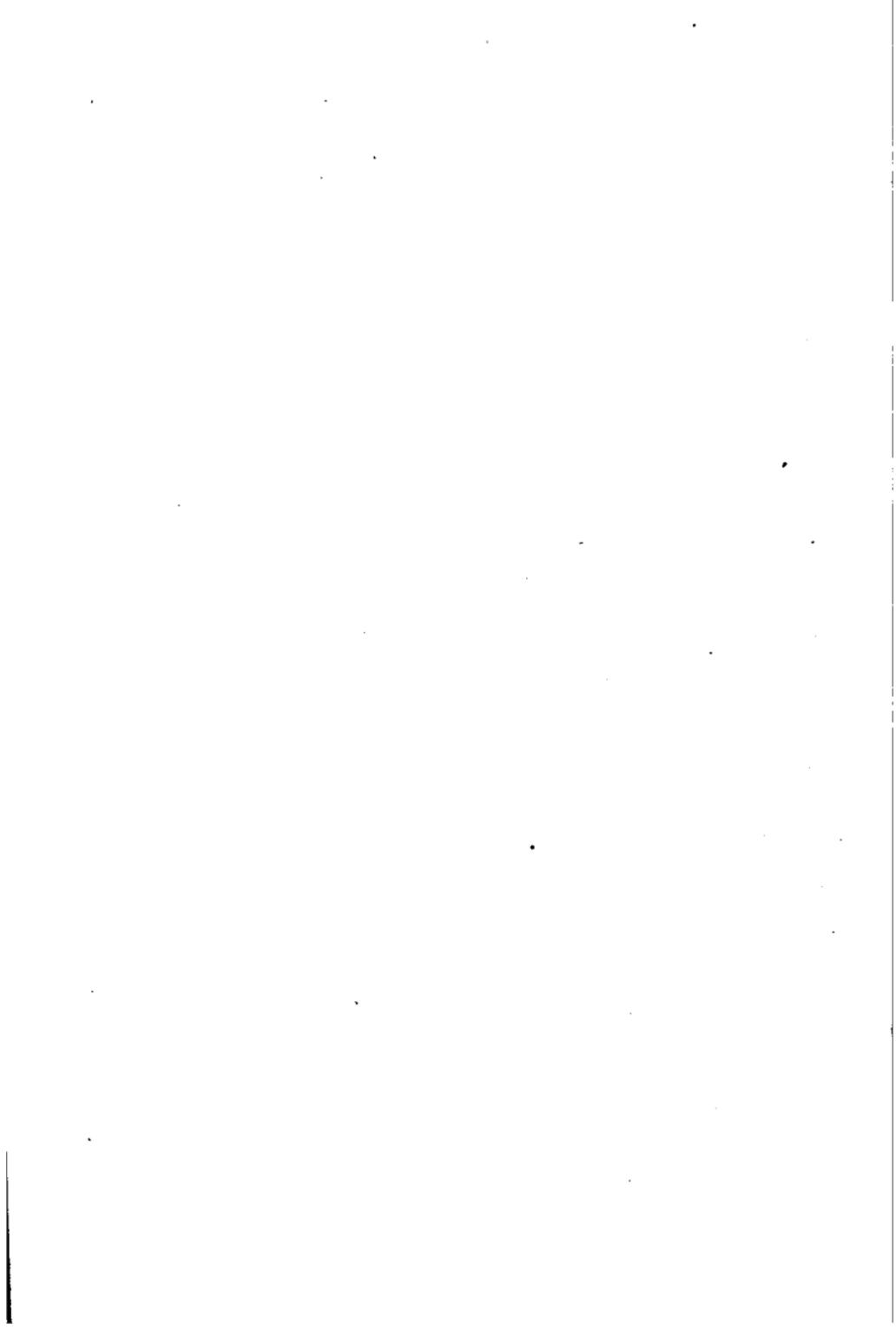
- 33 — Aranha vermelha, por R. de Pent Jest.
 34 e 35 — Esgotado.
 36 — Parisienses!... por H. Davenel.
 37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
 38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmiento.
 39 — Esgotado.
 40 — Esgotado.
 41 — O abbade de Favières, por J. Ohnet.
 42 — Esgotado.
 43 — Esgotado.
 44 — A nihilista, por C. Mendés.
 45 — Esgotado.
 46 — Morta de amor, por Delpit.
 47 — João Sbogar, por C. Nadier.
 48 — Viagem sentimental, por Sterne.
 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
 51 — Esgotado.
 52 — O castello de Lourps, por J. K. Hüysmans.
 53 — Amor de Miss, por J. Blain.
 54 — A sogra, por Laforest.
 55 — Colomba, por P. Merimée.
 56 — Katia, por L. Tolstoï.
 57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
 58 — Duplo amor, por Rosny.
 59 — Esgotado.
 60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
 61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
 62 — Esgotado.
 63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
 64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
 65 e 66 — Nemrod & C.^{as}, por Jorge Ohnet.
 67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
 68 — Historia d'uma mulher, por Gny de Maupassant.
 69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
 71 — Depois do amor, por Ohnet.
 72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
 73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
 75 — Uma ondina, por Theuriet.
 76 — A familia Laroche, per Marguerite Sevray.
 77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
 78 e 79 — A filha do Dr. Jauffre, por Marcel Prevost.
 80 — A dama das camélias, por A. Dumas, Filho.
 81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
 82 e 83 — O Destronado, por A. Ribeiro.
 84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
 85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
 86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
 87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy



COLLEÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — N.º 41

ESPELHO DE PORTUGUEZES

(VOLUME II)



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

ALBERTO PIMENTEL

UNIV. OF
COLOMBIA

Espeelho de portuguezes

...huma imitação de vida: espeelho de costumes, e imagem do que nos negocios passa: per estilo humilde, e chegada á prosa, qual vos ora pretendemos mostrar.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS—
Prologo da comedia *Ulyssippo*.

VOLUME II



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

(LIVRARIA EDITORA)

Rua Augusta—50, 52, 54

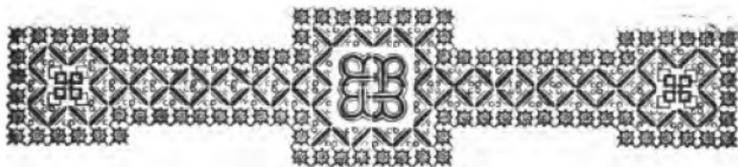
1901

PRESERVATION

COPY ADDED

m/f 1/14/90

TO THE
LIBRARY OF THE
Portuguese Consulate



I

QUARESMA ALEGRE

A CABO de ler, n'um telegramma noticioso de Santarem, que este anno (1898) se prepara ali, no bairro da Ribeira, uma pomposa *mi carême*.

Não gostei da *mi carême*, isto é, do francez, e não é porque eu seja um caturra intransigente em questões de linguagem pura. Quem o ha de ser ainda? se já nem o meu amigo Candido de Figueiredo, o maior de todos, é hoje tão caturra como ha meia duzia de annos.

Isto está tudo a desabar, e não ha pôr-lhe espeques.

Gosto, sim, de lêr bom português, quando ainda por ahi apparece, fazendo lembrar as rapaduras de um tacho em que se cozinhou aletria ou creme. E' doce, sabe bem; lambem-se os dedos. Com esta lingua me criei, branda e sonora, segundo a expres-

são de Filinto; levei palmatoadas, zurzidellas de unco, reprimendas de arrear o pêllo, para falal-a ou escrevel-a como mandavam os mestres. Tomei-lhe gosto; talvez amor. Procurei sabel-a tanto ou quanto; e estou certo de que nunca o conseguí.

Mas veio a horda dos barbaros, peiores que os do norte, e começou a retalhar a boa linguagem portugueza a golpes de cimitara. Rasgaram-n'a, esphacelaram-n'a. Era impossivel resistir-lhes, por serem muitos; em cada jornal havia uma ninhada d'elles; e então venceu o numero, a força, como sempre acontece, na natureza ou na sociedade.

O Sampaio da *Revolução*, quando entrou no ministerio do marechal Saldanha, conservava ainda o respeito antigo pelas mercês honorificas, que entendia deverem ser concedidas aos raros que as merecessem.

Mas assaltaram-n'o os empenhos, as pressões politicas, e elle teve de abrir o cofre das graças para tirar de lá a primeira condecoração immerecida. Pediram-lhe outra, e mais, e muitas. Quiz resistir; não pôde. Então mudou de tactica, começou a dar venéras a toda a gente que lh'as pedia, porque, dizia elle, generalisado o uso, passaria a ser distincção o não ter condecoração nenhuma.

Assim está acontecendo com a lingua portugueza. Não sendo possivel fazel-a respeitar, o melhor é deixar-se ir a gente na onda, e vêr se consegue notabilisar-se escrevendo-a peor que todos os outros.

Não gostei da *mi carême*, porque temos uma locução equivalente, tradicional, que corresponde a

uma antiga usança popular : *serração da velha*. Não é bom? não é bem portuguez? Se é!

N'outro tempo, eu pôr-me-ia a imprecar Santarem, á conta do seu francez. Lembraria aos santarenos que foi ali que tomou pé a nossa nacionalidade, quando Affonso Henriques marinhou pelas escarpas até metter a barba na muralha da alcáçova, e varria depois os moiros, vencidos, por esses campos do sul abaixo até Ourique.

Hoje não, hoje resolvi não dizer nada, para não remar contra a maré, mas resolvi tambem aproveitar o facto para lembrar as folias e folganças que o nosso povo costuma intercalar ainda na quaresma.

Diz não sei quem, creio ser Havard, que as nações catholicas manifestaram sempre maior gosto pelas cerimonias alegres do que as nações protestantes. São mais livres, sentem-se menos acabrunhadas, porque a sua religião é menos intolerante. E ás vezes vão até transgredir as prescripções dos cânones e das auctoridades ecclesiasticas. Mas não é isso o que faz damno á religião.

Ora ali mesmo em Santarem costuma fazer-se, e ainda se fez este anno, em quarta-feira de cinza, a primeira folia popular da quaresma. E' o *enterro do gallo*, pois que vae começar a temporada do «magro», o reinado do bacalhau.

Organisa-se um prestito funebre, em que os «irmãos» se embrulham em lenções, que substituem as opas das procissões authenticas. A' frente, representando de guião, vae arvorado um bacalhau, grande e secco, que é o prospecto da quaresma,

para que todos o vejam bem e desde essa hora se familiarisem com elle.

Um «irmão» tange a campainha para chamar as atenções e impôr respeito.

Depois da «irmandade», o esquife, cujos portadores vão equipados com petrechos de cozinha, levando na cabeça barretes de cozinheiros. Dentro do esquife, o gallo morto com a crista já descórada, e as pennas murchas.

Incorpora-se no prestito um orador, que d'onde a onde faz o panegyrico do bacalhau, mettendo de per meio chalaças que possam ser entendidas pelo grosso da multidão.

O povo ri das chocarrices, a bom rir, e emquanto ri... não paga. Coitado!

E' do estilo acompanhar a procissão um sol-e-dó, porque sem elle não ha festa popular que preste.

Terminado o itinerario, o gallo baixa á sepultura... no estomago dos promotores da funcção. Ha ceia lauta. E as lagrimas com que se prantea o morto... são de vinho.

No Alemtejo, onde os naturaes apenas comem gallinha quando estão doentes, o gallo é substituido pelo choiriço, que se suppõe fallecido durante a quaresma. O povo volta-se para o bacalhau pendente do guião. E o apparatus do ritual é, salva aquella differença, o mesmo da Extremadura.

No sabbado da alleluia no Alemtejo ou na Extremadura, e ainda no norte do paiz, mudam-se as guardas á fechadura, enterra-se o bacalhau com identica solemnidade, e trepa o gallo ou o choiriço para a haste do guião, em signal de triumpho.

Chegado o meio da quaresma, faz-se nas provincias a serração da velha, e, segundo o telegrapha de Santarem, este anno, será festa de arromba no bairro da Ribeira.

Nas povoações do norte, como tambem no sul, o prestito compõe-se de uma charola, sobre a qual vae um cortiço e dentro do cortiço a «velha». Tambem vae uma serra, que é o instrumento do supplicio. A' roda do andor, alabardeiros grotescos, guardando a condemnada; atraz do andor, o juiz, o escrivão do processo, e o carrasco.

Escolhe-se sempre para o papel de «velha» um rapaz alegre e engraçado, porque tem de enfiar disparates, que façam rir, quando do alto da charola dicta o seu testamento.

Pára o cortejo na praça publica, e procede-se á serração do cortiço. A «velha» simula gritos doloridos, como se a serra lhe fosse cortando as carnes. Mas quando a coisa poderia ser séria, evade-se, e o povo apupa e applaude ao vel-o deitar a fugir.

O sol-e-dó, tocando marchas funebres, tambem é do estilo.

Um jornal de Santarem completa a noticia telegraphica dando este esboço de programma:

«O cortejo formar-se-ha, na noite de quarta-feira, no largo do Theatro Ribeirense e percorrerá as principaes ruas dos dois bairros da cidade, fazendo-se depois a *execução* da Velha n'um patibulo que será levantado na praça da Ribeira.

«Além da irmandade do Lençol, no cortejo tomam parte os carros dos Velhos, dos Netos, do

Tribunal e da Philarmonica e uma força de 30 e tantas praças de *lanceiros* para conter a população no acto da *execução* junto ao *cadafalso*.

Não nos mettamos agora em cavallarias altas a explicar a relação mythica que porventura exista entre o «inverno» e a «velha», como se pode deprehender de um auto de Gil-Vicente, e outros affirmam.

Da usança popular é que fallamos apenas.

Mas o gosto de copiar costumes estrangeiros vai ganhando terreno, e este anno prepara-se no Porto uma *mi carême* á franceza, no Palacio de Crystal.

São convidadas as creanças a ir executar ali danças antigas, devidamente ensaiadas, e a eleger uma rainha (copia da *reine des halles* de Pariz) que receberá um premio

Tenho pena de já não ser creança para me metter n'essa eleição; que para outras eleições não estou disposto.

Mas d'essa, ao menos, não virá nenhum mal ao paiz.

Barata eleição!

Em Pariz, segundo contam os jornaes francezes, já se reuniram os estudantes conjunctamente com os delegados dos mercados e dos lavadoiros para tratar da organização do cortejo.

A partida é dos Campos Elyseos, não ao meio dia, segundo o antigo costume, mas á uma hora da tarde. Sabem por que? *Afin de ne point déranger le président de la Republique durant son dejeuner*, diz o *Temps*. Por estas e por outras o sr. Felix Faure deve estar bem convencido de ser um verdadeiro

rei constitucional ou antes «um rei da republica».

A primeira paragem' do cortejo é deante do palacio do Elyseu, e por isso convém que «mr. le président» já esteja almoçado e prompto.

Os estudantes inscriptos são mais de 300, dos quaes 70 cavalleiros. Exhibirão dez carros, picantes de allusões, a saber: O sacrificio do Boi Gordo pela Mi-Carême; os grandes acontecimentos do anno á sombra do nariz de Cyrano de Bergerac; uma estudantina da idade-media; uma caçada na floresta do Tribunal de Contas; o feminismo triumphante; os filhos de Lutecia (Pariz); a crise da agricultura; o mail-coach da escola de Alfort; o buffete ambulante servido por mulheres; o barco de flores japonez.

Os carros dos mercados irão após os dos estudantes: um d'elles armado em Cythera, uma ilha deleitosa de flores e plantas, estancia da *reine des reines* ou *reine des halles*, a cara mais bonita que foi possível encontrar, a Venus plebea d'este anno, acclamada rainha da formosura.

Por ultimo, os representantes dos lavadoiros, em luzida cavalgada.

Os estudantes sahirão do cortejo na praça de Châtelet, e dirigindo-se pelo boulevard Saint-Martin para a praça do Panthéon, ahi queimarão o Boi Gôrdo, dispersando-se depois.

O Boi Gôrdo parece ter a mesma significação do gallo na Extremadura e do chouriço no Alemtejo, em Portugal. E' o unico boi que, já dentro da abstinencia da quaresma, o povo pôde comer para tornar mais faustosa a sua festa.

Chama-se-lhe gôrdo, decerto pela mesma rasão por que ao dia de entrudo se chama terça-feira *gôrda* : ser um pretexto para os comes e bebes, para a comezaina inseparavel das folias populares.

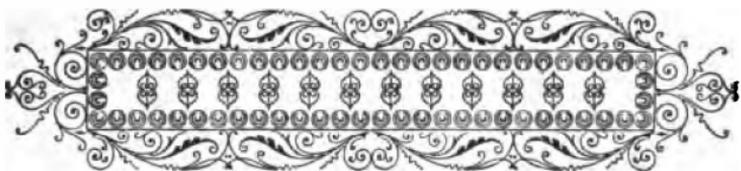
Lá disse Gil Vicente :

Que na festa sem comer
Não ha 'hi gaita temperada.

E esta é ainda a quaresma alegre dos catholicos, que a receberam dos antigos, e que não faz mal a ninguém.

Peior é chrismar com nomes estrangeiros usanças que são portuguezas. . . E' o mesmo ; deixal-o. Os barbaros são em maior numero do que os catturras. Acabou-se !





II

SEMANA SANTA

A semana santa que, a bem dizer, se resume agora em dois dias de solemnidades religiosas, quinta e sexta-feira, como que vae parecendo grande de mais á impaciencia allucinada d'este nevrotico fim de seculo.

Lembro-me ainda do tempo em que toda a ultima semana da quaresma, desde domingo a domingo, era passada na casa de Deus, e a Elle consagrada.

Ninguem se esquivava a acompanhar os actos do culto desde a benção dos Ramos até á festa da Paschoa.

Como n'esse tempo todas as coisas começavam ainda pelo principio, cada qual entendia que o primeiro dia da Semana Santa era o domingo, e solemnizava-o levando á egreja uma palma verde ou um raminho de flores, que, depois da benção, se guardava devotamente no santuario domestico.

Na segunda ou terça-feira vestia uma pessoa o seu melhor fato para ir confessar-se e receber Nosso Pae á igreja parochial.

Na quarta-feira ninguem abandonava o templo sem se ter apagado a ultima luz e soado a derradeira matraca.

Na quinta-feira visitavam-se as casas do Senhor, presenceava-se o *Lava pés*. Na sexta pela manhã todos queriam assistir á *Adoração da Cruz*, aos officios da Paixão, e de tarde á procissão do Enterro. No sabbado, alleluias, benção do lume novo, a que se não faltava. No domingo, festa da Resurreição, missa cantada, jantar de familia, alegria geral.

Era a semana toda occupada em honra de Deus.

E não se fazia favor nenhum a Deus, que, de tantas semanas que o anno tem, se contentava apenas com uma só!

Depois, a pouco e pouco, foi-se deixando para os padres a obrigação de seguirem os actos religiosos, e ninguem mais pensou em semana santa, a não ser na quinta-feira de Endoenças e na sexta-feira da Paixão.

Mas ainda se conservava um certo respeito por essa quinta-feira, a *maior* do anno, como quem diz a mais solemne, e por essa memoranda sexta-feira, a santa, como quem diz a mais sagrada de todas.

Desde o meio dia de quinta-feira maior ninguem, até sexta-feira á noite, andava de carruagem. Fazia-se um respeito e um silencio enorme. Fechavam-se os bilhares e os bordeis. Os ricos, os opulentos, os poderosos visitavam humildemente, a pé, acompanhados das suas familias, as casas do Se-

nhor, e dentro dos templos, outros ricos, outros opulentos, outros poderosos, lavavam, em giolhos, os pés a tantos pobres, quantos haviam sido os discipulos de Christo.

Pois, senhores, no dobar de algumas dezenas de annos, os costumes publicos destragaram-se a ponto de que as pessoas mais religiosas se contentam apenas com ir visitar alguma igreja em quinta feira maior.

Os bilhares, os bordeis estão abertos, como durante o resto do anno. Carruagens, tanto particulares como de praça, atravessam a cidade em todas as direcções, rodando ruidosamente. A' porta das egrejas, a multidão que sai tem de refluir assustada quando uma parelha de horsas se abeira do templo, para que sua excellencia, uma excellencia qualquer, possa descer da carruagem sem ter que dar muitos passos nem apanhar muito ar.

A «toilette» preta, que era de rigor, ainda é conservada por algumas pessoas, talvez porque o preto não vai mal ás physionomias, especialmente nas mulheres.

Mas já ninguem ouzaria fazer questão ministerial da «toilette»: isto é, ninguem deixaria de sahir pelo facto de se não poder vestir de preto n'esse dia.

A's trez horas da tarde de quinta feira maior vi eu, este anno, operarios do estado montando bai- leos n'uma das fachadas de certo edificio publico, como em qualquer dia normal de trabalho.

Na sexta feira santa, como já fosse parecendo a muita gente que dois dias de culto religioso iam sendo maçada, principiaram a apparecer carruagens

na Avenida, em passeio, para cima e para baixo, na roda-viva do costume.

Verdade é que era menor o numero das carruagens, e dos cavalleiros; porque tambem havia alguns cavalleiros.

Nenhum outro povo seria capaz de guardar com menos respeito o dia da morte do fundador da sua religião! Nenhum. Isto pode afirmar-se em absoluto: nenhum. Para que continuam então ensinando nas escolas que Jesus Christo morreu ás trez horas da tarde de sexta-feira santa? Para que precisam as creanças saber isso, se os pais, em sexta-feira santa, ás trez horas da tarde, em vez de as levarem á igreja para fazer oração, as conduzem á Avenida para dar um passeio? Para que não declaram então, francamente, que não ha religião do estado, que Jesus Christo acabou o seu tempo, e que todos os dias são uteis para o trabalho e proprios para o regabofes?

Andar a ensinar ás creanças que o christianismo é uma religião sublime, de paz e amor, e no anniversario da morte de Christo fazer de conta que se está n'um dia como qualquer outro, embora o calendario lhe chame *santo*, é um contrasenso de tal ordem, um disparate tão completo, que não resiste á critica de um saloio.

O clero, deixem-m'o dizer francamente, tem culpa n'isto. Elle não faz, parece-me, a propaganda activa, insistente, que devia fazer para contraminar a corrupção do seculo. Não propaganda de beaterio, de fanatismo, de cegueira religiosa, que essa não a quero eu, porque apenas serve para estragar os es-

piritos; mas propaganda de educação religiosa, por meio de prédicas, de livros, de artigos nos jornaes.

Se o clero quizesse trabalhar, assumiria a responsabilidade de ser elle proprio quem, durante a semana santa, collaborasse nos jornaes do paiz em artigos de materia religiosa; muitos jornaes lhe facultariam as suas columnas, logo que se não tratasse de fanatisar o povo, mas apenas de o educar convenientemente.

O que se passa nas egrejas é simplesmente indecoroso e vil, odioso e infame.

Sua eminencia o cardeal patriarcha dirigiu este anno uma circular ao clero parochial e ás mesas das irmandades recommendando-lhes a policia dos templos, mas, triste é dizel-o, foi tempo e papel perdido.

Estive quinta feira santa na igreja de S. Roque, e tive vergonha de ser portuguez.

Caixeirolas e estudante'hos imberbes, entrando em grupo, diziam coisas ás senhoras, simulavam contendas por concorrencia amorosa, desafiando-se para o meio da rua. E sahiam a rir uns com os outros, empurrando quem queria entrar.

Dentro da igreja havia um borborinho proprio de arraiaes, um vozear indecente, um arrastar de pés brutal.

Concluí que o catholico é durante a vida um fanfarrão, e na hora da morte um cobarde, em relação a Deus e á religião do estado.

Emquanto tem saude, mostra-se espirito forte, ri da credulidade dos outros, envergonha se de ser um crente. Quando a morte se avisinha, a pusilla-

nimidade domina-o, treme de medo, pede um padre e o sagrado viatico.

Em nenhuma outra religião se observa o triste espectáculo de tamanha irreverencia dentro do templo; nem a tolerariam os sacerdotes e os crentes, protestantes, judeus ou mahometanos.

O que a mim me admira é a inconsequencia dos que pretendem fingir de espiritos fortes, e de avançados em reformas sociaes.

Apregoam em altos berros o principio da igualdade social, e não se lembram de que esse principio foi semente lançada á terra pela doutrina de Christo. Levou mais de mil e quinhentos annos a germinar, porque teve de vencer a resistencia de velhos e profundos preconceitos. A proclamação dos direitos individuaes, isto é, a igualdade perante a lei, não foi uma conquista da Revolução Franceza: foi um fructo, longamente amadurecido, das doutrinas prégadas por Jesus.

Os que basofeiam de demolidores ignoram que o christianismo foi uma alavanca de demolição. Graças á sua acção, ficou abalada para todo o sempre a organização social do mundo antigo, desde a constituição da familia, em que a condição da mulher se transformou completamente, até ao regimen politico dos povos christãos, tendo por base o principio da igualdade.

E, como elles, os espiritos fortes e os demolidores o são por ignorancia, não ensinam nos seus clubs e nas suas associações qual foi a influencia do christianismo sobre o destino das sociedades modernas.

Creia sua eminencia o cardeal patriarcha, a cujas sinceras intenções eu faço inteira justiça e presto a devida homenagem, que a educação religiosa do paiz já se não pode restaurar com circulares e conselhos de paternal brandura.

Emquanto se não toma a serio a empresa colossal de fazer respeitar a religião do estado, parece-me indispensavel que sua eminencia não deixe abrir na semana santa as egrejas de Lisboa sem que os parochos ou as irmandades se compromettam a estabelecer ao longo das naves cordões de policias civis, por entre os quaes o publico terá de desfilar respeitosamente, silencioso e composto, desde que entre até que saia.

Sou, acaso, um reaccionario? Não; embora alguns, de má fé, possam acreditar o ou dizel-o.

Expuz apenas considerações que julgo de todo o ponto justas, e convenientes, porque, sem religião, não ha sociedade possivel.

Se a mim, e a todos os outros, me obrigam, para determinados casos da vida, a apresentar certidão de costumes religiosos, como é que me não libertam d'esse encargo ou não respeitam a religião que me obrigam officialmente a respeitar?

Todos os povos, qualquer que seja a sua religião, téem epocas do anno especialmente consagradas ao culto religioso. N'essas epocas são intransigentemente observantes dos deveres que a sua religião lhes impõe e, o que mais é, se um estrangeiro os visita n'essa epoca, obrigam-n'o a respeitar o culto nacional, não lhe admittem que o desacate por o menor acto de menos respeito.

Nós cá, então, não só nos não importamos com o que fazem os outros, mas somos até os primeiros a mostrar que não ligamos grande apreço á religião que professamos.

Toda a gente sabe que em quinta-feira maior ha quem frequente as egrejas para dar beliscões, apalpadellas, encontrões ás damas que vão entrando ou saindo.

E' uma pandega annual, de que os rapazes ficam á espera de um anno para outro. Ouvem-se ás vezes gritos dentro dos templos, em quinta-feira maior. O que foi? Foi uma senhora que se sentiu apollegada na polpa do braço, ou osculada em plena face, o que aliás tem succedido muitas vezes.

Acontece isto em qualquer outro paiz? Não, decerto. Cada povo tem a sua época de folia, e de santidade. Mas por mais que esteja atrazado em civilisação, o que qualquer outro povo não faz é confundir a santidade de um dia com a folia de outro, é ir para os seus templos, seja sinagoga ou mesquita, como quem vae para um batuque ou para uma orgia, divertir-se.

Entre nós a casaca serve para tudo, para o theatro e para o jantar; menos para a igreja. Antigamente levava-se em rigor andar visitando de casaca as egrejas, em quinta-feira maior.

Pois hoje veste-se a casaca para ir a S. Carlos ouvir cantar o *Barbeiro de Sevilha*, não se veste a casaca para ir á igreja em quinta-feira de Endoenças!

Gravatas de côr, calças de côr, até isso havia este anno, porque tudo vae de mal a peor.

E aqui está como eu, a quem a hypocrisia repugna profundamente, levei todo este tempo a ralhar contra aquelles que, embora não creiam em Deus, deviam fingir ao menos, em attenção aos outros, que nunca deixaram de ser religiosos.





III

AS ANDORINHAS

DE varias terras do paiz annunciam a chegada das andorinhas.

Como temos um bello clima, que ainda não pôde ser empenhado por governo nenhum, é Portugal um dos paizes que na Europa do sul primeiro recebem a visita d'estes bemfadados passari-nhos, nuncios da luz e do calor.

Os francezes não vêem chegar as andorinhas antes de meiado abril. Mas, graças ao benigno céu de Portugal, já em fevereiro as vemos este anno, e n'um movimento de sympathia as saudamos, porque ellas são, como diz o povo, as gallinhinhas de Nossa Senhora...

Regressam do norte d'Africa, onde, procurando uma temperatura confortavel, foram passar o inverno. Voltam aos mesmos sitios d'onde partiram, porque nas andorinhas as affeições são persistentes — muito mais do que em certas pessoas.

Uma vez houve certo curioso que, no fim do outomno, metteu sob a aza de uma andorinha um papel que dizia :

Quem pergunta
Quer saber :
Esta andorinha
Onde vae ter ?

Na primavera do anno seguinte, a andorinha voltou ao mesmo local, trazendo a resposta : «Á ilha da Madeira, a casa d'um picheleiro.»

Poderiam o curioso e o picheleiro manter assidua correspondencia, se isso lhes dêsse gosto, porque o mensageiro alado não falhava emquanto tivesse alento para voar. E' de suppôr que os namorados se tenham valido alguma vez da recovagem das andorinhas, e pois que ellas voltam sempre ao mesmo sitio, quero crêr que não sejam outros os passarinhos a que se refere a cantiga :

Meu amor, se te prenderem,
Escreve-me do caminho :
Se não tiveres papel,
Nas azas de um passarinho.

Como as pessoas — e ainda mais do que as pessoas talvez — as andorinhas amam a sua casa, o ninho que fabricaram.

Succede ás vezes que, no regresso de Africa, o encontram usurpado pelos pardaes, que são preguiçosos e ladrões. Então junta-se um bando de andorinhas e, á custa de trabalho, entaipam o pardal usurpador dentro do ninho de que arbitrariamente se havia apossado. Lição de justiça dada a muitos

povos, que se deixam escravisar por dominadores intrusos. Nós, para expulsar os Filippes de Castella, esperamos sessenta annos. As andorinhas não gastam mais de sessenta minutos para encarcerar o pardal, que morre á mingua, e depois de morto é expulso.

Voltam, pois, as andorinhas ao mesmo paiz e ao mesmo ninho, porque não é proprio de corações delicados mudar de habitos e costumes. Ha um encanto especial em ver os mesmos objectos, a mesma luz e o mesmo céu, que durante alguns mezes tivemos de abandonar. A vida cria raizes como as arvores. As affeições renovam-se como as flores. Ditoso quem não desconhece a delicia de encontrar novos attractivos n'um amor antigo. Ditosa a andorinha que se conserva tão fiel no amor como ao sol em que uma vez se aqueceu, ao clima em que uma vez respirou.

Tem de singular esta ave que as suas relações conjugaes apenas se interrompem pela morte de um dos dois amantes. A viuvez das andorinhas é mais duradoura que a dos viuvos e viúvas. Não vestem crepes, porque lá diz o sermão da montanha que as avesinhas do céu e os lirios do valle não curam do vestir. Mas a andorinha que ficou solitaria, pela morte do seu fiel companheiro, não torna mais a cantar.

Diz a lenda que as viúvas na India antiga se lançavam á fogueira para não sobreviver ao esposo que perdiam. E' uma lenda, bem sei, porque se o não fosse, deixaria de existir no sanscrito a palavra *vidhava*, que significa viúva. O que a lei de Manú

determina é que a mulher, quando sobrevive ao marido, se conserve casta a ponto de não pronunciar o nome de outro homem.

Mas a andorinha, que não se rege por nenhum código além do do seu coração, conserva-se viúva e casta, deixa-se morrer a fogo lento no silêncio e na melancolia, emmudece, definha, morre também.

Tão excepcionaes qualidades, que o seriam nas pessoas quanto mais nas aves, têm merecido sempre o respeito e a sympathia dos povos. Os romanos consagravam as andorinhas aos Deuses Penates, talvez porque ellas symbolisavam a fidelidade domestica, a dedicação no amor de familia. Não as matavam, por isso. A tradição, herdada dos romanos, ficou subsistindo entre as nações romanisadas. O nosso povo não persegue as andorinhas e crê que o matar-as vale tanto como provocar desgraças, que não tardarão muito.

O christianismo, que é uma religião de amor, não podia esquecer as andorinhas, que são ternamente amáveis.

Na Normandia conta-se que duas aves foram poisar sobre a cruz de Jesus Christo no alto do Calvario. Uma era a pêga, então ornada de lindas penas, que insultou a Jesus moribundo, e que por elle foi condemnada a perder as graças da sua antiga plumagem.

Outra era um passarinho cinzento, que em torno da cruz soltou doloridos pios, que com as pennas das azas procurou enxugar as lagrimas do divino crucificado, e que com o bico lidava por arrancar-

lhe da cabeça os espinhos da corôa humilhante. Desde então essa ave abençoada recebeu o condão de levar a toda a parte a alegria e a felicidade, bem como de pôr ovos que são azues como o céu; e desde então conserva no pescoço a mancha do sangue que sobre ella deslisou da frente de Christo. D'ahi vem a origem do seu nome — pintarrôxo.

Em Hespanha, porém, crê-se que foi a andorinha que desempenhou a piedosa diligencia attribuida ao pintarrôxo na Normandia.

Estava Jesus pregado no madeiro do supplicio sobre o monte Golgotha. Não podia ser mais árido, nem mais repulsivo para as aves do céu o terreno, sobretudo para as andorinhas, que tanto amam a amenidade luminosa do arvoredos. Golgotha quer dizer — craneo — provavelmente porque a terra era ahi sêcca e tinha a configuração de uma cabeça calva. Ficavam perto os muros de Jerusalem, a cidade maldita, deslavada n'uma pallidez de crime, como a physionomia do réprobo.

Soldados e povo tinham acompanhado Jesus; e entre o povo havia algumas mulheres que lastimavam a sorte d'aquelle doce e debil nazareno.

Christo dissera-lhes: «Filhas de Jerusalem, não choreis sobre mim, mas choraes sobre vós mesmas e sobre vossos filhos».

E essas mulheres quedaram-se no Golgotha, assistindo de longe ao supplicio. Entre ellas estava Maria de Magdala. E, sentada ao pé da Cruz, Nossa Senhora, *Mater Dolorosa*, chorava.

E os judeus cobriam de sarcasmos Jesus Christo, dizendo-lhe: «Se tu és o filho de Deus, desce da

cruz. Pois salvaste os outros e não podes salvar-te a ti mesmo !»

O céu, affrontado de tantas blasphemias, cobriu-se, á hora sexta, de trevas densas e profundas. A escuridão de uma noite sinistra afogou o sol do meio dia, e até ás trez horas da tarde — a hora nona — não se via palmo de terra nem de céu.

As aves de rapina, amedrontadas pele negrura do ar, tão cerrada que lhes cegava a agudeza da vista, procuraram os seus escondrijos na garganta escura do Gehennon, d'onde rebentava estrondosa e horrisona a torrente do Cédron. Nem um sopro de vida, nem um raio de luz passavam sobre os dois valles do Cédron e do Hinnom para varrer os horrores d'aquelle dia tremendo.

Perto da hora nona deu Jesus um grande brado, exclamando: «Eli, Eli, lamma sabachthani!» (Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste !)

E os judeus chasqueavam dizendo: «Elle chama por Elias? Vejamos se vem livral-o».

De subito, rompendo a treva espessa, surge do lado do poente, d'onde a torrente do Cédron bramia mais impetuosa do que nunca, um enorme bando de andorinhas, que passaram intemeratas sobre a garganta escura do Gehennon, infestada de aves sinistras, e se dirigiram para os muros de Jerusalem procurando, fóra d'elles, a altura do Golgotha.

Ainda que o sol brilhasse, ellas havel-o-hiam encoberto como nuvem de tempestade. Mas a escuridão era caliginosa, e só o instincto poderia guiar o vôo de uma ave no céu e os passos de um viandante na terra.

E quando as andorinhas chegaram, Jesus, tornando a dar um grande brado, expirou.

E n'esse momento a terra tremeu, e partiram-se as pedras. Na garganta do Gehennon repercutiu-se um estampido medonho, como de trovão que estalasse a pequena altura do solo.

Impavidas, as andorinhas rodeiaram a cruz onde Jesus expirára, e qual d'ellas, disputando o lugar ás outras, procurava arrancar, torcendo-o com o bico, um espinho da corôa que cingia a cabeça pendida do divino morto.

E não pipitavam, nem sequer se lhes ouvia o fre-mir das azas.

Cuidar-se-ia que o pallido e exange nazareno era o esposo dos seus castos amores, porque ellas perdem a voz na viuvez.

Dez mil espinhos, diz a trova hespanhola, foram arrancados pelas andorinhas á corôa de Jesus Christo :

En el Monte Calvario
Las golondrinas
Le arrancaron á Christo
Diez mil espinas.

Na tradição russa, quando os judeus trataram de crucificar Jesus, as andorinhas fugiram com os pré-gos, mas os pardaes foram buscal-os e trouxeram-n'os. E quando o Redemptor gemia pregado na cruz, os pardaes, para incitar os algozes, gritavam: «Jif! jif!» (Elle vive! elle vive!) Mas a andorinha, para que os tormentos cessassem, exclamára : «Umer! umer!» (Está morto! está morto!)

Por isso ainda hoje na Russia a andorinha é uma ave bem dita.

Os rhodios, quando as andorinhas chegavam, entoavam um cantico em acção de graças pela felicidade e alegria que ellas traziam.

Nós, os portuguezes, que temos tambem a mesma crença, e que só poderemos esperar algum auxilio do céu, porque dos homens desesperamos ha muito, imitemos os rhodios, saudando-as como elles e com elles dizendo: «Bemvindas sejam as andorinhas.»





IV

1.º DE ABRIL

ERA com grandes festas populares que o mez de abril entrava na Grecia antiga.

Commemorava-se, entre danças e cantares nacionaes, uma das celebres façanhas de Theseu: a de ter dado cabo do Minotauro, que devorava cada anno seis rapazes e seis raparigas.

Eu não sei até que ponto seria symbolico este Minotauro devorador...

Mas não custa a crer que fosse muito penoso aos gregos estar a engordar meninos e donzellas para os ver tragados pelo monstro terrivel.

De modo que nunca mais perderam de memoria, em gerações successivas, a alegria que sentiram quando Theseu os emancipou d'esse execrando vexame gastronomico.

Felizmente, no nosso paiz, os Theseus em tempo algum causaram estragos tão importantes, mas o

1.º d'abril, em Portugal, como em muitos outros paizes, exceptuando a Hespanha, é commemorado com manifestações de alegria popular.

Nos campos, o lavrador mostra-se contente de ouvir cantar o cuco recémchegado, porque

Se o cuco não vem
Entre março e abril,
Ou cuco é morto
Ou está para vir ;

e, ouvindo-o já ou esperando o ainda, trata de pregar logros aos vizinhos, pois que segundo reza a tradição, o 1.º d'abril é «o dia dos enganos».

D'onde procederia este costume, tão divulgado na Europa, de fazer «partidas» e pregar pêtas no 1.º dia d'abril ?

São varias as versões, porque em geral são muitos os sabios, e cada um d'elles quer explicar melhor do que os outros o que nenhum d'elles tem a certeza de explicar bem...

Diz-se que Luiz XII conservava guardado á vista, no castello de Nancy, um principe da Lorena. O prisioneiro encontrou meio de fugir, no 1.º d'abril, atravessando o Meuse a nado. E por troça os lorenos ficariam dizendo que o seu principe fôra «um peixe dado a guardar aos francezes.»

Outra versão aproveita a circumstancia da Paixão de Christo vir depois da lua de março, e sustenta que a maneira irrisoria por que o Filho de Deus foi enviado de Annaz a Caiphaz, de Caiphaz a Pilatos, de Pilatos a Herodes e de Herodes a

Pilatos, deu causa a que no mez d'abril ficasse em tradição o praticar-se algum logro commemorativo.

Mas esta versão tem o inconveniente de não explicar a adopção da palavra — peixe — que se tornou tradicional.

Apparece ainda uma terceira variante. E' em abril que a pesca da cavalla principia. Quando os pescadores voltam do mar com pouco peixe, ha o costume, em algumas localidades, de fazer-lhes surriada. Succedendo isto aos pescadores da cavalla, o povo gritava lhes ironicamente: «Ah! ah! é peixe de abril!»

Finalmente, uma quarta etymologia diz que — o peixe — provirá da coincidencia do sol entrar em abril na constellação zodiacal denominada—Os peixes—, mas isto tambem não explica o costume de pregar logros e enganos no primeiro dia do mez.

Ora aqui está o que a sabedoria humana tem espremido até hoje a respeito da origem de uma locução e usança populares.

E' da gente se vêr grega e ficar com raiva ás etymologias!

O que não padece duvida é que o costume dos enganos dura ainda muito vivo em quasi todos os paizes da Europa, o que sempre é um pouco mais divertido do que querer saber d'onde vem a tradição.

Em Genova, no 1.º d'abril, o povo desculpa-se, na presença dos enganados, desfechando-lhes na bochecha este proverbio:

Al primmo d'avri
Una burla se pocu di.

E os genovezes mandam-se, de casa a casa, de familia a familia, cartas carnavalescas, que auctorisam com esta formula final :

Gri, gri !
L' é o primino d'avri.

Em Parma é costume dar caça aos tolos n'este dia. Ditosa terra ! onde a gente pode correr com os tolos ao menos uma vez por anno !

Um adagio parmesão passa de bocca em bocca no 1.º d'abril :

Al prim d'avri,
A s'fa coror i pit.

Na Allemanha subsiste uma locução, que significa desdem ou desprezo : mandar alguém para abril. Importa pouco mais ou menos o mesmo que entre nós o euphemismo de convidar alguém, no sul, a ir a Palmella ou, no norte, a dar um passeio «abaixo de Braga».

Pelo menos, vale tanto como chamar tolo a qualquer.

E desdobra-se a phrase n'outra, quando se trata de um sujeito que é useiro e vezeiro em fazer e dizer tolices : «Aquelle já tem ido a abril.»

A' expressão *april naar*, na Allemanha, corresponde em Inglaterra o — *april fool* — um tolo de abril, para designar a pessoa que facilmente tem sido enganada muitas vezes no primeiro dia d'aquelle mez.

Em França, os logros d'abril são mais frequen-

tes na provincia do que em Pariz, mas ainda assim encontram-se á venda nas papelarias da grande capital, desde a manhã do dia 1.º até á noite, cartas impressas participando casamentos, baptisados, *soirées*, com que os parizienses se engarripam uns aos outros.

Nas lojas de mercieiro entram durante o dia muitos «tolos d'abril», criados palonosos, que são mandados ao engano, e que, chegando ao balcão, desatam a pedir :

- Meio kilo de sal insôso.
- Um quarteirão de ovos de gallo.
- Dois *sous* de pó de patagão.
- Uma garrafa de azeite para tirar nodoas.

O mercieiro, os marçanos, os freguezes espertos largam a rir, ás gargalhadas, da lorpice d'esses pobres serviçaes provincianos que ainda não abriram bem os olhos em Pariz e acreditaram «o peixe d'abril».

Todos lhes fazem uma troça desabalada, ruidosa, de modo que os «enganados» saem da loja aturridos como um toiro que, muito enfeitado de bandarilhas, sente o ruido da fanfarra, o barulho das palmas, a vozeria dos espectadores que applaudem.

Mas com as creanças, o caso é diferente: não se lhes faz troça, acha-se-lhes graça. Chega a ser uma galanteria vel-as entrar nos estabelecimentos commerciaes e pedir muito espevitadas :

- Dê-me uma corda para amarrar o vento.
- Quero comprar um pau que tenha uma ponta só.

—Faça favor de me vender uma onça de gaz engarrafado.

E, nas *halles*, as vendilhôas fartam-se de se divertir com os pequenitos, que andam á procura «de um peixe sem espinhas».

Ora, justamente, o peixe que em casa lhes mandaram buscar é o «lucio», em francez *brochet*, um peixinho de agua doce, que tem muitas espinhas.

N'isto é que está o melhor da chalaça.

Na provincia a patuscada é ainda maior, porque os palonsos e tansos são ahi mais numerosos.

Em a baixa Bretanha o «peixe de abril» deveria ser pequeno, a julgar pela locução local, que diz—*peskik avril*—pequeno peixe d'abril, mas attinge proporções de cetáceo pela risota a que dá origem.

Fazem-se assuadas enormes, os «enganados» são corridos até casa com vaias e gritos atroadores.

Em Dournenez trocam-se os recados para confundir os ingenuos: mandam-n'os comprar á botica um legume e ao mercado um remedio.

Em Audierne é costume dar-lhes ordem para que vão procurar, por qualquer preço que seja, «a pedra d'amolar a crina» e recommenda-se-lhes que não voltem a casa sem trazel-a.

Em Châteaubin os padeiros vêem entrar pela porta dentro freguezes palermas que reclamam alguns *sous* de «pão comido».

Chega a parecer impossivel que alguém caia n'um logro d'estes, tão grosseiro; mas tudo se explica lembrando-se a gente d'aquelle atilado Salomão que dizia: o numero dos tolos é infinito.

E, se querem desenganar-se, vão os senhores

perguntar aos padeiros de Châteaubin se não é verdade que, no dia 1.º d'abril, os freguezes se impacientam por elles não terem á venda «pão comido».

Mas a França gosta de rir, e por isso mais admira que a Inglaterra e a Allemanha, que são graves, a iguaem, se não excedem, nas chalaças e «partidas» do 1.º d'abril.

Nas visinhanças da Escocia a folia de que é alvo o *april fool* vae de foz em fóra.

Conta Henderson, no seu *Folklore*, que foi incumbido de ir a uma pharmacia comprar oleo de aveleira, e que o boticario, furioso, o correu até á rua sacudindo-lhe o pó das costas com uma varinha d'aquella mesma arvore.

Era o oleo que lhe podia dar, já que o queria de aveleira...

Mas a chalaça mais frequente nas provincias do Reino Unido consiste em deitar no correio cartas para differentes pessoas com este distico :

The first and second of Aprile
Hound the gowk anoter mile.

O que vale tanto como dizer : nos dois primeiros dias de abril enxota o cuco até ao anno seguinte.

Na Allemanha, e em não menos culta cidade que Berlim, vão as creanças ás boticas, porque a isso as induzem, comprar sangue de caranguejo ou somente de mosquitos.

O que ha de mais extraordinario em todo esta folia do 1.º d'abril é que na ilha de Sena, uma pequena ilha do Atlantico, os seus seiscentos habitantes, que não serão mais, substituiram o 1.º

d'abril pelo dia 10, e o peixe tradicional pelo gallo — *Kok avril*, o que invalida um pouco a hypothese dos sabios, de que a origem da tradição foi commun para todos os povos que a conservam.

Aqui estão os sabios mais uma vez em risco de naufragar.

Ora a ilha de Sena, que tem o «gallo», fica de frente de Douarnenez, que tem o «peixe».

Pede-se explicação aos sabios, especialmente aos da nossa Academia.

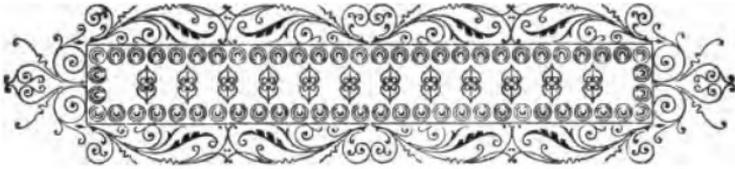
Em Portugal, além das pêtas que os jornaes costumam pregar no 1.º d'abril, ha o costume, especialmente nas provincias septentrionaes, de mandar cartas em branco, cartas sem estampilha, caixas contendo ratos vivos; de pôr nas ruas, pregada com um preguinho, alguma moeda de cobre para tentar os transeuntes; de chamar das janellas, e esconder-se logo, quem vae passando descuidado; de dar recados trocados, aos criados e ás creanças, para que vão cumpril-os, etc.

Em Hespanha o dia dos logros e brincadeiras não é o 1.º d'abril, mas o da festa dos Santos Innocentes, a 28 de dezembro.

E tem isto, ao que parece, mais alguma razão de ser, porque, attendendo á folhinha ecclesiastica, a paciencia dos «innocentes» é experimentada até á «santificação» em homenagem aos Santos Innocentes, que a Egreja celebra.

Mas os costumes populares são como os gostos de que fala o proverbio: acceitam-se taes como são.

E o melhor, para socego da gente, é não os discutir.



V

MAIO

MAIO, mez das flores, mez de Maria, a rosa mystica do jardim do ceu, eu te saúdo. Já não estou com paciencia para soffrer espinhos ; quero-me entender apenas com as flores.

E eil-as que chegam.

Trazem aroma e côr, as mais bellas ; trazem apenas côr, as mais vaidosas ; apenas aroma, as mais castas.

Que as flores hão de ser eternamente comparaveis ás mulheres ; a comparação triumphará sempre, por mais que os poetas a estafem.

Rosa de cheiro, aroma e côr : mulher bella no corpo e no espirito.

Dhalia, côr sem aroma, mulher de lindo aspecto : boas côres, lindas formas ; mais nada.

Madresilva, doce aroma, apparencia modesta :
mulher que não é bella senão na alma.

Mas agora salta d'ali um argumentador de bote-
quim a perguntar-me :

— E a que mulher compara o senhor a sardi-
nheira ?

Ah ! por essa «deixa» estava eu morto, para des-
fiar o assumpto.

Quer que lhe diga ? Não tenho pela sardinheira
o desdem que ella provoca geralmente.

E' certo que nas flores, com serem pequeninas
quasi todas, avulta a grandeza de Deus, Supremo
Artista, que parece ter-se excedido a si mesmo
sempre que trabalhou ao buril.

Ahi estão como prova a violeta e o myosótis,
flôres de jardim ; e todas as flores do monte e to-
das as boninas do campo, quanto mais pequeninas
mais graciosas.

Mas pegar de uma sardinha e de uma flor e fa-
zer a sardinheira — só Deus o podia conseguir.

Ahi é que Elle é, ahi é que Elle foi principal-
mente grande.

Ponham deante do senhor critico uma sardinha
viva a debater-se nervosa nas malhas da rêde do
pescador.

Parece, não é verdade ? uma laminasinha de prata
palpitante de vida.

Pois faça favor de vêr se consegue transformal-a
em flor, por mais voltas que lhe dê de um lado para
outro ; por mais que a torça e retorça, a quebre e
requebre.

Está-se nas tintas !

Ponham deante do senhor critico uma sardininha assada, que faz lembrar um peixinho de ouro fôsko, maneirinho e gentil.

Dê-lhe os pratos que quizer, os geitos que puder, e não será capaz de tirar d'ali flor nenhuma.

Isso é elle!

Deus Nosso Senhor, depois de ter creado todas as mais bellas flores, a rosa, o lirio, o lilaz, o jasmim, quantas outras! começou talvez a brincar com uma sardinha, contente de a ter feito pequenina para que nunca encarecesse tanto que os pobres a não podessem comprar e, de repente, talvez para experimentar a sua mesma omnipotencia, pegou n'uma flor, juntou-as na palma da sua mão creadora, fechou por um momento a mão, abriu-a depois, e surgiu a sardinheira — meio flor, meio sardinha; flor pelo feitio, sardinha pelo cheiro.

Ora aqui está por que eu não faço côro com os que desdenham da sardinheira.

Mas a que mulher a comparo eu?

A' mulher de mau genio, que é mulher, para se fazer amar, e homem, para se fazer temer; como a sardinheira é flor para se fazer admirar, e sardinha para se fazer repellir.

Dá nos a mulher de mau genio um beijo? E' flor.

Arrancou contra nós n'um rompante violento? E' sardinha.

Mas a sua força está justamente n'isso: em não sabermos ao certo quando deixa de ser flor para ser sardinha e quando deixa de ser sardinha para ser flor...

Quando é sardinha, dá-nos vontade de a trincar.

Quando é flor, dá-nos vontade de a beijar.

O peor é que ella não deixa nunca de ser ambas as coisas ao mesmo tempo.

E aqui está por que as mulheres de mau genio vão tendo sempre consumo.

Não conheço escriptor nenhum que fizesse o elogio da sardinheira. Fil-o eu agora. Está feito. Tanto melhor para mim, porque as mulheres de mau genio não me hão de ficar aborrecendo muito.

Reconheço-lhes 50 0/0 de flor. N'uma epoca de difficuldades financeiras já não é nada mau. Por isso alguma coisa téem ellas que agradecer-me.

Mas d'ahi até querer eu tomar a sardinheira por divisa, vae uma distancia enorme.

Hay que distinguir.

A minha flor predilecta é a madresilva.

Tanto a amo, que até lhe sei o nome em latim, prova de consideração que a poucas flores dispenso...

Chamam-lhe os botanicos *caprifolium*, porque, nascendo ella á beira dos caminhos, as cabras que vão passando lhe rôem as folhas, de preferencia a outras.

Li isto algures, e se não fôr assim, parece até certo ponto que o pode ser.

Madresilva se lhe chama na linguagem vulgar, talvez porque nasce entre as silvas nas sebes e muros dos câminhos:

... a madresilva modesta,
que espreita á beira da estrada,

como se diz no *D. Jayme*.

Vive afogada entre silvedos, n'um logar humilde. Não faz ostentação de si mesma, e comtudo, sem que o pretenda, faz-se lembrada de quem passa.

Envia uma saudação ao caminhante, ao rico e ao pobre, a todos: dá-lhe uma caricia de aroma, um «bom dia» de perfume.

Não se arrasta pelo chão como a violeta nos jardins, e a bonina nos campos. Lá isso não. Ala-se, parede acima, para o seu Creador, como agradecendo o ter-lhe dado alguma coisa que a faz estimar.

Nem servil, nem orgulhosa.

Se a gente a colhe e a põe dentro de uma *flute* de crystal, ella procura todos os meios de nos ser agradável até ao ultimo momento.

O seu aroma não se extingue senão com a vida.

O seu ultimo canto realiza o que a respeito dos cysnes não passa de fabula: é uma melodia de perfume.

Faz-me lembrar a saudade, que refina com o tempo; — passam os dias, e a madresilva parece tornar-se mais olorosa ainda.

Encantadora flôr! sê a minha divisa, porque tu és alguma coisa do meu proprio destino...

Nunca fui dos grandes, nunca jantei á mesa dos «vencidos da vida» e algumas vezes me tenho sentido estimado na sociedade.

E, á medida que vou envelhecendo, sinto mais activo dentro da minha alma esse perfume de poesia, que fez sempre a delicia da minha existencia, porque por elle attingi a comprehensão das coisas bellas e grandes.

Pouco me importa que me procurem ou não ; que me applaudam ou censurem.

Vivo de mim e em mim ; a minha alma me basta, com a sua tranquillidade um pouco sonhadora, para não encarar a vida como uma semsaboria medonha.

Não sei por quê. Mas ás vezes, á volta do campo, com uma raminho de madresilva na botoeira, parece-me que volto de um idyllio Fóra-de-Portas com uma deliciosa mulher pelo braço.

Deliciosa por ser bella? Não. Por ser boa e meiga, carinhosa e terna, capaz de me entender, e de fazer com que eu a entenda ; nem *coquette*, nem *gauche* ; nem muito faladora, nem muito silenciosa ; nem alegre em excesso, nem triste em demasia ; nem vaidosa que incommode, nem humilde que aborreça : o meio termo em tudo, que é a felicidade dos prudentes.

E se caminho calado — porque, ainda o disse outro dia, sou um amigo do silencio — a madresilva vae cantando docemente a sua linda ária-sinha de perfume, que fala de azul e de sonho, de uma vaga felicidade que anda no ar como as borboletas e os pyrilampos, a adejar e a luzir, chamando a phantasia não sei para onde... longe da terra, muito longe, eu sei lá !

Aqui está por que eu adoro a madresilva.

E' uma flor sem fóros de fidalguia ? E', decerto. Não é comtudo mais nobre a giesta, e foi cantada por Julio Cesar Machado — esse terno poeta do folhetim.

Hoje, por todo o norte de Portugal, estão enflo-

radas as janellas e portas das choupanas com raminhos de giesta, para solemnizar a entrada de maio.

Aquellas lindas camponezas dos arredores do Porto, que não as ha mais bellas em nenhuma parte do mundo, quando hoje saem de casa, ao romper da manhã, prendem uma flor de giesta na aza da canastrilha que põem á cabeça.

E vão caminhando lépidas e frescas, parecendo que a giesta, como uma batuta florida, vai regendo os passos das lindas camponezas, a acenar de cima da canastrilha n'um rythmo uniforme.

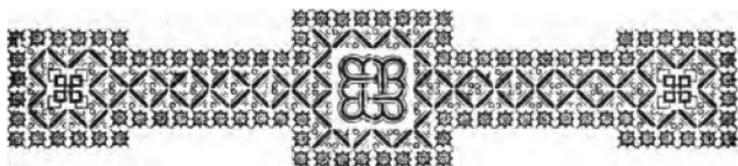
O' doiradas giestas de Portugal, que hoje annuncias a chegada do «maio menino», lembrai-vos do vosso amigo que é morto, e está a sonhar o seu ultimo folhetim alli dentro de um livro de marmore no Alto de S. João.

Deveis-lhe essa retribuição affectuosa.

Elle viu, durante muitos annos, todas as bellas mulheres de S. Carlos, as italianas e as portuguezas, todas as que cantam e encantam; elle viu de perto a grandeza de Londres, o bulicio de Pariz, a paisagem da Italia, o «salero» da Hespanha; viu os mais bellos quadros do mundo e as mais bellas flores da Europa; foi e voltou, levou-vos no pensamento, ó giestas da Derruivos, e no pensamento vos trouxe quando veio.

Sêde-lhe gratas, ó giestas de Portugal.

Maio, mez das flores, mez de Maria, a rosa mystica do jardim do céu, eu te saúdo.



VI

O MEZ DE MARIA

(CARTA A UMA COMPAÑHEIRA DE INFANCIA)

Minha senhora :

ESTA carta aberta, que de longe tomo a liberdade de enviar-lhe, conservará occulto o nome de v. ex.^a, que merece ser respeitado com as delicadas reservas devidas a todas as damas, sobretudo ás que successivas desgraças téem santificado perante os homens.

Não saberão os outros a quem me dirijo ou antes, poucos o saberão, porque o maior numero dos nossos companheiros de infancia morreu prematuramente, e os que restam ainda, veneram v. ex.^a com não menos profundo respeito do que aquelle que sempre tenho votado a tão virtuosa e malfadada senhora.

· Conservo muito viva a recordação da nossa antiga aula de primeiras letras, onde uma luz de esmeralda entrava coada pelo arvoredado do jardim, e chilidos de andorinhas, já nossas familiares, quebravam a monotonia triste das longas horas intermináveis d'aquelle duro captivo infantil.

Em frente das pequenas cadeiras de palhinha, dispostas em linhas paralelas, e reservadas ás alumnas, que constituíam a maior população da sala, havia um banco de pau, onde eu e mais sete ou oito garotitos de blusa e calção estávamos collocados a respeitosa distancia do sexo feminino, ali representado por esse numeroso viveiro de loiras e rosadas senhorinhas, que pareciam botões de rosa desabrochando na frescura bucolica de uma manhã de maio.

E nós, os sete ou oito varões em miniatura, deveríamos parecer, por nossa vez, outras tantas abelhas ardendo na impaciencia de poder zumbir á vontade por entre o rosal gracioso, que uma linha de respeito apenas defendia e preservava.

Quando a D. Rita de Cassia voltava costas por um momento, sempre desconfiada e vigilante, olho no corredor, olho na sala, algum de nós atravessava ousadamente a fronteira para ir implicar com as lindas e timidas visinhas, a quem fazíamos a judiaria de puxar-lhes pelos cabellos, de derrubar-lhes a cartilha que estavam lendo ou de roubar-lhes qualquer provisão do seu pequeno cesto de *lunch*.

Ha de lembrar-se decerto, minha senhora.

Quantas vezes os outros e eu não fomos apa-

nhados com a bocca na botija, e severamente castigados, ficando de pé, sobre o banco, com uma irrisoria carapuça de papel na cabeça!

V. ex.^{as}, as nossas condiscipulas de então, mostravam-se triumphantes quando nos viam condemnados á mitra grotesca feita de algum numero do *Braz Tizana*, ou *Nacional*, mas eram depois, e a breve trecho, as primeiras a supplicar o nosso indulto junto do poder moderador.

E a Dona Rita de Cassia acabava sempre por perdoar, para nos dar um exemplo de clemencia e generosidade que, diga-se a verdade, nos aproveitava pouco, porque reincidiamos constantemente.

De um só d'esses delictos da meninice conservo ainda remorsos.

V. ex.^a, a quem nós chamavamos «a menina santa», tinha especial devoção com Nossa Senhora. Aos sabbados, que era o dia das rezas, orava com tal fervor, pondo juntas as mãos e erguendo os olhos piedosos para o quadro que representava em gravura uma copia da *Virgem da Cadeira*, que da sua grande fé proviera a alcunha por que, á socapa, a tratavamos todos.

E, sempre que era possivel, a perturbavamos, como demonitos tentadores, na sua ardente devoção, atravessando a sala em bicos de pés para dizer-lhe, quando a D. Rita de Cassia por momentos tinha que voltar costas :

— Nossa Senhora é muito feia !

V. ex.^a, n'um desespero angustioso, tapava os ouvidos com as mãos pequeninas, arpellava os

cabellos, chorava, atormentava-se, e nós, se a ausencia da D. Rita de Cassia dava tempo pára tanto, repetiamos o delicto, com redobrada intenção :

— Nossa Senhora é muito prêta!

Então, ouvindo-a dobrar o chôro, a nossa professora voltava rapidamente á sala, com severo semblante, e após uma breve inquirição e um julgamento summario, condemnava-nos a ficarmos de Joelhos uma hora, com os braços abertos, voltados para o quadro da *Virgem da Cadeira*.

Lembro-me muito bem de que me faltava então a coragem para levantar os olhos até á altura da parede em que estava a gravura. Receiava que Nossa Senhora me fulminasse com um olhar coruscante, ameaçador. Mas, passado o primeiro momento de medo, ia erguendo gradualmenté o olhar até que chegava a abranger o quadro, de relance. Certificava-me de que Nossa Senhora conservava o mesmo ar de bondade e doçura, como de quem perdoa, e ficava tranquillo, prompto a reincidir no sabbado seguinte.

Dir-se ia que v. ex.^a, minha senhora, tinha a clara intuição de que precisaria de toda a sua fé religiosa nos duros transes futuros que lhe estavam reservados. Por isso a defendia com tamanho desespero, procurando evitar que lhe roubassemos alguma, importando-lhe muito menos que lhe podessemos roubar as provisões do seu *lunch*.

Quantas vezes não tenho eu já pensado que, se lhe faltasse como amparo a devoção fervorosa em Nossa Senhora, v. ex.^a teria acabado por succumbir aos successivos desgostos com que a sua bon-

dade e resignação vem sendo experimentadas desde muitos annos!

Morreu-lhe, minado pela tuberculose hereditaria, na flor dos annos, aquelle que amorosamente havia escolhido para completar a sua existencia, aquelle bom rapaz, tão alegre, tão amavel e bondoso, que tambem eu tivera por condiscipulo quando da aula da D. Rita de Cassia passei para a escola do Figueiredo, na rua das Taipas.

Muitas vezes nos encontramos os trez, annos depois, e falamos das judiarias com que eu e os outros garotitos de blusa e calção haviamos atormentado a infancia de v. ex.^a.

E v. ex.^a dizia-me ainda n'um movimento de afflicção: «Não repita a heresia...»

Ah! a prevenção era já então desnecessaria, porque, recordando o facto, eu proprio me esforçava por affastar do espirito uma phrase que não queria ter a coragem de pensar, muito menos de dizer...

Trez annos apenas durou a maior felicidade que v. ex.^a pôde gosar na terra; — ephemera felicidade, e unica!

A herança terrivel havia de cumprir-se: a tuberculose, transmittida de paes a filhos, entrou no lar domestico de v. ex.^a, e por um processo lentamente inquisitorial, que durou mezes, arrancou lhe dos braços o esposo querido, deixando-a viuva aos vinte e cinco annos, com duas creancinhas que só podiam encontrar protecção no desamparo da mãe...

Desde então a vida de v. ex.^a foi um heroismo inquebrantavel, uma lucta tremenda com a morte, para salvar a existencia d'aquellas lindas creanças,

Flavia e Mathilde, que eram toda a sua preocupação n'este mundo.

Quando eu acompanhava minha mãe ao *Mez de Maria*, na igreja de S. Bento da Victoria, via v. ex.^a de joelhos, com o seu espesso vestido de luto, orando cheia de fé e confiança deante d'aquellé altar de talha doirada, que parece subir para o ceu, e d'onde a imagem de Nossa Senhora despede os raios da divina graça sobre a multidão dos fieis.

Eu sentia-me profundamente impressionado na presença d'essa ardente crença religiosa, que a desgraça tinha fortalecido ainda mais no coração de v. ex.^a.

E, levantando os olhos para a encantadora imagem, em cujos labios um doce sorriso de humildade parecia brilhar tanto como um raio de sol, eu proprio me penitenciava ali das minhas leviandades de creança exclamando constricto e convicto :

— O' Rosa mystica ! ó Virgem pulchra ! orae por nós.

Não sei se v. ex.^a ouviria alguma vez esta breve invocação, que me fugia dos labios como um canticto espontaneo e sincero.

Flavia foi a primeira victima da implacavel doença herdada do pae. Aos quinze annos, morria em extasis de santa, affirmando, como a Bernardette da gruta de Lourdes, que Nossa Senhora lhe havia apparecido e falado n'um sonho de innocencia angelical.

Trez annos depois, Mathilde, tocada pela morte, despedia-se do mundo com a resignação de um martyr, dizendo tranquillamente que lhe não cus-

tava morrer, nem tinha saudades da mãe, porque estava certa de que tornariam a avistar-se no ceu.

E v. ex.^a ficava só, completamente só, sem familia, sem querer saber do mundo, onde nunca mais apparecêra senão para ir ao cemiterio de Cedofeita visitar os seus mortos, e á igreja de S. Bento da Victoria cantar, nas tardes de maio, aquelle hymno glorificador que dezenas de vozes entoam ao mesmo tempo :

O' Maria, ó Virgem pura,
Vosso louvores cantamos.
N'este mez de graça e benção
Cultos mil vos consagramos.

Estou d'aqui a vêr agora, nitidamente, saudosamente, esse lindo altar por onde sobem ramagens e pomos de oiro formando um espaldar que parece feito de luz. Estou a vêr a formosa imagem de Nossa Senhora, com a gentil cabeça um pouco inclinada á esquerda, o cabello apartado ao meio, um veo sobre o cabello, uma auréola de prata sobre o veo; os olhos meio cerrados n'um gesto de meigo assentimento a todas as supplicas; nos labios um clemente sorriso apenas esboçado; os braços abertos despedindo graças; sobre o peito um coração ardendo n'um resplendor de fogo vivo; o vestido modesto cahindo sem ondulações; o manto pendurado aos lados como dois *bandeaux* de seda; aos pés a serpente do mal mordendo a maçã do paraizo. Estou a vêr, nitidamente, saudosamente, a banqueta transformada em jardim, n'uma profusão de rosas de maio que deslumbram a vista e vaporam

perfumes como um thuribulo enorme. Vejo a grande igreja dos beneditinos sorrir em festa como se a devoção vitalisasse as pedras. Oíço o bello orgão do tempo dos frades encher com um diapasão forte e sonoro a vasta nave do templo. E no côro dos fieis, que o orgão acompanha, cuido distinguir a voz de v. ex.^a, vibrante de commoção, cantando com outras vozes :

Se estimais o ser chamada
Dos corações roubadors,
No peito dos portuguezes
Um só não fique, ó Senhora.

E destaco da multidão o vulto de v. ex.^a. Reconheço-lhe as feições, vejo accentuar-se-lhe a physionomia macerada: os olhos apagados, as faces rugosas, os cabellos brancos — o cansaço da velhice prematura.

E admiro e respeito cada vez mais essa inabalavel fé, que nenhuma desgraça tem podido quebrar, que nenhum desgosto tem conseguido abater.

E eu proprio, sem embargo de uma distancia de muitas leguas, pondo os olhos no lindo altar de talha doirada, que parece subir para o ceu, e embellesando-os na contemplação da imagem encantadora que representa a Mãe Castissima, cujo coração se patentea n'um resplendor de fogo vivo, exclamo, e repito muitas vezes :

— O' Rosa mystica ! ó Estrella da manhã ! ó Virgem pulchra ! rogai por nós .



VII

A RENDA DAS CASAS

No *Martinho*, ás 9 horas da noite, quatro rapazes sem canseiras nem preocupações, commentavam alegremente o caso do dia.

De vez emquando o dialogo era interrompido pela chegada de algum moço de esquina, Mercurio do amor, discipulo da escola da alcovitice em que o fallecido *Mangerico* chegou a ser lente de prima.

Trazia um bilhetinho, o homem.

Era para algum dos quatro rapazes que estavam á mesa do *Martinho*.

— Ora esta! exclamava o destinatario. E' a Izaura que me pede algum auxilio para a renda da casa!

D'ahi a instantes chegava outro Mercurio de sacco ao hombro,

— Tem graça! dizia o rapaz a quem o bilhete era destinado. A Encarnacion tambem se lembrou de mim para a ajudar a levar a cruz ao calvario do senhorio!

Foram se repetindo os bilhetinhos, de modo que os quatro rapazes poderiam, de papel na mão, parodiar o côro das cartas da *Gran-Duqueza*.

Com a differença de que o bilhetinho não era *adorado*, porque embrulhava uma lanceta para a sangria inesperada.

Pensavam os quatro amigos no difficil problema de arranjar dinheiro n'uma semana em que, mais do que nunca, toda a gente precisa d'elle.

Os agiotas não chegam para tudo e para todos.

As casas de penhores, na epoca da renda das casas, parecem-se com as mulheres de Peniche: passam os dias a fabricar *rendas*.

Arranjar dinheiro! Mas como?

Pelas dez horas da noite entrava no *Martinho*, segundo o seu costume, o velho Teixeira, sempre jovial e moço, sem figado e sem familia.

— Póde ser que elle nos dê alguma ideia! exclamou um dos quatro rapazes.

E o Teixeira, como um nauta experimentado que vae direito á bahia em que deseja fundear, acerrou-se da mesa.

— Olá, rapaziada fina! disse, elle, muito bem disposto, pendurando o charuto ao canto da bocca, e sentando-se.

— Bemvindo sejaes vós!

— Sentae-vos e dizei.

— Nós, os rapazes, temos o alegre jus da nossa idade.

→ O' meninos! apostrophou o Teixeira, eu não vim ao *Martinho* para tomar o *D. Jayme*. Café é que eu tomo. Querem vocês?

— Não. O que nós queremos é uma ideia.
— Isso agora é mais difficil do que um ideal.
— Sério. Queremos arranjar dinheiro.
— Falem vocês com o Burnay.
— O Burnay já está desafinado para empréstimos.
— Então vendam Lourenço Marques.
— Receiamos um conflicto internacional por causa da cobiça das potencias.

— Pois, meninos, vocês já sabem que eu não tenho geito nenhum para Montepio geral.

— Mas diga-nos ao menos o que é que se fazia no seu tempo quando trez mulheres, quatro mulheres, cinco mulheres escreviam a pedir dinheiro para a renda da casa.

— Ah! é um conselho, e de mais a mais sem carta: prompto!

E os quatro rapazes prepararam-se para ouvir, muito attentos.

O Teixeira accendeu de novo o charuto que se tinha apagado, e disse:

— Vocês sabem que eu fui sempre um admirador do bello sexo...

— Os homens não dizem o contrario.

— Nem vocês... Mas oiçam, se querem. A minha carreira aventureosa começou muito cedo. Poucos dias depois de nascer tinha a primeira aventura ainda com os olhos mal abertos.

Os rapazes riram.

— E' certo. A dama da minha estreia amorosa contava uns quarenta annos de idade bem puxados. Não era feia nem bonita: antes pelo contrario. E, sobretudo, era muito fiel ao marido.

— Mas então ?

— O diabo tece-as. Mettemo-nos ambos n'um trem, e eu, vendo que ella era inquebrantavel na sua lealdade conjugal, fingi-me amuado, comecei a chorar. Meus amigos, uma mulher, por mais firme que seja, não resiste ás lagrimas. Ella não resistiu. Vendo que as lagrimas afluavam nos meus olhos piscos, curvou-se, aproximou-me dos seus labios, e deu-me um beijo muito longo e muito gorgoiado. Foi o primeiro beijo que eu recebi fóra de casa.

— E essa mulher? . . .

— Era a parteira. E quem pagou esse beijo foi meu pae que, ao voltar da igreja, lhe metteu duas libras em oiro na mão, embrulhadas n'um papeliinho de seda.

— Bonita estreia !

— Oiçam, e aprendam. A minha segunda conquista amorosa foi uma camponeza de Odivellas, com bons dentes, bom cabello, e seis dedos na mão direita. Tambem esta era um poço de virtude. Tão poço, que todos os filhos que teve se pareciam com o pai, o que, como vocês sabem, tem sido raro em todos os tempos. Essa aventura — Deus meu ! — foi longa ; durou anno e meio. Beijavamo-nos na presença da família, e minha mãe, conhecendo essa afeição, levava a sua tolerancia a ponto de recomendar á saloia que se mostrasse commigo o mais terna possivel. Vocês já terão adivinhado de quem se trata . . .

— Era a ama de leite !

— Exactamente. Mas eu não gastei cinco reis com

essa segunda aventura. Quem pagou tudo foi meu pae.

Os rapazes riam alegremente.

— Não riam vocês, porque dentro do meu discurso — deixem-me falar com modestia — está um ninho de philosophia.

— Bem. Vá dizendo.

— A minha terceira conquista foi uma viuva, magra, mas elegante, e, sobretudo, muito instruida. Se florescesse hoje, poderia ter sido doutora. E, recommendada pela academia Real das Sciencias ou pela Sociedade de Geographia, teria talvez chegado a uma grande evidencia social. Esta senhora dispensou-me as maiores galanterias e gentilezas. Dava-me beijos e bolos, tão doces uns como outros. E amava-me tanto, que no dia em que eu a atraíçoei fazendo a côrte a uma pequena de sete annos, que se chamava Ernestina, até achou graça á minha precocidade no amor. Era a directora de um collegio de meninas na rua do Sol ao Rato; mas n'esse tempo, os meninos muito pequenos não faziam damno ás meninas, por mais taludas que fossem: e por isso o collegio accumulava os dois sexos até certa idade.

— E a Ernestina?

— Lá vamos. Meninos, olliai que quem pagou os beijos, os bolos, e as cartilhas, foi ainda meu pobre pai, a quem eu fiquei por uma continha calada. Mas vocês querem saber a historia da Ernestina...

— Queremos.

— Linda Ernestina, a minha quarta conquista! Eu dava-lhe chôchos e beliscos. Fazia-lhe judiarias

e carinhos. Tão depressa estavamos em idyllio como em guerra. De uma vez tivemos uma grande scena por causa de um soldado...

— Um soldado?!

— Sim. De chumbo. Eu queria dar cabo d'elle por ciume. Ella afagou-o mais do que devia: escondeu-o no seio. Perdi a cabeça, e tratei de ir arrancar o soldado ao quartel. A Ernestina gritou ás arinas. As outras pequenas tomaram o partido d'ella; mas eu dei-lhe as mãos ao cabello e sacudi-a duas ou trez vezes, violentamente. Entretanto o soldado, tendo ouvido chamar ás armas, poz a cabeça fora da guarita, e eu, puxando-o com desespero, feri a Ernestina no seio. Ficamos de mal uns dias, muitos dias. Por fim, reconciliamos-nos, porque eu lhe prometti casamento.

— Ao soldado?!

— Não. Eu tinha-o decapitado n'aquelle terrivel momento de furia. Prometti casamento, mas foi á Ernestina, que como todas as viúvas novas se esqueceu muito depressa do seu defunto soldado de chumbo.

— Você chegou a casar, ó Teixeira?

— Qual! Como a Ernestina ia crescendo, e eu estava preso pela palavra, tratei de mudar para outro collegio.

— E a Ernestina casou?

— Sim, casou. Vejo-a muitas vezes com o marido e com os filhos. Mora n'uma linda casa, um palacete, a Buenos Aires, mas quem paga o palacete...

— E' o marido?

— Pois já se vê que sim.

— Volte folha, ó Teixeira, e fale-nos da sua mocidade.

— Isto vai por capitulos. Na mocidade, o meu programma d'amor foi igualmente economico. Eu reduzi ainda mais os programmas politicos do que o duque de Avila. Elle dizia de todas as vezes que chegava ao poder: Moralidade e economia. Eu supprimia a palavra — moralidade — e ficava na economia.

— Como arranjava você isso?

— Declarando, com uma franqueza enternecedora, a todas as minhas namoradas, que não tinha vintem, e que odiava as mulheres interesseiras; mas que ditosa seria aquella em que eu não conhecesse sombra de egoismo, porque logo que meu tio morresse no Brazil, eu, seu unico herdeiro, faria d'ella a companheira de toda a minha vida.

— E acreditavam-n'o?

— Pudera! N'aquelle tempo o cambio não estava tão mau como hoje, de modo que um tio morto no Brazil não chegava a Portugal reduzido a menos que primo em quarto grau. Amavam-me para mostrar o seu desinteresse, mas como tardasse o dia em que meu tio devia morrer, aborreciam-se, e mudavam de rumo.

— E você tinha effectivamente um tio rico?

— Nunca tive. E por isso foi que não morreu nunca. Depois que me empreguei, fui viver para um hotel, como hoje ainda vivo, porque me impuz o dever de não pagar renda de casa a ninguem, nem mesmo a mim proprio. Estou virgem de senhorios.

— Mas nunca lhe escreveram a pedir dinheiro para a renda das casas?

— Muitas vezes.

— E você que respondia?

— Escrevia uma longa dissertação contra a cupidéz dos senhorios, dizendo que a minha escola socialista me levava a detestar essa classe execranda, para cuja prosperidade eu jámais concorreria directa ou indirectamente. Aconselhava as mulheres a imitarem o meu exemplo, indo viver para um *hotel* modesto, e dizia-lhes que se todos chegassem a pensar um dia do mesmo modo, os senhorios acabariam por ter que fechar os predios.

— E nunca lhe pediram que lhes abrisse conta no seu *hotel*?

— Pediram.

— O que dizia você?

— Que eu estava no *hotel* por caridade, e que por esse motivo o meu quarto não tinha numero.

— Mas, desculpe, ó Teixeira, as mulheres acabaram por dizer que você era um pulha!

— Não, senhor. Acabaram por dizer que eu era um finório. Foi desde então que adquiri fama de intelligente, e quem me fez essa reputação foram as mulheres. Sou-lhes muito obrigado, sem que ellas o sejam a mim.

Um dos rapazes gritou para o criado que passou perto da mesa:

— O' tu! traze o tinteiro e papel para uma carta.

— Vocês, perguntou o Teixeira, vão escrever ás mulheres?

— Pois que!

— Vamos, sim.

— E' um bom conselho!

— Então esperem um bocado, que eu tambem ás vezes gosto de ser util aos outros. Vou ao *hotel* buscar a minuta da dissertação contra os senhorios. Escusam vocês de puxar pelo caco.

Quando elle sahia, disse um dos rapazes:

— Isto é que é um finorio!

Os outros trez assobiaram.

E no largo do Camões, duás mulheres que iam para o Colyseu dos Recreios, como reconhecessem o Teixeira, disseram uma para a outra:

-- Olha que finorio!

— Ui!





VIII

A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

Não se assustem, que não vou reeditar mais uma vez a ostentosa historia da procissão do Corpo de Deus.

Depois que Ignacio Barbosa Machado escreveu a sua gorda monographia sobre a instituição e esplendor d'esta procissão em Portugal, todos os annos, a sua custa, apparecem na imprensa diaria trechos de erudição sobre a exhibição antiga da serpe, do drago, das tourinhas, das marimbas e danças que outr'ora sahiam á rua no dia de *Corpus Christi*.

Outros jornalistas, tomando a procissão em e, oca menos remota, falam dos toldos com que se cobriam os quarteirões da Baixa, do tapete de areia do Alfeite que se alastrava para ser pisado pela côrte do ceu e da terra, e recordam os colletes brancos com que era galante estreiar o verão n'esse dia.

Pela minha parte fugirei do drago, que ando farto de dragões authenticos, os quaes todos os dias se atiram por ahi á gente, para nos morder com unhas e dentes; tambem fugirei dos colletes brancos, porque sempre lhes preferi os pretos.

Mas lembrarei, por conversar, aquella procissão de *Corpus*, que eu vi algumas vezes na provincia, n'uma velha cidade, ciosa dos seus pergaminhos de nobreza, onde floresciaam bolorentos fidalgos descendentes de grandes personagens remotas e onde ouvi contar a historia d'aquelle soberbo neto da senhora D. Mécia Lopes de Haro, sédiça dama que fez as delicias de D. Sancho o Capello.

Ali ao pé nascêra el-rei Affonso Henriques, n'um castello cujas ruinas rangiam ao menor sopro de vento, como se fosse de cartas esse castello.

Todos os fidalgos de algumas léguas ao redor tinham orgulho em haver aberto os olhos n'essa nobre terra portugueza, que fôra berço da monarchia dos lusos, porque a fidalguia, como as aguas medicinaes, parece ter maior virtude quando é colhida na origem.

O que é certo é que as illustres familias d'essa velha cidade affonsina tinham acompanhado tão dedicadamente a sorte do desmantelado castello real, que foram fortes em quanto elle o foi e, no transcurso dos seculos, se deixaram arruinar como elle.

O neto da sr.^a D. Mécia, como a si proprio se designava, por estar convencido de que D. Sancho II tinha reinado pouco tempo antes, tal era a pujança do sangue real que sentia ainda correr nas

veias, esse intransigente fidalgo, que por honrar memórias de família se chamava D. Lopo Dias Cabeça Brava, estava tão abalado em seus haveres como o castello real em ruínas, mas conservava ainda todo o orgulho de raça que parecia inspirar-se n'essas mesmas ruínas.

Algumas vezes, aprumando-se altivo deante de um crédor, costumava dizer apontando para o castello de Affonso Henriques :

— Os meus pergaminhos são como aquellas ruínas : não ha dinheiro que os pague.

E a falar verdade os crédores acharam tanto de que lançar mão como se estivessem dentro do castello desmantelado.

Não havia no palacio do fidalgo senão paredes hypothecadas, na alcôva um leito de espaldar braçozado, na casa dos arreios um xairol desbotado pelo tempo, e na cocheira um cavallo castanho pêsinho, boquilavado, isto é, com a parte inferior da cabeça esbranquiçada.

Não era esta circumstancia, aliás vulgar, que valorisava o cavallo de honra de D. Lopo Dias Cabeça Brava.

Não. Esse boquilavado, se o levassem á feira do S. Martinho em Penafiel, valeria pouco — meia duzia de moedas, se tanto.

Mas representava os ultimos restos do esplendor de uma família, que nascêra no leito de um rei. Era, com o fidalgo, tudo o que restava de D. Mécia Lopes de Haro. Quando o boquilavado sahia á

rua em missão honorífica, parecia orgulhoso de conduzir imaginariamente sobre o dorso o capello do sr. D. Sancho II, de saudosa memoria.

E, todavia, não era o capello, mas um xairol, quasi sem côr, reliquia veneranda de uma casa nobre, o que lhe punham como distinctivo de honra da illustre familia dos Cabeças Bravas.

E o cavallo, já muito velho, n'uma lenta decadencia de senectude, parecia compenetrar-se da sua alta missão representativa, meneando-se ainda gentilmente como a dizer para todos os fidalgos d'aquella terra:

— Visitas da sr.^a D. Mécia Lopes de Haro.

Acontecia isto todos os annos em quinta-feira de *Corpus Christi*, quando o cavallo sahia á rua com o seu xairol de gala, para representar a mais nobre casa da cidade.

Em Lisboa os cavallos do estado de S. Jorge pertencem á Casa Real, mas na provincia são fornecidos pelas familias mais illustres, que os fazem acompanhar por criados de libré.

E' um privilegio que anda em certas familias, e de que ellas se vangloriam muito.

Os novos titulares podem ter bastos cavallos na cocheira, lindos cavallos com lindos arreios, tudo de muito preço e estimação, mas os fidalgos velhos não consentiriam jamais que esses bellos cavallos substituíssem os seus no estado de S. Jorge em dia de *Corpus*.

E' uma regalia que vem de tempos immemoriaes, da epoca do drago e da serpe, e que é portanto tão antiga... como a serpe.

D. Lopo Dias Cabeça Brava tinha á esquerda do seu palacio um barão moderno, e á direita um visconde ainda de mais recente data. Qualquer d'elles possuia bons cavallos, ensinados no Porto pelo alquilador Raymundo, da rua Formosa, que tinha pulso para domar feras, se fosse preciso.

Mas D. Lopo, que apenas possuia o seu glorioso boquilavado, a ninguem queria ceder a honra de o deixar substituir, porque n'esse dia, se tal acontecesse, apagar-se-hia a ultima tradição ostentosa da casa dos Cabeças Bravas.

Ninguem mais tornaria a receber visitas da senhora D. Mécia Lopes de Haro, de encapellada memoria.

Todos os dias, ao deitar e levantar da cama, D. Lopo pedia ao Altissimo a graça de morrer primeiro que o seu cavallo, porque não resistiria ao desgosto de vêr passar uma quinta feira de Corpo de Deus sem que a nobre e antiga casa dos Cabeças Bravas deixasse de ter n'ella a devida representação.

E o caso era realmente apertado, visto haver um só cavallo na cocheira e estar não pouco adeantado em annos.

D. Lopo, algumas vezes, pondo-lhe a mão sobre a anca para afagal o, dizia-lhe carinhosamente :

— Olá, meu velho ! não me deixes ficar mal.

E o boquilavado, muito enternecido, parecia comprehender todo o alcance d'aquellas palavras e dizer para mostrar que inteiramente as havia comprehendido :

— Visitas da senhora D. Mécia Lopes de Haro.

O fidalgo agradecia commovido :

— Obrigado, meu velho amigo.

Amigo? Sim, porque era entre os mais antigos o que ainda fazia algum favor a D. Lopo. Nunca lhe pedira nada, ao contrario dos crédores. E algumas vezes teria tido motivo para lhe pedir... mais razão. Mas não o fazia. Talvez por que não podia fallar? dirão. Qual! Porque tinha a comprehensão de ser cavallo de quem era, e porque se envergonhava de estar comendo todo o anno para ter que fazer apenas n'um dia.

Quando a procissão andava na rua, a gente da terra espantava-se de que o boquilavado ainda fosse vivo e dizia em côro, ao vel-o aproximar-se imponente debaixo do xairol desbotado :

— Ahi vem o *Macrobio!*

Era o nome ironico com que o designavam.

Ora o boquilavado, tendo ouvido dizer muitas vezes a pessoas da côrte que «el-rei tem costas» e compenetrado da sua alta missão representativa, desprezava as ironias com que o recebiam e fazendo orelhas de mercador, meneando-se ainda gentil, parecia dizer para um lado e para outro :

— Visitas da senhora D. Mécia Lopes de Haro.

Algum falso propheta — porque ninguem é bom propheta na sua terra — exclamava sentencioso quando elle passava :

— Para o anno já cá não vem.

Voltava o dia de *Corpus* e o boquilavado reaparecia, fiel ao seu dono e ás tradições dos Cabeças Bravas.

D. Lopo, quando elle sahia para a procissão, e

quando elle recolhia, ia vel-o á janella, dizia-lhe de cima palavras carinhosas, de incitamento e de amizade:

E o boquilavado levantava a cabeça, para responder com notavel intelligencia ás gentilezas do neto de D. Mécia.

O fidalgo, vendo-o affastar, ficava dizendo com os seus botões:

— Podesse eu ser Caligula, que te daria manjedoura de oiro e te faria meu consul. . .

E ao recolher da procissão, quando o cavallo entrava, D. Lopo descia á cocheira, abraçava-se lhe ao pescoço, e dava-lhe os seus agradecimentos, traduzidos em beijos de jubilosa expansão.

N'essa noite, quando o fidalgo se recostava no seu leito brazonado, agradecia ao Altissimo o ter dado mais um anno de vida ao boquilavado e entre sylvas de Padre-nossos engastava este pedido:

— Que eu vá primeiro do que elle.

Depois D. Lopo pensava no grande desgosto que teria de soffrer se ouvisse correr o sino para a procissão de *Corpus* e o boquilavado tivesse desapparecido d'entre o numero dos cavallos vivos.

Seria a extrema ruina da casa dos Cabeças Bravas.

Certo anno, ahi pelos ultimos dias de maio, D. Lopo adoecêra com uma febre minaz.

Tudo era fallar, nas horas de delirio, do seu boquilavado e da procissão de *Corpus*.

— Não faltas — dizia D. Lopo. — Já é tarde. . . Ponham-lhe o xairol. . . Vai, mostra te garboso como sempre. . . Obrigado, amigo! . . . Morramos

com honra... Minha avó a senhora D. Mécia...

No dia da procissão, arreiaram o cavallo, puzeram-lhe o xairel.

O cavallo ergueu a cabeça, e pareceu ficar triste, de orelha murcha, como quem tem a consciencia de que está prestes a terminar a sua missão gloriosa.

Não obstante, com vontade ou sem ella, ia me-neando-se, no estado de S. Jorge, a dizer para um lado e para outro :

— Visitas da senhora D. Mécia Lopes de Haro.

E os trocistas da cidade :

— Ahi vem o *Macrobio* ! Este diabo é eterno !

Emquanto a procissão andava na rua, D. Lopo Dias Cabeça Brava tivera um momento de tranquillidade : era a visita da saude.

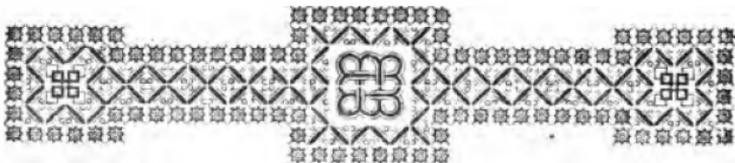
Quando o boquilavado voltou, de cabeça baixa, como se viesse ruminando pensamentos tristes, D. Lopo tinha morrido placidamente.

E o cavallo, logo que lhe despiram o xairel, atirou-se para o chão.

O tratador, que era um minhôto supersticioso, affirmou depois que elle fallára e disséra :

— Acabou-se tudo !

— Mas outras pessoas, contrariando-o, explicavam que o cavallo vinha de certo muito estropiado.



IX

TEMPERAMENTO E TEMPERATURA

O UEM me dera a mim no tempo em que atirei á onda da publicidade um livrito, que então talvez tivesse o merito unico de abordar um assumpto em que os literatos portuguezes não haviam tocado ainda.

Era em 1872. O pequeno volume intitulava-se — *Nervosos, lymphaticos e sanguineos.*

Foi um livro de Emilio Deschanel, *Physiologie des écrivains et des artistes*, ensaio de critica natural, como o auctor lhe chamára, que me deu a idéia de applicar a doutrina n'elle exposta aos escriptores portuguezes.

Com mais audacia do que saber — o que ainda hoje decerto aconteceria — arrojé-me a querer provar que o estilo era o temperamento; — por outras palavras: «Dá-me um escriptor que eu não tenha conhecido pessoalmente, e dir-te-hei qual era o temperamento d'esse escriptor.»

As minhas observações incidiram sobre Antonio Pedro Lopes de Mendonça, José Cardoso Vieira de Castro, Camillo Castello Branco, Antonio Feliciano de Castilho e Julio Cesar Machado.

Lembro-me de que o livrinho agradou — pela novidade. Claro está que eu não dava *novidade* nenhuma aos medicos portuguezes, alguns dos quaes se tinham occupado em escrever sobre a influencia do temperamento na mentalidade dos artistas. Um d'esses medicos foi o dr. Macedo Pinto, que no seu compendio de *Medicina administrativa e legislativa* dava ao grande Raphael um temperamento sanguineo; — por tal signal que Emilio Deschanel era de opinião contraria, attribuiu-lhe uma organização essencialmente nervosa, como a de Bellini e Beethoven. Isto demonstrava, até certo ponto, que as relações da physiologia com a critica não estavam ainda estabelecidas com tanta segurança, que podessem excluir quaesquer duvidas na diagnose do temperamento artistico.

Desde 1872 até hoje, quanto não tem caminhado a sciencia nas suas investigações sobre a physiologia dos escriptores! quanto se não tem avançado no estudo das nevroses, o que vale o mesmo que dizer, na pathologia dos homens de letras e dos artistas!

De dois livros recentes me lembro eu agora. Refiro-me ao de José Lacerda, *Os neurasthenicos*, e ao trabalho do dr. Sousa Martins sobre a *Nosographia de Anthero* no IN MEMORIAM.

Pois foi em 1872, como ia dizendo, que eu me arrojei a publicar esse volumezinho que, pelo me-

nos nos circulos literarios do nosso paiz, tinha alguma novidade. Foi certamente a audacia que me salvou. *Audaces fortuna jubat*. Os *Nervosos, Lymphaticos e sanguineos* foram recebidos com agrado. Camillo Castello Branco publicava n'esse mesmo anno o famoso folheto *A espada de Alexandre*, e fazia-lhes uma referencia amavel.

Annos depois, pensei em refundir o livro. Mas pareceu-me que seria ainda audacia maior, e desisti.

Ora eu não viria lembrar antigos delictos da juventude, se não tivesse lido esta semana, no *Temps*, um interessante artigo de Wyzewa sobre a influencia da temperatura no genio de Ricardo Wagner.

Como se vê, a sciencia, na sua marcha progressiva, já não se contenta apenas com estudar nas reações do espirito a acção do temperamento; vae mais longe ou mais alto, como quizerem, investiga a influencia da temperatura sobre o cerebro dos artistas e, portanto, sobre as obras de arte.

Foi o celebre professor Lombroso que fez entrar nos dominios da sciencia o factor — temperatura — introduzindo-o oficialmente como elemento de apreciação na psychologia. Observando, pela estatistica, que os ataques de epylepsia eram mais frequentes na primavera e no estio do que no inverno, concluiu que os homens de genio, *ces épileptoides*, deviam ser influenciados pela differença das estações.

E foi assim que o sabio professor chegou a formular a lei da *sensibilidade meteórica*.

No estado actual da sciencia, comprehende-se

que a descoberta de Lombroso não pararia n'elle. A semente, lançada á terra, germinou e produziu novas theorias. Na Belgica um illustre psychólogo publicou recentemente um estudo sobre *a acção da temperatura no character*. E, na Italia, o professor Patrizi, observando que dos quarenta e oito poemas de Leopardi apenas dois tinham sido compostos no inverno, concluia que o espirito d'esse poeta era extremamente sensível ao frio. Applicando a theoria de Lombroso, outro professor italiano, o sr. Perrod, estudou a *sensibilidade meteorica* em Ricardo Wagner.

O auctor do *Lohengrin* era, podemos dizel-o, um compositor *do estio*. Precisava de luz e calor para trabalhar. Esta exigencia do seu cerebro fez-se sentir logo desde a mocidade. Foi no verão que elle compoz trez das suas primeiras operas. N'um a carta de Wagner, datada de Zurich em 1852, dizia: «Se eu vivesse em Napoles ou na Andaluzia, comporia mais versos e mais musica do que no nosso clima pardo e nevoento.» Era como se dissesse que seria ainda mais fecundo compositor, se lhe dessem um verão perpetuo. Esta declaração destroe o argumento, que poderia occorrer, de que Wagner tinha mais tempo para trabalhar no estio do que no inverno, porque no inverno estava aberto o theatro lyrico de Dresde, cuja orchestra elle regia.

O collaborador do *Temps* não está inteiramente de accordo com o professor Perrod, e inclina-se a acreditar que Ricardo Wagner, significando que a sua fecundidade artistica seria maior em Napoles ou na Andaluzia, obedeceria ao instincto que leva

o homem, sobretudo o artista, a procurar na beleza da paisagem e do ceu a satisfação da ancia, da febre do bello, que lhe enche a alma. E julga que o famoso *maestro* se irritaria desabridamente, caso alguém lhe fôsse dizer que elle só era capaz de compôr musica na primavera ou no estio.

Poderia ser, porque o peccado mortal do talento é a vaidade. Mas se Wagner, por exigencias da sua vida de regente de orchestra, se habituou a trabalhar no verão, como a formiga, a uma luz exuberante e serena, decerto a sua *sensibilidade meteórica* se resentiria da pallida claridade melancolica dos dias de inverno, do mesmo modo que a andorinha, que ama a luz, foge dos ceus sombrios e agrestes.

Ainda n'este caso teremos de tomar em linha de conta a influencia da temperatura, que o professor Lombroso guindou á altura de uma lei.

Porque a verdade é que Lombroso não fez mais do que juntar as suas proprias observações sobre a *epylepsia* ás observações inconscientes da intuição popular sobre a influencia dos metéoros na natureza humana, e extrahir uma conclusão que firmou com a auctoridade do seu nome.

Pois não é certo que, muito antes de Lombroso, já o nosso povo dizia «que o vento leste é o vento dos tolos»?

Pois não disse Victor Hugo que o «vento das montanhas» trazia a loucura?

Pois não se encontra em Sá de Miranda uma passagem, que denuncia um vago reconhecimento da *sensibilidade meteórica* ?

Dia de Maio choveu.
A quantos agua alcançou,
A tantos endoudeceu.

Pois não era uma verdade, geralmente reconhecida, que certas pessoas *adivinham as trovoadas*? isto é, que são tão susceptíveis á influencia da electricidade atmospherica, que já sentem os efeitos de uma trovoadá quando ella ainda vem longe?

Pois não se sabia já que as pessoas nervosas, n'um estado de excitação pathologica, se mostram mais tranquillás sobre a madrugada, quando ha um minimo de electricidade na atmospherá?

A missão da sciencia está justamente em observar os factos e recolher os resultados da observação. Foi assim que Newton pôde chegar á lei da queda dos graves, Archimedes á theoria dos corpos fluctuantes, e Lombroso á generalisação da *sensibilidade metéorica*.

Applicado a escriptores portuguezes, o principio estabelecido por Lombroso recebe uma confirmação que o sanciona.

Julio Cesar Machado, escriptor delicado e alegre, vivo e gracioso, só podia trabalhar sob a influencia da luz da manhã, que é a mais doce e suave luz do dia. Levantava-se cedo, para o que se preparava evitando deitar-se tarde. Era rarissimo demorar-se n'um theatro até que o espectáculo terminasse, porque, se perdesse a manhã, teria perdido o dia. Era o sol nascente, brilhante e macio, que o inspirava.

Camillo, como Balzac, com quem tem salientes traços de aproximação literaria, gostava de tra-

balhar á noite. As grandes dores humanas, que elle tão notavelmente observou e descreveu, seriam incompatíveis com a alegria e o brilho do sol. Quando a cegueira principiou a enevoar-lhe os olhos, Camillo, no seu escriptorio, fazia-se allumiar por altas serpentinas de bronze, em que quatorze velas de stearina ardiam constantemente.

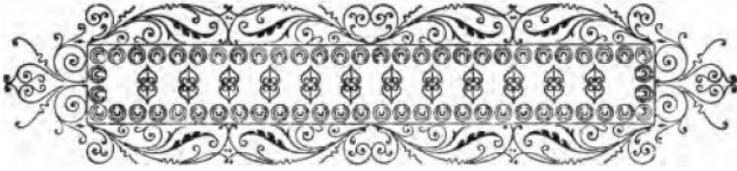
Castilho, o mellifluo cantor da *Primavera*, espirito fadado para as amenidades bucolicas e para a vida contemplativa dos pastores da Arcadia, trabalhava durante o dia, quando as aves folgavam na frescura do arvoredo, quando a cigarra de Anacreonte cantava na copa da sua olaia.

Quero crêr que os *Ciumes do Bardo*, que são o supremo esforço de um poeta lymphatico, seriam excepcionalmente escriptos durante a noite; não porque o Milton portuguez tivesse olhos para distinguir entre o dia e a noite, mas porque a *sensibilidade metéorica* d'esse venerando escriptor lhe accusava a presença ou a ausencia do sol, que não podendo entrar pelos olhos, penetrava na alma...

Que enorme distancia percorrida desde o *genus irritabile vatum* dos antigos, até ás investigações scientificas do nosso tempo sobre a pathologia dos escriptores e dos artistas!

E quando eu penso n'aquelle modesto livrinho de 1870, como me sinto envergonhado de o vêr ficar atrazado no caminho!

Mas o que está feito, está feito, embora esteja mal feito.



X

O JOGO DA BOLA

QUANDO o conde d'Artois, que depois foi Carlos X, rei de França, desposou Maria Thezeza de Saboya, a cidade de Pariz entendeu que devia commemorar essas bodas principescas com algum acto de beneficencia em vez de festejos publicos, que não aproveitariam a ninguém.

Annunciou, portanto, a municipalidade que destinaria certa verba, aliás importante, para casar determinado numero de raparigas.

Entre outras, appareceu uma, que se chamava Lise, e parecia ser a mais simples das parizienses.

Perguntaram-lhe, para admittil-a á inscripção, o nome do noivo.

— Não tenho noivo, respondeu ella candidamente.

— Mas se é preciso tel-o !

— E' que eu imaginei que a cidade fornecia tudo...

Este caso foi alegremente commentado em Pariz, onde uma phrase, ingenua ou maliciosa, sempre tem feito as delicias do povo.

E o certo é que a cidade procurou um noivo para a innocente Lise.

Lembrou-me agora esta anecdota, no momento em que me encontro de algum modo na situação d'essa candida pariziense.

Preciso um assumpto, como ella precisava um noivo.

Voltô-me para Cascaes, que está fornecendo todos os assumptos, enquanto não chegam a Lisboa as «estrellas de Pariz».

Vou com as mãos a abanar.

E Cascaes offerece á minha escolha a regata, os concertos, a jogatina, o theatro, as touradas e o jogo da bola.

Acceito o jogo da bola e fico muito reconhecido — tanto mais que um jornal noticiou, e os outros repetiram, que o jogo da bola em Cascaes representava o resurgimento de uma tradição propriamente nacional.

Eu não tinha ideia nenhuma de haver encontrado na historia do paiz, como titulo de gloria lusitana, o jogo da bola a par de Vasco da Gama ou do convento dos Jeronymos.

Pareceu-me, portanto, que n'essa informação das gazetas havia bola de mais.

E, tirando-me dos meus cuidados, fui pela antiguidade dentro á procura do jogo da bola, no em-

penho de reivindicar definitivamente a sua gloria para o nosso paiz.

Que, a fallar verdade, o «Cunhal das bolas», ali á rua da Rosa, e o «Cabeço da bola», á Bemposta, eram de geito a fazer-se impingir como outros tantos monumentos commemorativos da origem portugueza do referido jogo

Estava eu interrogando meditabundo o cabeço e o cunhal, a cogitar nas respectivas bolas, quando me lembrou de repente que já na *Odyssea* apparece a princeza Nausicaa a jogar a bola com as suas açafatas e cuvilheiras.

Que diacho! fiquei desapontado, porque não ha nada que arrelie tanto como perder-se uma gloria nacional, ainda quando não passe de uma bola ou duas.

As recordações são como as cerejas: procura-se uma, e apparece um cacho.

Então fui-me lembrando a pouco e pouco de que, encostadas a Homero, as damas gregas tinham por alta recreação jogar a bola, jôgo que certamente a princeza Nausicaa haveria aristocratisado em seus jardins de Corcyro.

E descobri um pormenor: que na Grecia as damas que perdiam eram obrigadas a obedecer cegamente áquellas que tinham ganho a partida.

O mesmo acontecia no Egypto, cujas damas, se a historia não falha, tambem se recreiavam fidalgamente a jogar a bola.

Fui, pois, obrigado a confessar a mim proprio que o jogo da bola não era um costume genuinamente nacional, que houvesse tido origem no nosso

paiz; e que os jornaes, certamente ~~com a~~ melhor intenção, haviam claudicado.

Foi-se a glória, mas ficou a bola, que, diga se a verdade, por muitos seculos constituiu entre nós um dos divertimentos mais queridos da classe nobre e dos frades, d'onde derivou para o povo.

A paixão por esta especie de jogo tinha chegado a tamanho excesso, que nos dias santificados os cavalleiros da côrte, começando a jogar a bola logo pela manhã, se esqueciam de ir á missa.

E, a exemplo dos fidalgos, os officiaes mecanicos e os homens de trabalho abandonavam seus misteres para ir jogar a bola.

El rei D. Manuel estabeleceu comminações para reprimir o abuso dos fidalgos ao domingo e dos mecanicos á semana.

Mas a furia do jogo da bola e outros muitos do *sport* quinhentista, taes como o tintini e a pella, chegou a tal demasia e provocava tão violentos conflictos, que foi preciso sahir um alvará repressivo em 1521, sem que aliás produzisse o effeito desejado.

O portuguez sempre gostou muito de jogar... até a vida no oceano ou na guerra.

Ferviam as comminações e o portuguez jogava sempre, cada vez mais: é o que acontece hoje e ha de acontecer amanhã.

Jogava-se em toda a parte, incluindo a varanda do Paço da Ribeira, o que vale tanto como dizer-- nas barbas de el rei

Jogava-se em publico e razo, nas ruas mais concorridas: por exemplo, na rua Nova, que é hoje a

dos Capellistas, e se presou de ser o Chiado do século XVI.

Na Ericeira havia o jogo da bola na melhor praça da villa, em pleno sol.

Ainda ha poucos annos se dizia ali «a praça do jogo da bola», agora chrismada nobremente com o nome da rainha.

Nas grandes quintas de recreio e nas cêrcas dos conventos havia vastos recintos apropriados ao jogo da bola.

Em Mafra, onde tudo era bom, foi construido solidamente um amplo taboleiro contornado por extensas bancadas de pedra, para uso dos frades quando assistiam ás partidas do jogo da bola.

E era esse um divertimento, além de saudavel, hilariante, porque o jogador por vezes se desconcertava em esforços grotescos para bolar com acerto.

Lá o diz Sá de Miranda em relação ao seu tempo :

Que não leva o jogador
Mais paus por mais se torcer,
Se lança a bola peor.

E' fóra de duvida que, enquanto jogamos a bola, tivemos *bola*.

Depois vieram as cartas, os jogos de vasa, que entraram em Portugal pela mão da Hespanha.

Trouxe-os o Diabo, que no auto da *Feira*, de Gil Vicente, se gaba insolentemente d'esse maleficio :

E trago da Andaluzia
Naipes, com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia
E jogam té os pelotes.

Vê-se que os jogos de vasa não chegaram a menor excesso que os de força, porque até os padres perdiam á banca os pelotes.

Copiámos da Hespanha a febre do jogo. No *Estudiante de Salamanca*, D. Felix de Montemar, alucinado por successivos azares, vende o retrato da sua dama, ao que um dos jogadores observa :

¡ Buena fama
Lograreis entre las bellas
Quando descubran altivas
Que vos las hazeis cautivas,
Para en seguida vendellas !

Ao passo que os jogos de vasa se afdalgaram, os athleticos decahiram nas classes superiores, mas foram conservados pelo povo, que nunca deixou de jogar a bola e o chinquillo.

Por isso sempre teve mais saude do que os nobres.

Ha talvez uma duzia de annos começou a resurgir o gosto pelos jogos athleticos, e tomamos dos inglezes, primazes em todos os exercicios gymnasticos, o *lawn-tenis* e o *foot-ball*.

Agora, em Cascaes, um grupo aristocratico lembrou-se de resuscitar o jogo da bola, como elle se usou outr'ora em Portugal, e bem haja esse grupo, principalmente se nos domingos de inverno trans-

portar para Lisboa tão útil e tão sadio exercicio, a que não faltarão competidores, nem espectadores tambem.

Precisamos *fabricar a raça*, como Taine disse da Grecia, que aliás o conseguiu, porque a concorrência aos gymnasios era ali preceito de boa educação para ambos os sexos. A mulher grega chegou a ser, por isso, a mais perfeita em plastica, como ainda hoje o pregôa a esculptura.

Os medicos portuguezes, para corrigir os defeitos da educação nacional, aconselharam durante algum tempo a pratica da *Gymnastica domestica* de Augusto Delondre.

Sabem? Uma gymnasticasinha de trazer por casa, muito pacata, feita deante do espelho sem quebrar um prato.

Para *fabricar a raça* não basta isso. E' preciso o ar livre, o campo, o salto, o *maillot*, os jogos olympicos como na Grecia, com um grande publico que anime e corôe os vencedores.

O jogo da bola foi uma bella *reprise*. Mas convém não parar ahi, trazer Cascaes para Lisboa, pôr a bola entre S. Carlos e o Campo Grande.

Nós estamos como aquella madame de Longueville, que um dia, só porque um cirurgião lhe pensou um golpe sem ella ter tempo de voltar a cara para o lado, despediu o cirurgião e não quiz mais tratamento.

— Por que? perguntaram-lhe.

— Porque teve a insolencia de fazer o penso *na minha presença*.

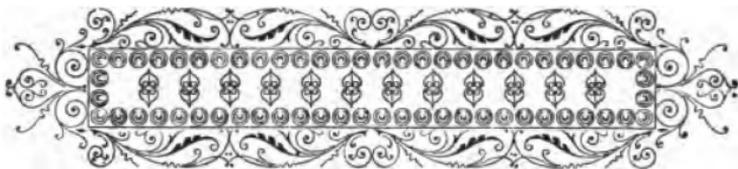
Preferimos não ter saude a quebrar a etiquet

que cada um presume ser devida á sua importante pessoa.

Nada de madame de Longueville. Bola e mais bola, se queremos tornar a ser gente.

Se não fizermos isto... bolas!





XI

A FAVA

Fiz este anno reparo em que todos os jornaes da provincia annunciavam o *bólo-rei*, e não deixou de surprehender-me o facto.

D'antes, especialmente no norte do paiz, tal guloseima era desconhecida. Foi Lisboa que a impoz e generalizou. E, por espirito de imitação, que é o nosso forte, a provincia atirou se á fava.

Comtudo, não é facil vencer habitos inveterados, e as comezainas do Natal excluiam, a grande distancia de Lisboa, o *bólo-rei* alfacinha.

Não haveria, pois, qualquer razão que predispozesse o bom provinciano a acceitar facilmente uma tradição em que não tinha sido creado?

Pensei n'isto, como poderia pensar em qualquer outra coisa. E cheguei á conclusão de que talvez o facto proviesse de que o *bólo-rei* se conforma sym-

bolicamente com os destinos da especie humana — por causa da fava.

Não riam, porque assim mesmo é que é.

Perante a innovação do *bólo-rei*, que o confeitiro Cascaes introduziu no Porto, e que do Porto irradiou para as regiões septentrionaes do paiz, travou-se decerto um dialogo entre o habitante das provincias e a sua propria alma

Habitante — Pensando bem, este *bólo rei*, que nos querem fazer comer, é mais alguma coisa do que uma simples gulosina!

A alma — Então o que julgas ser?

Habitante — És tu mesma, ó alma, é a tua propria vida, representada n'um symbolo doce.

A alma — Ora essa! Alma de cantaro, alma de chicharro, eram expressões que já o povo usava. Alma de «fava» é coisa que eu não tinha ouvido ainda! E para te dizer a verdade, a respeito de «fava» apenas conhecia uma locução, que mette o verbo ir, e que não é decente.

O habitante — Pois essa mesma expressão é symbolica, embora ande desviada do seu sentido philosophico no calão popular.

A alma — Homem! tu estás mais difficil de entender que um poeta nephelibata! Explica-te.

O habitante — Não me custará muito fazel-o. O que é a vida senão uma caçada a qualquer ideal que nos preoccupa o espirito? Jeronymo Paturot procurava uma posição na sociedade, como poderia procurar a realização de qualquer outro ideal. O que é que se procura no *bolô-rei*? A fava. A fava é, portanto, um symbolo do ideal.

A alma — Essa agora é de cabo de esquadra! A logica da conclusão deve levar-te a dizer que o burro da tua lavadeira é mais feliz do que os homens, porque come o seu proprio ideal!

O habitante — E que dúvida?! A fava é o ideal do burro; mas para o homem, que tambem ás vezes come fava, é mais alguma coisa do que um alimento — é um symbolo. Representa a esperança, aquillo que se deseja e procura, o que através das difficuldades da vida se busca no *bólo rei* da realidade.

A alma — Talvez tenhas razão... porque a bem dizer eu não vivo senão de symbolos. Se sou boa, chamam-me uma perola; se sou má, dizem que sou feita de lama. Quando espero, symboliso a minha esperança na côr verde; se desespero, procuro a côr amarella.

O habitante — Pois ahi tens, *alma mia*. Quando eu côm o *bólo-rei*, parece-me que estou deante de um espelho a vêr-te em procura de um ideal.

A alma — Concordo. Façamos então uma synthese.

O habitante — Eu sou pouco para essas folias philosophicas. Mas antes fazer uma synthese do que tolice peior.

A alma — Parece-me que poderemos dizer: «O homem procura no *bólo-rei* da vida a fava do ideal».

O habitante — E podes accrescentar que todo o homem come *bólo-rei*, o caso é acenarem-lhe com a fava.

Foi talvez esta alta consideração philosophica

que facilitou o caminho para a adopção do *bôlo-rei* na provincia.

Porque a verdade é que todos nós procuramos um ideal, como no dia de Reis procuramos a fava.

E, pensando bem, a expressão em que o verbo ir se conjuga com o substantivo fava, não quererá dizer mais do que isto: não se compenetrar da realidade das coisas; ser um pateta das luminarias; uma cabeça cheia de minhocas.

Téem os jornaes fallado estes dias de uma nova fornada de pares do reino. Não sei se se faz ou deixa de fazer. Argumento apenas por hypothese. Mas o que vejo eu? Um grande *bôlo-rei* sobre o qual se precipitam, n'uma fogosa ancia de fava, os amigos politicos do governo.

Cada dia apparece um boletim da cotação fluctuante dos candidatos.

2.^a feira — Fulano espera apanhar a fava.

3.^a feira — Pelo contrario. Fulano está ainda muito longe da fava.

4.^a feira. — Não, senhor. Fulano está quasi a deitar o dente á fava.

5.^a feira — Não ha tal. Chegou a vêr a fava, mas perdeu-a de vista.

6.^a feira — E' exacto. Agora as probabilidades são de Beltrano.

Sabbado — Exactissimo. Beltrano saltou no faval de Fulano.

Os proprios ministros, quando chegam ao poder, encontram a fava; mas, quando se vão embora, póde dizer-se que vão á fava... do futuro.

O amor não é outra coisa mais do que a procura da fava no *bôlo-rei* dos corações.

Vê-se ás vezes um homem embuçado, alta noite, á esquina de uma rua.

O guarda nocturno passa por elle para o reconhecer; e, reconhecendo o, diz com os seus botões:

— E' o que anda a vêr se apanha a fava do terceiro andar do n.º 5.

E o pobre namorado, a esse tempo, não faz senão olhar para as janellas do terceiro andar do n.º 5, o *bôlo rei*, a vêr se apparece a fava que elle ama.

E' doce, é doce como o *bôlo-rei*, esse esperar dos namorados. E a fava que se procura não o é; por isso já alguém disse que o casamento não vale o que custa.

Allusão á fava; está claro.

Mas a janella abre-se de mansinho, e uma linda carinha deixa-se adivinhar nas trevas da noite.

E' uma rapariga, terá talvez vinte annos: fava verde.

E' pobre, não tem senão a riqueza do seu ideal e das suas virtudes: fava crua.

Ou não é pobre, possui um dote que chega para ir a S. Carlos e para ter um lindo *coupé* muito catita: fava rica.

Mas poderá ser que se trate de uma viuva, já nem muito nova nem muito fresca, que mais uma vez se entregue á perpetração das aventuras e dos perigos do amor.

N'esse caso... fava torrada.

E tambem poderá ser que por sua leviandade a

supradita fava torrada não vá até ao ponto feroz de exigir que para amal-a se compromettam a leval-a á egreja.

Esse então é o caso... das favas contadas.

Tem um escriptor qualquer a pretensão de pertencer á Academia Real das Sciencias, porque este pomposo titulo faz lembrar aquelle famoso fructo das margens do lago Asphaltite: doirado por fóra, e cinzas por dentro. Engóda.

Mais do que nunca, o ideal d'esse pobre escriptor pôde ser representado por uma fava, porque os academicos munem-se de favas para as votações.

Se o candidato é homem que possa fazer sombra a alguém, a urna arrisca-se a receber no seu venerando seio de lata uma pratada de favas pretas.

Em França — porque as anachronicas academias são a mesma coisa em toda a parte — Emilio Zola já não precisa comprar favas pretas quando as quer comer.

Manda as buscar á Academia de Pariz. E' a sua fornecedora.

Se porém o candidato está nas boas graças dos academicos, por varias e variadas razões, que ás vezes mudam com o tempo, o pollegar e o index dos sapientes varões deixam cahir de alto, bem de alto para que se veja bem, a galanteria magnanima de uma fava branca.

E, n'esse caso, o candidato não tem mais remedio senão saltar no faval da gloria: fica sendo um sabio.

Camillo Castello Branco, que foi admittido no

Instituto de Coimbra com vinte favas brancas e cinco pretas, dirigiu a um dos doutores que o rejeitaram uma carta que ficou notavel.

«Quedei-me a pensar uma noite — diz elle — sempre com a fava negra de v. ex.^a a pesar-me primeiro no coração, depois no deaphragma, depois nos intestinos subjacentes por sua ordem descendente, até que a digestão da affronta se consummou. Desintallei-me.»

E', em poucas linhas, a historia de uma fava depois de ingerida, viagem semelhante á que pôde fazer um passageiro descendo por machinismo desde o largo da Bibliotheca até á praça do Municipio — salva a limpeza do caminho.

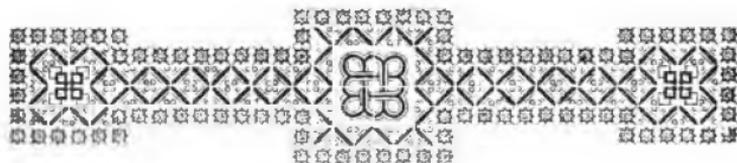
Eu mesmo, que estou escrevendo isto, não curo senão de encontrar a fava do agrado do leitor.

Não sei se o consegui d'esta vez, porque alguma o terei conseguido por ventura. Mas, se o não consegui, é de suppôr que o leitor irritado me remetta para o titulo d'este capitulo. E eu, pôde estar certo d'isso, desobedeço-lhe.

Porque o symbolismo philosophico da fava é de tal modo transcendente, que bem pôde ser que alguns dos leitores o não comprehendam, e se irritem por isso.

N'esse caso, queixe se o leitor dos seus proprios dentes, se pensou que a fava era sêcca.





XII

NO LARGO DE S. ROQUE

DOMINGO repicaram os sinos da egreja de S. Roque, nossa boa vizinha, que, segundo nos consta, nunca disse mal de nós.

D'isto ha pouco entre vizinhos...

Por isso lhe queremos bem, mais ao seu orago, que deve agora ser lembrado por causa da peste bubonica; mais ao seu largo, tão povoado de recordações historicas, que dariam para um livro inteiro de coisas velhas e interessantes.

Que S. Roque seja hoje lembrado, é justo, por ser advogado contra a pestilencia, visto termol-a em Portugal, a dizimar o Porto.

Dir-se-ia, em verdade, que o mundo retrocedeu á idade-media: peste e guerra. Tão certa parece ser a theoria de Vico, de que as sociedades avançam para recuar: *corsi e ricorsi*.

Domingo esteve em festa a egreja de S. Roque.

De dia, panno encarnado á porta. A' noite, a luz do templo jorrava pelas janellas, tornando ainda mais agradavel o aspecto da rua larga, que Balthasar Telles dizia ser a mais formosa e alegre de Lisboa.

Festejava-se o orago, embora a festa grande da casa deva celebrar-se a 16 de agosto.

S. Roque era francez, nascido em Montpellier, no seculo XIII. Piedoso e compassivo, repartiu generosamente os seus largos haveres com os pobres. Quando a peste invadiu a Italia, poz-se a caminho e foi tratar os enfermos, que morriam ao abandono pelas ruas e estradas. Em Placencia a epidemia alcançou o e elle, para não contagiar ninguem, isolou-se n'uma caverna, onde o cão de um gentilhomen chamado Gothardo o descobriu. Acudiram lhe; salvou-se. Voltando á patria, onde ardia a guerra civil, foi preso como espião e morreu no carcere

Eis aqui está, no menor numero de palavras possível, a historia de S. Roque e do seu cão.

Mas não é o orago do templo dos jesuitas a unica memoria do passado, que, n'este bairro de Lisboa, traz ao espirito a ideia da peste.

O largo que defronta a igreja foi em 1506 cemiterio de pestosos. Não havia já onde os enterrar, de modo que se tornou preciso improvisar cemiterios fóra de portas.

Imagina a gente que é este um sitio de bons ares, tão saudavel como bem parecido. Pois estão aqui soterrados os ossos de centenas de pessoas que a peste dizimou, e não havia n'aquelle tempo

outra precaução hygienica senão a de lançar cal virgem por cima dos cadaveres.

O que vale é que o sitio deve ter ficado vaccinado para todo o sempre, e que não ha nada mais inoffensivo do que um microbio morto.

Então era isto por aqui já fóra de portas, e bem assombrado de profundo olivedo. Havia uma pequena ermida de S. Roque, fundada por el-rei D. Manuel, que foi a origem do templo. E a muralha de D. Fernando, com a torre de Alvaro Paes e o postigo do Condestabre, corria na direcção do predio onde hoje está a redacção do *Popular*.

Aviso aos archeólogos: ainda ha pedras da muralha na officina de impressão d'este jornal.

No seculo XVII, rôto o muro da cerca da cidade, construíram-se aqui, no lugar onde o *Popular* é escripto e impresso, as casas nobres de D. Henrique de Noronha e D. Estevam de Faro, fronteiras á portaria do templo em que se convertêra a ermida primitiva.

D. Estevam foi o primeiro conde de S. Luiz de Faro

Os ultimos vestigios da torre de Alvaro Paes, nome do chanceller-mór de D. Pedro I, demoliu-os a camara municipal de 1835 para 1836.

Instituida em 1586 a procissão dos Passos, aqui, no *terreiro de S. Roque*, foi estabelecida a primeira capella para a via-sacra; como quem diz — o primeiro *passo*.

Junto ao convento dos jesuitas edificaram os condes da Vidigueira o seu palacio, não se sabe quando.

Vejam como era fidalgo este largo n'aquelle tempo! Os jesuitas, ordem poderosissima, no seu convento, a par da egraja; os fidalgos, e dos melhores, nos seus palacios brazonados.

A quinta de Nicolau Altero de Andrade verdejando arvoredos por ahi abaixo até á Esperança. Para além de S. Roque, no alto, os moinhos de vento, que deram nome á rua hoje chrimada, não se sabe porquê, em — D. Pedro V.

Chamava-se ao sitio *Villa Nova de Andrade*, appellido dos seus illustres aforadores.

Os Vidigueiras passaram depois a habitar o palacio de Xabregas, onde actualmente está o asylo Maria Pia. E D. Thomaz de Almeida, bispo do Porto, quando foi nomeado primeiro patriarcha de Lisboa, veiu, a instancias dos jesuitas, habitar o palacio que tinha sido dos Vidigueiras, e cujo pateo tomou desde então o nome de — Pateo do Patriarcha.

O terremoto de 1755 arruinou o palacio, deixando apenas de pé algumas vastas salas, pregoeiras da grandeza antiga.

N'uma d'ellas estabeleceu-se o theatro novo do Bairro Alto, onde Garrett se estreiou como auctor dramatico com a sua tragedia — *Catão*.

No Pateo do Patriarcha veiu a assentar-se o edificio da *Companhia de Carruagens Lisbonense*.

Que de coisas, de memorias do passado baralhadas n'este pequeno recanto de Lisboa, hoje tão plebeamente conhecido, em vulgar, pelo *Largo da Palmatoria!*

Deu-lhe este nome de calão alfacinha o feitio do

monumento ali defronte erigido por ocasião do casamento de el-rei D. Luiz, em 1862.

A igreja dos jesuitas soffreu avarias com o terremoto: o frontão e a torre, por exemplo, tiveram que ser reconstruidos.

Mas seriam tão singelos como agora, que os jesuitas gostavam de occultar seu grande poder sob modesta capa.

Queriam parecer humildes e eram omnipotentes: a força vence facilmente quando se disfarça em fraqueza.

Quem olha hoje desprevenido para esse humilde frontão, tão simples que parece de igreja de aldeia, não poderá calcular que fosse taboleta de uma ordem em cujas mãos estiveram tantissimas vezes os destinos da sociedade portugueza.

E, comtudo, os jesuitas attraíam a S. Roque a côrte e a fidalguia; a fina flôr da mocidade doirada. O povo ia com os outros; como sempre vae.

Logo que a Companhia de Jesus tomou posse da ermida de D. Manuel, começou a affluir grande concorrência de fieis: era preciso haver dois sermões, para contentar a todos — um dentro da ermida; outro á porta, para os ouvintes que tinham de ficar no olival.

Depois, os jesuitas fabricaram o seu templo, melhor por dentro que por fóra, vasto e claro.

Redobrou a concorrência, por que havia logar para todos.

No largo de S. Roque agglomeravam-se os coches do rei e da côrte, nas tardes de sermão; formigavam os peraltas de capote, visados pela cantiga:

Tique, tique, toque,
Vamos a S. Roque
Vêr os peraltinhas
Que vem de capote.

Era por aqui, junto a S. Roque, que os frades do Carmo tinham planeado, em 1589, dar entrada na cidade ao prior do Crato, seu protegido; mas a conspiração descobriu-se, os frades estiveram vigiados com sentinellas á vista, e durante muitas noites ninguem ouvia n'estes sitios senão o arrastar de pés dos soldados, que rondavam entre o Carmo e S. Roque.

Foram tempos, em que tantos acontecimentos de polpa animaram este retalho de Lisboa, hoje decaído da sua importancia antiga.

Os fidalgos, que frequentavam os jesuitas, foram substituidos pelas amas de leite, que frequentam a Misericordia.

Aos peraltas de capote succederam os vendedores de «cautelas» e os vendedores de jornaes, por igual esfarrapados.

O largo é uma sombra do que foi: algumas arvores, dois kiosques de limonada, um de tabacos, quatro bancos, um marco fontenario e um biombo escuro, d'onde saiem exhalações ammoniacaes. *Shocking!*

Só ficou ainda do passado o prestigio do santo, em honra do qual os sinos repicam de vez em quando, festivamente, dlim, dlão.

Voltemo-nos, pois, para S. Roque, advogado contra a peste, porque mais do que nunca deve lembrar agora, especialmente n'este largo, antigo cemiterio

de empestados, e n'este proprio predio onde estamos escrevendo, ¹ que foi hospital inglez durante alguns annos.

Para affastar ideias tristes, S. Roque nos valha.

¹ Escriptorio do jornal *O Popular*.



XIII

ORIGEM DE UM PROVERBIO

A NDA a gente estarecida de tristeza a monologar a *Lua de Londres* — de João de Lemos.

E não é tanto porque nos falte a lua da nossa terra, mas porque continuamos a não ter noticias d'aquelle grande e bello sol que era a nossa alegria e a nossa resignação perante o senhorio e o deficit.

Trata-se emfim do

... plumbeo ceu

e de perguntar aos esplendorosos astros de outr'ora, que eram o ultimo oiro da India, os ultimos diamantes do Brazil, a nossa ultima riqueza, as 72:000 obrigações do nosso pé de meia celeste, onde é que deixaram ficar os seus segredos, a sua côr e o seu brilho?

Se isto assim continúa, se teima em pesar sobre nós um ceu de chumbo, ver-nos-hemos na necessidade de contratar com a Companhia dos Tabacos o emprestimo de um sol de oiro e de uma lua de prata — a 5 o/º ao anno.

Sem luz não podemos viver, nós, os meridionaes, que desde pequenos a tivemos por ama e que, em nossos desgostos e ralações, nos voltavamos para ella a choramigar á lua, que nos ameigava, e a fazer caramunhas ao sol, que nos dispensava caricias para consolar-nos.

Quantas vezes — quantas ! — um portuguez sahia de casa triste e acabrunhado, n'um dia de bello sol, a matutar na resolução de algum difficil problema da existencia.

Aos primeiros passos, suas pernas eram hesitantes, seus olhos apagados, suas faces lividas, seu espirito azedo.

Mas o sol — essa belleza de sol que nós tinhamos — começava a brincar com o portuguez macambusio despejando-lhe sobre o fato enxames de mariposas de oiro, accendendo-lhe deante dos olhos arabescos phosphorecentes, deslumbrando-o com uma orgia de côres scintillantes, e logo voltava ao pobre portuguez a firmeza das pernas, a nitidez dos olhos, a animação das faces, a doçura do espirito.

Outras vezes via a gente um sujeito solitario, n'uma noite de luar, divagando de cabeça baixa, a passos mesurados, rua adiante, sem dar tento de quem passava perto d'elle.

Era algum namorado infeliz, algum joven Lilio

delirante, que fazia da cidade jardim, e andava desfolhando «flôres d'alma» a contar á lua as ribaldarias de sua ingrata dama.

Pois a lua — a boa e bella hia de outr'ora — ia-lhe dizendo lá de cima palavras consoladoras, estendia do alto o seu braço argenteo para lhe passar a mão pelo pêllo, resignava-o dizendo-lhe que o mundo está cheio de mulheres e, passado algum tempo, esse ingenuo namorado recolhia a casa asobiando a *Filha da sr.^a Angot*, ceava com appetite e dormia com tranquillidade.

Agora, que já não vemos sol nem lua, temos exposições de rosas e não temos luz para as vêr.

Temos as côrtes abertas, que sempre são um divertimento, e não vemos da galeria senão sombras indistinctas, que usam da palavra para discutir o limite de idade dos juizes — mas que não sabemos que circulos representam, porque lhes não vêmos a cara.

Temos duas companhias lyricas, musica por partidas dobradas, mas em caminho do theatro apanhamos um aguaceiro e desistimos de ir ouvir cantar artistas italianos tendo já ouvido cantar a agua sobre o nosso chapéu de chuva — em portuguez e de graça.

Chega a gente a não saber como ha de matar o tempo antes que elle resolva matar nos pela semsaboria e pelo *spleen*.

Uma anecdota, uma piada, um chiste, que d'antes passariam despercebidos, são agora festejados, á falta de melhor, como um raio de luz salvador n'um paiz onde já não ha luz, nem salvadores.

Ante-hontem, quando pela tarde caiu aquella grande chuvada que tinha o ar de ser uma brutalidade de juncos, sahi de uma escada, a correr, para apaiar-me n'um carro americano, que ia rompendo pela rua do Oiro como quem vae nadando para salvar-se.

Dentro do carro havia passageiros encharcados, que escorriam empilhados como sardinha em tijella.

Dois alemtejanos, anchos e vermelhaços, com as faces a ressumbrar saude e agua — tal molhadella haviam apanhado — tiravam o partido que é dado lograr aos fortes quando os fracos se mostram mais arrelhiados com uma contrariedade qualquer.

— Ora imagine você, dizia um, que, depois de ter apanhado este aguaceiro sem chapéu de chuva, sou ainda por cima obrigado a ir jantar com minha sogra á rua do Prior.

— Deixe lá, respondia o outro, que ella hoje deve estar macia: a agua amollece o barro.

— Mas lembre-se do proverbio que diz: sogras nem de barro á porta. Dado que minha sogra esteja á porta de casa, e lhe tenha chovido, nem assim mesmo estará boa, segundo o proverbio.

— D'onde virá o dizer-se que — sogras nem de barro á porta? Isto ha de ter uma origem por força.

— Não a sabe?

— Eu não.

— Pois sei eu, e vou dizer-lh'a.

— Então diga.

— Havia uma sogra que vivia muito bem com a nora...

— Homem! isso não é crível!

— Foi uma vez e deve ter sido no principio do mundo, porque a olaria é a arte mais antiga que se conhece: o primeiro oleiro foi Deus Nesso Senhor.

— Está certo: é da Biblia.

— Pois se está certo, oiça. Todo o santo dia andava a boa sogra a apaparicar a sua querida nora, meu santo Antoninho onde te porei! Um caldinho de franga para a minha rica menina que está fraca; um quarto de marmellada para molhar em vinho do Porto, que faz muito bem ás senhoras em certas occasiões.

N'este momento, trez passageiras de maior idade, que decerto tinham visto a *Lagartixa*, puzeram os olhos no chão pudibundamente.

Mas o alemtejano, que era um forte, saltou oratoriamente por cima do pejo das damas pudibundas, e continuou:

— Os pais da pequena andavam desconfiados de tanta meiguice e carinho e diziam á filha: «Acautelate sempre, que se ella t'a não pregou, quer pregar-t'a ainda. E' dos livros, ou não fosse tua sogra.» E a pequena respondia-lhes: «Não, papá. Não, mamã. E' uma santa, é uma joia, de quem só posso dizer bem.» «Pois fia-te na Virgem e não corras.» Mas o certo era que sogra e nora cada vez se davam melhor com grande surpresa dos parentes e dos visinhos. Veio, porém, um dia em que a sogra adoeceu gravemente. Chamaram-se medicos, os melhores medicos da terra, que torceram o nariz. A nora não desamparava um momento a cabeceira do leito da sogra, a dar-lhe caldos, a dar-

lhe remedios, a dar-lhe beijos até. Mas os medicos haviam torcido o nariz, e se os medicos sabem alguma coisa, não é da vida — é da morte. Acertaram, a boa sogra morreu, e foi n'aquella casa um dia de grande luto, porque a nora ainda chorava mais que o marido. Era uma santa, dizia. E chorava a pensar na falta que d'ali por deante ia fazer-lhe a sogra. Os visinhos perguntavam-lhe: «Nunca tiveram algum deságuisado? «Nunca; absolutamente nunca». Um d'elles acrescentou: «Pois então deve mandar fazer-lhe o busto em barro e pô-lo sobre a porta d'esta casa com o seguinte letreiro: «Parai, ó gentes, e contemplai: aqui viveu e morreu uma sogra que foi boa.»

O outro alemtejano atalhou dizendo:

— Toda a gente havia de parar admirada.

— Mas é que parou e admirou, porque effectivamente a nora saudosa acceitou a lembrança e mandou fazer o busto da sogra em barro e pô-lo dentro de um nicho sobre a porta da rua.

— Com lanterna?

— Isso agora não sei eu; mas de certo não. A historia do busto é, porém, de acreditar: pois não se collocam ainda hoje lapides commemorativas n'alguns predios em homenagem a pessoas notaveis que ali nasceram ou morreram?

— Vamos lá ao fim do conto.

— Você é que me interrompê. N'um lindo dia de verão estava a nora, com os filhos pequenos, sentada á porta de casa a tomar a fresca. Um visinho velhote, que era doido por creanças, veio fazer-lhes festas, e quando elle estava mais entretido

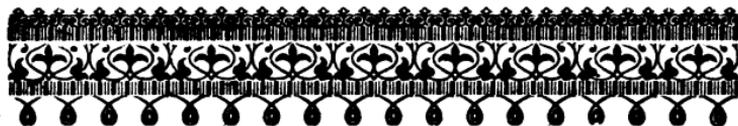
com os pequenos, ouviram um grande grito. Acudiram a vêr o que era aquillo. A mãe das creanças estava com a cabeça rachada, e o sangue corria abundantemente do lanho, que era fund. O busto da sogra tinha cahido, não se sabe como, sobre a cabeça da nora e rachara lh'a. Então o velhote disse sentenciosamente: «Sogras nem de barro á porta.»

Não quero affirmar que esta anecdotinha tenha excessiva graça.

Mas o certo é que obtive um «sucesso» dentro do *americano*, tão aborrecidos iam todos com a chuva, que se ouvia gemer sobre o tejadilho do carro como se fosse a primavera que gemesse depois de ter apanhado duas facadas na Mouraria.

Porque o tempo vai triste, sem sol e sem lua, e a gente já não sabe com que ha de entreter-se, a não ser com alguma anecdotinha, que venha perdida da baralha.





XIV

A CÔR

UMA noite, no Real Colyseu, quando ali veio cantar uma companhia de creanças, em que avultava o pequeno tenor Palope, assisti ao espectáculo com Marçal Pacheco, esse bello espirito que d'ahi a poucos annos se apagou de repente.

Era principio de verão. Tinhamos feito juntos a caminhada da rua da Palma, parando a contar casos, a recordar aneddotas, a arranhar nos costumes e ridiculos de que nos iamos lembrando.

Quando chegavamos ao Soccorro, Marçal Pacheco parou olhando á direita e á esquerda, e disse-me *ex abrupto* :

— Esta cidade é triste !

— Parece, respondi-lhe eu, que não nasceste na provincia ! O que dirás tu de Loulé, tua illustre patria ? Não dizes nada, por patriotismo . . .

— Mas nobreza obriga, replicou elle. As capi-taes, se não téem côr propria, uma côr ás vezes exagerada pelo conjuncto de varias e discordantes tintas, são incaracteristicas e mortas. Lisboa está n'este caso Chegou o verão, a epoca da vida exterior. E comtudo olha para a tristeza d'esta rua, que, logo ao principio da noite, deixa perceber que por aqui já passaram hoje muitos cadaveres para o Alto de S. João...

Olhei ao longo da rua, cujo aspecto seria effectivamente quasi funebre, se, ao longe, a fachada do Colyseu não estivesse illuminada a bicos de gaz para attrair os espectadores.

Entramos no Colyseu A casa estava quasi cheia. Cantava-se o primeiro acto da *Mascotte*. Sentamos nas primeiras cadeiras que encontramos vazias, ao pé da porta. Na platéa havia mulheres, muitas mulheres, que faziam ondular os seus leques ao compasso da orchestra.

Marçal Pacheco, reatando o que pelo caminho tinhamos ido conversando, disse-me de repente:

— Ora olha bem para essa sala, para as *toilettes* d'essas mulheres. O que te lembra logo?

Passei os olhos pelo Colyseu, e fiz então reparo em que a maior parte das *toilettes* das mulheres eram escuras Nos chapéus abundavam as plumas pretas. Havia apenas quatro ou cinco hespanholas vestidas de branco, fazendo lembrar outros tantos pingos de neve cahidos sobre uma grande massa negra.

— O que te faz isto lembrar? insistiu Marçal Pacheco.

— Um paiz acabrunhado, respondi eu.

— Pois é isso mesmo, um paiz sem crenças e sem côr, um paiz que deve, que empenha, um paiz que já não vê o brilho das libras ha muito tempo, e que se governa com papelinhos inconvertiveis. As mulheres que estão vestidas de branco, são hespanholas; pertencem a um paiz que tem fé em si mesmo, e que representa uma nacionalidade pujante de colorido.

— Na musica, na pintura...

— Nos versos, na linguagem, que tem arranques de valentia...

— Nos olhos das mulheres...

— Nos olhos e nos gestos, que são rapidos e vivos...

— Nas hyperboles dos homens...

— E nos processos de governo...

— Na audacia do povo, que fez recuar Bismark quando foi da questão das Carolinas...

E encontramos-nos ambos na concordancia de que Portugal seria um bello paiz, se lhe não faltasse côr.

— Porque, acrescentava Marçal Pacheco, a falta de côr é sempre um signal de doença nas pessoas e nas nações.

— Um symptoma de anemia...

— E de fome!

— De fome, sim. Pois não é verdade que todos nós andamos esfomeados por dinheiro?

Lembrei-lhe então que até empregavamos o verbo *comer* para significar que, no jogo dos interesses sociaes, algum dos parceiros tinha ganho a partida.

E é assim. Fallando-se de negocios, diz-se: Quanto

comeu fulano? Fulano comeu muito ou comeu pouco; fulano não pôde comer d'esta vez.

N'um paiz esfomeado, o verbo comer é o ideal da felicidade, do lucro e do ganho nas especulações e nos negocios.

E quando sahimos do Colyseu nós tinhamos decidido, de commum accordo, que a Portugal não era preciso um grande ministro, mas apenas um grande droguista. Com um pouco de vermelhão pagava-se a divida fluctuante. Com duas pinceladas de tinta, que chegassem para pintar os costumes e as pessoas, estava salvo o paiz.

E depois de termos decidido fazer um appello ao povo para a compra de drogas salvadoras, apertamo-nos a mão n'uma conjura patriotica, e disse-mos um ao outro, sentenciosamente: Boa noite.

Ora esqueceu-me dizer, d'aquella vez, a Marçal Pacheco — e infelizmente já lh'o não posso dizer hoje — que ha apenas uma epoca do anno em que o povo portuguez tem mais alguma vida, e, por isso mesmo, mais côr.

E' agora, no tempo das romarias, na folia dos arraiaes, decilitrando grandes copazios de vinho escarlata e abrindo melancias rubras como facadas.

Sente se a côr especialmente nas melancias e no vinho. Mas um povo não pôde beber côr e comer côr sem ficar córado. Nas romarias, ao menos, vem á face o fogacho da digestão. O povo, á volta do arraial, traz na cara a melancia que comeu e o vinho que emborcou. Pôde vir borracho, mas é n'essa occasião um povo que provoca, que refila, e que se sente capaz de revirar o dente á guarda

municipal. Um povo ! um povo que canta e dança, e que se esquece da décima e dos addicionaes. Na segunda-feira, quando accorda, já não tem alma, está quebrado e abatido. A melancia desceu, e o recebedor do bairro subiu. A verdade da vida reapparece, e o operario, se quer sair, diz instinctivamente á mulher :

— Dá-me d'ali as calças pretas.

Um operario de calças pretas, se puzer na cabeça um chapéu alto, é um gato pingado.

Ainda hontem, em Bellas, na romaria do Senhor da Serra, o povo de Lisboa foi um povo a valer, porque teve côr.

E, depois, o scenario favorecia-o, porque a antiga quinta dos condes de Pombeiro fala ainda do tempo em que os portuguezes não eram moralmente descórados.

Pertenceu aquella quinta a Diogo Lopes Pacheco, que foi um dos assassinos de Ignez de Castro. Não ha, na historia de Portugal, nenhum episodio com mais dramatico colorido. D. Pedro I confiscou a quinta á familia dos Pachecos, e fez ali um palacio, hoje reconstruido. Acaso já houve no nosso paiz um rei que tivesse mais côr individual do que D. Pedro I ! Elle foi até ao rubro em tudo : no amor, na justiça, na vesania e na vingança. Fartou-se de ter individualidade, que é a côr de cada um, muita ou pouca, forte ou fraca.

Assim começou a historia da quinta de Bellas, que da mão de principes passou para a mão de fidalgos, por doação, e que hoje representa um titulo que se extinguiu.

Sabem quem a salva ainda? Será o accidentado do seu terreno, os seus jardins planos, as suas encostas sombrias? Será o obelisco em que a figura da Fama está associada violentamente com os bustos de D. João VI e D. Carlota Joaquina? Será a bella avenida, que corre de sul para norte, copada de altas arvores? Não, por certo. Quintas ha muitas nos arredores de Lisboa, e os seus moradores não parecem mais vivos do que os saloios seus vizinhos.

Quem salva do esquecimento a quinta de Bellas não é a sua historia escripta por Domingos Caldas Barbosa ¹, mas ainda e sempre e apenas o Senhor da Serra, cuja capellinha se ergue na corôa do monte mais elevado.

Salva-a pelo devoção que inspira? Não creio. Salva-a pela romaria que ali se faz no ultimo domingo de agosto. Porque na romaria é que está o vinho e a melancia: é que está a côr e a vida do sitio. Ali se bebe e come, se canta e dança, ali estoura uma bofetada, ali zune um sopapo, ali se folga e esquece, ali não se sente o sol que queima, nem o escrivão de fazenda que esfola.

Sobem e descem ranchos, silvam assovios, rouquejam pregões, passam musicatas, esvoaçam no ar trovas proprias do sitio e do dia:

Ai! foste ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste!
Té os moiros da moirama
Não fazem o que fizeste!

¹ *Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Bellas e noticia do seu melhoramento.* Lisboa, 1799.

E', a bem dizer, um pincelada de tinta crua, que outra tinta não é conhecida do povo.

Nós outros, nos theatros e nas salas, não fazemos senão diluir as drogas, esbater as côres. Procuramos divertir-nos com o João Felix Pereira na mão. Somos pessoas finas, e todo o nosso proposito é afinar as maneiras para parecermos distinctos.

Mas creiam n'isto: a natureza humana não nasceu polida; nos sentimentos effusivos é bruta. O homem civilisado transmuda-se em selvagem na expansão do amor, no fogo do ciume, na paixão do jogo, na cegueira da cólera. Quando sente a valer, é bruto: Quando se disfarça, é delicado.

Eu conheci um fidalgo da provincia, que passou metade da vida á espera de ganhar uma demanda, já herdada do pae.

Era o mais attencioso e grave de que tenho noticia em fidalgos de provincia.

Chegava a ser de pontinhos.

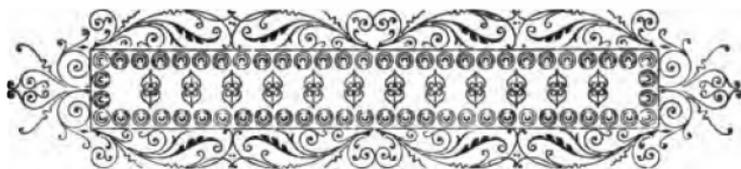
Um bello dia ganhou a demanda, que o tornava fabulosamente rico. Quando lh'o annunciaram, começou a dar saltos no meio da casa e pontapés nas cadeiras, nas mesas, nos criados e no mordomo.

Já não era o fidalgo de pontinhos; era um bruto de alegria.

Tinha côr, côr de bruto feliz, mas tinha côr.

O caso é tel a, de algum modo, qualquer que seja a tinta, porque o não tel-a é parecer doente ou morto.

Arranje-se vermelhão, e salve se o paiz.



XV

SANTOS E DEFUNTOS

REFERINDO SE á festa de Todos os Santos, dizia o correspondente lisbonense do *Comercio do Porto*:

«Em Lisboa a festividade do dia limita-se ás cerimónias religiosas que se praticam nas egrejas, aos passeios, ao jantar um pouco mais lauto do que de costume e em que as familias se reúnem em alegre convivio, e, para coroar a festa, aos espectaculos theatraes que n'estes dias téem, em regra, casas cheias, auferindo as respectivas emprezas uma boa receita».

Isto é exacto, e dá a medida da indiferença com que Lisboa e quasi todas as capitaes olham para as festas tradicionaes da provincia, cheias de pittoresco e, porventura, de ingenuidade patriarchal.

Porque, a bem dizer, e segundo a veridica observação do correspondente, Lisboa passa o dia de Todos os Santos como qualquer outro dia santificado, a saber:

Vai á missa;

Dá o seu passeio;

Janta o melhor possível;

Conversa á mesa com a familia;

Vai, finalmente, ao melhor theatro, se tem dinheiro para isso.

E disse.

Se na mesma semana ou na seguinte houvesse outro dia santificado, Lisboa procederia certamente de identico modo:

Missa;

Passeio;

Jantar;

Theatro.

Assim, pôde affirmar-se, como fez o correspondente, que a capital olha para o dia de Todos os Santos com a mesma indiferença que para qualquer outro dia santo de guarda.

Mas aposto que já assim não aconteceria se, no calendario politico, houvesse em cada anno um dia consagrado a Todos os Ministros, os que foram, e podem tornar a ser, e os que são, e estão com a mão no cofre das graças.

Nas provincias do norte a festa de Todos os Santos traz consigo varias folias da gente moça, especialmente o *pão por Deus* e os magustos.

O primeiro d'estes costumes é tão antigo, que em documentos velhos a phrase *pão por Deus* de-

signa a festa do 1.º de novembro, como a palavra *consoada* designa o *Natal* e a expressão *folar* designa a Paschoa.

O *pão por Deus* é o peditorio que as creanças de aldeia fazem n'esse dia pelas casas dos lavradores abastados, dirigindo-lhes ás vezes um requerimento em verso, como, por exemplo, acontece em Alpedriz:

Pão por Deus
A' mangarola;
Encham-me o sacco
E vou-me embora.

Ordinariamente os lavradores offerecem á rapaziada tremoços, maçãs, nozes e castanhas.

Mas alguns, por mais avarentos ou menos complacentes, recusam o donativo, e a rapaziada desaffronta-se da recusa com o mesmo instrumento que empregou no peditorio: isto é — o verso.

Entôa em côro uma praga, para ferir o campo-nez na justa ambição dos seus interesses agricolas:

O gorgulho, gorgulhete
Lhe dê no pote !
E lhe não deixe farello,
Nem farellote.

Escusado será dizer que uma grande multidão de adultos segue o bando das creanças, e que folga de as ouvir praguejar á porta d'aquelles que lhes recusam o *pão por Deus*.

A origem d'este costume parece prender-se com a lutuosa solemnidade do dia seguinte, a comme-

moração dos defuntos, tanto mais que em algumas localidades o peditorio faz-se no dia 2 de novembro.

Trata-se, certamente, de pedir e recolher uma esmola por tenção dos mortos de cada familia.

E a praga do gorgulho poderá explicar-se pelo sentimento de repulsão, que se experimenta na presença de uma avareza insensivel á piedade devida aos mortos.

No norte do paiz, especialmente no Porto, a tarde de Todos os Santos é consagrada aos magustos.

Não sei de quando data a origem d'este costume, mas o sr. de la Palice não duvidaria afirmar que elle é posterior á origem das castanhas.

E o sr. de la Palice é ainda um grande homem — hoje principalmente.

Quanto á explicação do costume parece-me não ser caso para deitar a livraria abaixo. Aproveita-se a primeira festa depois da colheita das castanhas novas, para saudar alegremente a sua apparição. Assim tambem, no Porto, é pela Senhora da Lapa, no primeiro domingo de maio, que o povo gosta de provar a novidade das cerejas, e pela Senhora do Pilar, a 15 de agosto, que se experimentam as primeiras melancias do anno.

Os magustos são uma festa campestre, ao ar livre, dentro das quintas e quintaes.

Prepara-se uma grande fogueira para assar as çastanhas.

E' isto o que se chama o magusto.

Toda a pequenada da vizinhança se reúne em torno da fogueira, rindo de ouvir estoirar uma cas-

tanha, e passando alegres trabalhos para ir buscal-as á fogueira com o risco de queimar-se.

A' sombra dos pequenos, divertem-se os grandes. Quasi sempre uma viola chuleira repenica lunduns alli perto, e a raparigada do sitio vae saltando no terrado emquanto as castanhas saltam na fogueira.

Assim se passa festivamente a tarde.

Quanto á noite, é difficil aventar juizo, tanto mais que muitas vezes acontece sobrevir uma indigestão que faz pagar caro a alegria da tarde, porque as castanhas, como diz o povo, são madeira que se mette para o estomago.

Em algumas localidades o peditório popular realiza-se, já o indiquei, no dia de finados.

Em Coimbra saem os rapazes de cestinhos ou saquitos no braço a pedir por portas. Vão batendo ao ferrolho e cantando :

Bolinhos, bolinhós,
Para mim e para vós,
E para os vossos finados,
Que estão enterrados
Ao pé da vera cruz
Para sempre. Amen, Jesus.
Truz. Truz. Truz.

É tambem com fructas do tempo, avellãs, nozes, castanhas ou figos sêccos, que se responde ao peditório.

No caso de recusa a rapaziada vinga-se, não rogando uma praga, mas vibrando um epigramma aos somíticos da casa :

Esta casa cheira a unto:
Aqui morreu algum defunto.

Esta casa cheira a breu:
Aqui morreu algum judeu.

Tomo esta informação do livro do fallecido e erudito escriptor Borges de Figueiredo — *Coimbra antiga e moderna* — e devo dizer que a redacção d'estas parelhas estará talvez um pouco adulturada.

Eu creio que será — o que vae até mais de geito com a toada metrica — como dizem as creanças do Porto, quando pelo Natal lhes recusam a consoada:

Esta casa cheira a unto:
Aqui mora algum defunto.

Esta casa cheira a breu:
Aqui mora algum judeu.

Faz mais sentido isto, porque o epigramma vae direito ao dono da casa, que está vivo, e que recusa a esmola.

Devo ainda dizer, por amor da verdade, que os garotos de Coimbra, segundo a versão de Borges de Figueiredo, dizem *bella cruz* em vez de — *vera cruz*.

Theophilo Braga dá noticia de que nos arredores de Lamego, em dia de Finados, se vendem uns bolos de pão trigo com ovos, que lá chamam *Santoros*.

Eu não sei se effectivamente se vendem.

Santorum, segundo o *Diccionario* de Moraes, é o mesmo que *pão por Deus*, e santoro deriva certamente de *santorum*.

E' comtudo possivel que alguém aproveite a occasião para comprar já feitos os santoros para a sua familia e para os rapazes pedintes, e que, portanto, exista em Lamego esta industria periodica.

Seria muito interessante o capitulo das usanças gastronomicas de diversas localidades em certas epochas do anno.

Em Braga, pelo S João, têm um grande consumo os «molletinhos», especie de doce. No Alto Minho é tradição matar-se um cabrito no dia da Cruz, que é a segunda feira immediata ao dia de Paschoa; em Penafiel ha igual costume, mas realiza-se no dia do Corpo de Deus, cuja procissão alli se faz pomposamente.

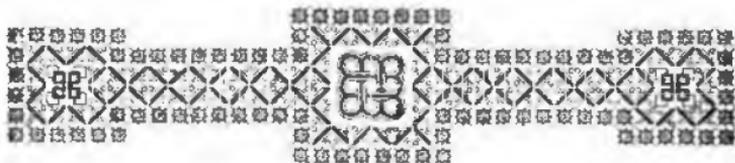
Já uma vez, deixando um individuo de pagar certa contribuição ou divida, o juiz da comarca absolveu-o com o fundamento de que o réo era tão pobre, que não tinha comido cabrito no dia de *Corpus Christi*.

Se isto pegasse em Lisboa!

Em quasi todas as provincias do norte a orelheira de porco é um prato tradicional do entrudo.

Aqui, em Lisboa, o que ha de mais gordo no carnaval é a chalaça dos mascarados.

Em Roriz não se chama *pão por Deus*, nem *bolinhos*, nem *santoros* a comezaina que se dá aos rapazes no dia de Todos os Santos ou de Finados. O que os rapazes vão pedir por portas, segundo lá dizem, é — *os fieis de Deus*.



XVI

OS SANTOS DE DEZEMBRO

DEZEMBRO não precisava tanto sol, como este anno, para ser um mez alegre.

Imaginem os srs. que chovia a potes, que não podia haver *étalage* no Campo Grande e na Avenida, que não se podia passear sob um ceu azul e ouro, como este que estamos vendo.

Ainda assim, ficava de pé o calendario com as suas festas de dezembro, sobretudo as religiosas, que são as mais notaveis do anno.

Porque n'este mez dá-se a circumstancia agradável de não ser preciso esperar alguns dias para ver chegar a primeira festa.

Vem logo no dia 1, como o prologo costuma vir no principio dos livros.

Refiro-me á commemoração patriótica da restauração de Portugal, dia alegre, em que pode chover

muito, sem que por isso se deixe de ouvir, ao longe ou ao perto, foguetes e musicatas.

Se chove, o patriotismo fica em casa, mas vem á janella dar vivas aos restauradores mortos.

Se não chove, o patriotismo sai para a rua, e agora o verás! é cada viva que parece um foguete, e cada foguete que parece um viva.

Estoira tudo.

Vem logo depois a festa da Conceição que, na hypothese da chuva prejudicar a concorrência ás egrejas, é ainda, e sempre, uma bella festa de familia.

Arma-se o altarsinho de Nossa Senhora, põe-se-lhe luzes sobre a banquetta improvisada com toalha de renda, accendem-se velas de cêra, collocam-se todas quantas flôres a estação pôde permittir, atavia-se com fitas e joias este templosinho modesto em que Nossa Senhora se não sentirá peor do que na maior basilica do mundo.

O jantar é de gala, em edição correcta e augmentada, com alguma guloseima festiva, o creme, o prato de arroz doce, tão portuguez e tão doce, a aletria, a tapioca, conforme o estilo de cada casa e a tradição de cada familia.

A' noite, ou vem a carruagem, para ir ao theatro—ou ha serão intimo, em que os primos dançam o *pas-de-quatre* com as primas, e os tios jogam o *whist* com as tias.

Cinco dias depois chega a festa de Santa Luzia, que tem muitos devotos em todas as classes sociaes.

Este dia já foi uma vez triste em Portugal, pela

morte de el-rei D. Manuel, que falleceu a 13 de dezembro de 1521.

Lá diz Gil-Vicente n'um «romance» :

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia,
Por El-rei D. Manoel,
Que se finou n'essê dia.

Ainda hoje o sino de S. Roque dobra choroso para commemorar a morte de D. Manuel, annunciando exequias solemnes por alma do venturoso monarcha em cujo reinado a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, instituiu a Misericordia.

Fóra das circumvisinhanças de S. Roque, longe do alcance do sino, ninguem se lembra da morte de D. Manoel, e todos ou muitos se lembram sempre de Santa Luzia, que é advogada milagrosa contra as molestias dos olhos.

Conta-se de um preto que só ia á igreja em dia de S. Braz, importando-se pouco com todos os outros santos ou santas da côrte celeste.

E a logica do preto era esta :

Santo Ovidio protege os enfermos dos ouvidos, mas se um ouvido se tapar, ainda fica o outro ; Santa Luzia protege os doentes dos olhos, mas se um olho cega, fica outro ainda ; Santa Apollonia livra de dôres de dentes, mas se um dente se cariar, ainda ficam muitos ; S. Braz livra de molestias de garganta, mas se a garganta se tapar, não ha mais por onde engulir os bons bocados e a boa cachaça.

Os brancos seguem outra logica menos preta, e téem razão, sobretudo os devotos de Santa Luiza,

porque a cegueira é uma horrivel enfermidade, que entenebrece a alma de quem a soffre.

Lembro-me muito bem da festa de Santa Luzia n'aquella religiosa cidade em que fui educado.

Minha mãe levava-me sempre á Sé no dia 13 de dezembro, porque ahi era venerada a imagem de Santa Luzia que inspirava maior devoção aos bons portuenses.

Pelo caminho encontravamos muitas creanças, pois que rara é aquella que não tem soffrido uma ophtalmia.

Tambem encontravamos velhinhos, quasi cegos, arrimados ao braço de um neto ou de um filho, caminhando para a Sé a passos tardos, na esperança de que Santa Luzia se dignasse conservar-lhes o ultimo raio de luz que lhes alegrava ainda os olhos tristes...

E com que fé, com que unção religiosa rezavam, em joelhos, os pobres céguinhos, de mãos postas, cabeça erguida, cara no ar, como procurando na abobada do templo a esperança divina que desce do alto a acudir ás miserias terrenas!

Uma legião de mendigos rodeava o edificio da Sé clamando aos transeuntes:

— Santa Luzia milagrosa, lhe dê vistinha e claridade.

Eu, n'esse tempo, não gostava muito d'este clamor dos mendigos, porque me fazia lembrar uma phrase ironica do meu professor de instrucção primaria.

O bom do velho chamava á férula ou palmatoria

— *Santa Luzia milagrosa*. E todos os outros professores, em todas as outras escolas, lhe chamavam assim.

Era a linguagem do tempo, e não sei se ainda é hoje.

A férula tem realmente cinco olhos e não admira que quem tanto vê possa dar vista e claridade aos cerebros escuros. . .

Por causa de uma syllabada ou de um erro de syntaxe, a *Santa Luzia milagrosa* descia da parede onde estava pendurada, e cahia em cheio sobre a palma da mão direita de cada alumno, quando não era tambem sobre a esquerda, e alternadamente sobre a esquerda e a direita.

Os mais agradecidos devotos de Santa Luzia — da authentica Santa Luzia dos templos, muito mais compassiva que a das escolas — levavam lhe offrendas de olhos de prata e ouro, que depunham sobre o altar por memoria de algum milagre obtido, de alguma cura realizada.

Vejo que a devoção dos portuenses por Santa Luzia não tem soffrido quebra, e ainda bem, porque um povo sem fé é um povo morto, e, na minha opinião, peor do que morto — despresivel.

Fui procurar ao *Primeiro de Janeiro* alguma noticia que fallasse da festa de Santa Luzia, e encontrei esta, que é pequenina, mas expressiva da devoção, que longe de ter esmorecido, recresce :

•**Santa Luzia** — Estiveram muito concorridas as festas de Santa Luzia que se realizaram hontem nos diversos templos. Na Sé houve missa e sermão

e as esmolas foram : 1887660, uma libra, 173 olhos de prata, 3 de ouro, 1 ave e 10 kilos de cêra.»

E nas entrelinhas d'esta noticia li eu todo um poema de recordações da infancia a engrinaldar a memoria de minha mãe, tão devota de Santa Luzia.

Não ha peor idade para o homem do que aquella em que a gente principia a ler mais em si mesmo do que nos outros...

Toda a alma é um livro, que se vae enchendo de letras á medida que os annos passam.

Mas não são só os habitantes d'esta ou d'aquella cidade, senão os de todo o reino, que têm motivo para se confessar reconhecidos a Santa Luzia.

Na *Chronica de ElRei D. Sebastião*, attribuida a D. Manuel de Menezes, falla-se, a proposito de uma das muitas refrégas travadas em Mazagão contra os mouros, da protecção com que Santa Luzia acudiu aos portuguezes milagrosamente :

«Assistindo pois o general n'esta Fortaleza, que era sua por mercê d'El-Rei, e fazendo guerra aos mouros de Azamor, e da terra da Duquilla, succedeu, que um dia da Bemaventurada Santa Luzia pela manhã, fez muito grande nevoa, por cujo respeito a gente da Fortaleza não sahiu ao campo, e ao meio dia aclarando o tempo, mandou o Adail a um cavalleiro chamado Francisco Affonso das Neves, fosse descobrir um posto, a que chamam Pedralvinho; e indo o cavalleiro descobrindo, lhe sahiram de uma cilada duzentos mouros de cavallo, que estavam com o arraial a favorecer o seu cavalleiro, d'onde se travou uma grande escaramuça...»

Postos em grande perigo, os portuguezes venceram e attribuiram a sua victoria á intercessão de Santa Luziã, a quem deram graças e mercês.

Quando chega o dia 13 de dezembro não tardam nada as novenas do Menino Deus, cantadas a orgão, nas egrejas e capellas de todo o paiz, posto o Menino sobre uma almofada no altar, até que venha o dia de Reis em que apparecerá de pé, maior e mais poderoso, apesar de infante, que todos os reis do orbe terráqueo.

Depois vem essa encantadora vespera de Natal, a noite alegre das consoadas, com repiques de sino e missa do gallo, e ceia lauta, e montanhas de *sonhos* sobre a mesa, porque n'essa noite bemdita todos os sonhos são doces...

Horas depois chega o grande dia do Christianismo, dia solemne, grave e festivo, em que os paes perdoam aos filhos todos os seus erros, e até uma simples gaita-de-folles que passa na rua, recordando as alegrias pastoris do Presepio, sorri com graça aos ouvidos e á alma de quem a escuta, e parece musica de boa lei.

Dezembro, que entre nós principia por uma festa, acaba por outra, a noite das janeiras, já hoje sem janeiros, que tanto alegraram as ruas da poetica Lisboa de outro tempo, mas ainda assim noite excepcional em que se curam as feridas, que o anno velho pode ter deixado, com a esperança agradável de melhores dias e melhor anno.

Se não fomos felizes, fazemos figas ao anno que morre, como quem se vê livre de um inimigo que não acabou quando quizemos, mas quando elle quiz.

Se a felicidade nos sorriu durante o anno, rendilhamos na phantasia a esperança, ás vezes a illusão, de que o anno que chega ainda ha de ser melhor, porque não vem anno ao mundo que na hora de começar não seja *bom*.





XVI:

O NATAL

Só uma vez por anno, em Lisboa, me parece alegre e linda a voz dos sinos. E' na noite de Natal.

Alexandre Herculano achava que os sinos nas torres garridas das cidades eram uma cousa estúpida e mesquinha. Creio que disse a verdade. Nos grandes centros de população a voz do sino é um pregão como qualquer outro. Não commove, e chega até a incomodar. Não se dá mais importancia a um repique do que a uma cantiga de cegos, nem mais attenção a um dobre do que ao estrondo das carretas de artilharia que passam na rua.

Mas, na noite de Natal, quando o sino annuncia festivamente a missa do gallo, toda a gente o ouve e a todos a sua voz alegre. Chega a comprehender-se então a doce poesia religiosa que Chateaubriand descobriu nos sinos, e todo o profundo dra-

ma humano que se observa na famosa canção de Schiller: *Das lied von der glocke*.

Que revolto enxame de recordações, suaves e pungentes, dé fugitivas saudades de uma «patria perdida» não parecem descer n'essa noite do alto dos campanarios e cair sobre a nossa alma envolvendo-a e banhando-a!

O sino, que no resto do anno não nos diz nada que nos impressione, e que só nos repete o que já os jornaes nos disseram, tem n'essa noite uma singular eloquencia e uma estranha expressão, conta-nos a historia da nossa vida passada, a biographia de Jesus e a nossa propria biographia, fala-nos da nossa aldeia, da nossa familia, reconstitue-nos o tempo longinquo que fugiu e que não mais voltará.

Ah! n'essa noite a voz dos sinos é alegre e linda como em nenhuma outra noite do anno.

Eu quero decencia e respeito nos templos; por isso desejo que sejam bem policiados.

Até já o tinha dito n'este mesmo livro.

Mas se a missa do gallo fôr suprimida em Lisboa, ficará desfalcada a poesia do christianismo; — o que restará do Natal, se lhe tirarem o pretexto que os sinos téem para repicar á meia noite? O que ficará do Natal! apenas a comezaina e as boas-festas. E' tão pouco! sobre tudo quando as boas-festas tendem a desaparecer a troco de cinco tostões por cabeça! O que ficará do Natal! talvez apenas o perú. E' tão pouco!

Nas provincias, onde o sino, segundo a expressão de Herculano, é uma cousa poetica e santa, não faria grande falta o deixar de ouvir-o na noite de

Natal, porque tudo canta e repica n'essa noite, cantam os corações e as vozes de toda gente, repicam os *ferrinhos*, as flautas e tambores.

Não são só os rapazes da rua que andam por portas dando as boas-festas em cantigas e lôas; mas também as famílias gradas, que umas ás outras se cumprimentam com instrumentaes bem ensaiados, e que principiam cantando na escada e acabam dançando na sala.

Quem não sabe como isso se passa? Uma criada vai dizer dias antes de motu proprio ou por ordem dos patrões:

— Os senhores estejam prevenidos, porque certas pessoas da sua amizade tencionam vir cantar-lhe as janeiras.

— Sim? Quem são?

— Eu digo tudo, mas não me comprometam.

— Ora essa!

— São as meninas lá de casa, são as filhas do juiz, é a mulher do delegado, a sobrinha do recebedor, os pequenos do escrivão de fazenda. E' muita gente. Mas os senhores façam-se desentendidos para me não comprometterem. . .

— Esteja certa; descanse.

Trata-se logo de preparar ceia opipara — para isso foi talvez que veio o aviso — de tirar do guarda-loiça os crystaes e as pratas, e de limpar o pó ás cadeiras da sala de visitas.

Está tudo a postos, mas ha o cuidado de ter as janellas fechadas para fingir que se não espera ninguém.

Na noite marcada, rompe, de repente, á porta

da rua a cantata promettida ; vozes afinadas, de senhoras e homens, entoam primeiro as *janeiras* e depois as cantigas allusivas aos donos da casa :

Viva a D. Mariquinhas,
Raminho de perfeição.
Se ha de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva o sr. Agapito
E os seus meninos tambem.
Recebam as boas-festas
De quem lhes quer muito bem.

A este tempo já estão na escada, com luzes na mão, todas as pessoas da casa. Acabada a cantoria, os *janeiros* entram e sobem.

Começa-se logo a dançar e, pela meia-noite, dão todos fundo na mesa da ceia, que resplandece de lumes, iguarias e loiças finas.

Em Lisboa tambem houve em outro tempo o costume de cantar as *janeiras*. Nos autos de Gil Vicente, Chiado e Antonio Prestes encontram-se frequentes allusões aos *janeiros*. Se não estou em erro — porque escrevo de memoria — este costume foi abolido no tempo de D. João I.

Lá está o bom Fernam Lopes para tira-teiças.

A provincia, especialmente o norte do paiz, conserva intacto o thesouro das suas tradições do Natal. O perú do sul não desthronou ainda o bacalhau do norte, que é portuguez e gallego, como revela uma das trovas do anno novo na Gallisa :

Déanol'o aguinaldo,
anque sea pouco,
un bon bacalao
e mais meta d'outro.

O silencio das ruas de Lisboa no Natal — silencio que seria completo sem os repiques da meia noite — não invadiu ainda as ruas das cidades no norte do paiz.

Tenho aqui á mão o *Jornal de Noticias*, do Porto, com a seguinte informação a respeito da ultima noite de 1896:

«Pela cidade andaram hontem durante o dia diversos *fungágs* celebrando a despedida do anno, ás portas dos abonados da fortuna, e á noite innumeras tocatas populares fizeram por ahí farta colheita de donativos em generos e em dinheiro — o imposto das *janeiras*.»

Os hespanhoes, mais alegres e vivos do que nós, intercallaram no Natal as *bromas* dos Santos Innocentes, cuja festa, como já notamos, a Igreja celebra no dia 28 de dezembro.

Este anno a situação politica da Hespanha era pouco propicia a alegrias e regosijos. Ainda assim *las Pasquas de Navidad*, como lá dizem, não passaram despercebidas.

Traduzo do jornal *El Tiempo* a noticia de algumas *innocentadas* com que a flôr da sociedade madrilena procurou esquecer por momentos as dolorosas preoccupações da guerra de Cuba.

«Abundaram, em 1896, como sempre, os *enganos* chamados de «Innocentes».

«Uns foram cultos e delicados ; outros grosseiros e singulares.

«Certo joven diplomata hespanhol, que se acha em Madrid em goso de licença, escreveu a um dos seus amigos uma carta rogando-lhe que lhe enviasse um par de peúgas, de que carecia ; e aquelle, surprehendido e maravilhado, teve a ingenuidade de mandar-lh'o pelo portador.

«A's sete e meia da tarde começaram a chegar ao domicilio de um opulento cavalheiro muitos individuos.

«As senhoras vestiam trajes elegantes ; os homens iam em *toilette* de baile.

«Imagine-se a surpresa, o assombro dos donos da casa : passava o tempo e o mysterio não se aclarava ; por fim, um mais imprudente ou mais esfomeado que os outros, perguntou ao supposto amphitrião a que horas se sentariam á mesa.

«—Mas— exclamou aterrado o dono da casa — eu não convidei pessoa nenhuma !

«Muitos dos circumstantes sacaram da algibeira os bilhetes de visita em que perfida mão havia escripto os convites nos termos uzuaes.

«O sr. T... e sua amavel esposa tomaram immediatamente uma resolução heroica : mandaram os seus criados ao restaurant *Fornos*, ao Lhardy e a outros dos principaes, em busca de vitualhas, e pouco depois realisava-se um banquete, que saiu delicioso, pelo bom humor de todos e pela delicadeza e bisarria d'aquella cea improvisada.

«Não acabariamos nunca se quizessemos falar de outras *innocentadas*, de diferente indole, referidas

nas conversações; mas algumas d'ellas não tiveram sequer o merito da graça, nem o da novidade.»

Outra resistente tradição do Natal da provincia é o Presepe armado em cada casa. Este costume não só é ainda hoje conservado no continente, mas tambem no Funchal. O *Commercio da Madeira*, de 25 de dezembro de 1896, publica, sobre o assumpto, as seguintes linhas, que não resisto a transcrever :

«Os presepes ou *lapinhas* como se diz entre nós mais vulgarmente, tendo constituido durante esta semana a preocupação das almas abertas a todas as expansões das doces alegrias domesticas, obrigaram todo o Funchal a vir hoje para a rua comprar as suas ornamentações.

«E o caso é que se comprou um mundo de couzas para enfeitar o presepe do menino Jesus.

«Que animação e que alegria tanto em quem vendia com usura como em quem pagava sem olhar a preços!

«Olhar a preços! era o que faltava agora! O que se quer é possuir um presepe fresco e lindo como os amores para mostrar aos visinhos. — Que em tudo ha de a vaidade metter o nariz.»

Lisboa adoptou, nos ultimos annos, a *arvore do Natal*, que não é portugueza, nem tem a poesia religiosa do Presepe.

Jesus deitado nas palhinhas, com S. José e Nossa Senhora em joelhos a velal-o, os pastores simplics, que lhe trazem suas offerendas rusticas, a cavalgada dos trez Reis Magos que véem apresentar-lhe o ouro, o incenso e a myrrha symbolicos, consti-

tuem por si sós um espectáculo educativo, uma lição e um exemplo.

A *arvore do Natal*, ao contrario, não ensina senão uma coisa que não é preciso ensinar ás creanças: o amor pelos bonecos.

Não ha que vêr! O Natal de Lisboa seria incolor e incaracteristico, um brodio de Perú assado e uma troca de bilhetes de visita, se os sinos, á meia noite, se não encarregassem de cantar festivamente no alto dos campanarios lançando sobre a cidade repiques estridulos, ondas sonoras que vão rolando ao longo das ruas e penetrando no interior das casas.

Por isso eu, em todo o anno, não acho nunca tão alegre e linda a voz dos sinos como na noite de Natal.





XVIII

OS CÃES DO NILO

SA de Miranda, na famosa carta a D. João III, traz esta quintilha :

Ora eu que respeito havendo
Ao tempo mais que ao estilo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os cães do Nilo
Que correm, e vão bebendo.

Conheço desde os meus 12 annos esta quintilha, que me deu muito que scismar.

Encontrei-a não sei onde, mas creio que seria em alguma edição das obras do poeta, entre os livros que meu pai havia herdado de meu avô, homem de gosto literario.

Certamente li então outras quintilhas, que logo se me varreram da memoria. Só esta ficou indelevel na minha reminiscencia. E sabem porque ? Por

causa dos cães do Nilo. Que diabo de cães eram estes, que iam bebendo e correndo? Qual seria a razão de beberem de corrida, que deve ser a peor maneira de beber para todos os animaes?

Passaram alguns annos sem que a minha curiosidade pudesse ser satisfeita, e vindo alguma reflexão ao meu espirito, a duvida tornou-se maior, por que cheguei a comprehender que a agua, mais talvez que o vinho, precisa ser bebida com vagar para satisfazer.

Pois não é assim? Quando a gente tem muita sede, um bom copasio de agua requer alguma pausa, que sempre se faz, para matar a frágua que nos requeira. O primeiro trago vai de afogadilho. Depois, para beber o resto, mette-se de per meio um compasso, e continua-se bebendo n'um rythmo vagaroso, até que se remata a libação com um *ah* que exprime a plenitude da saciedade.

Beber correndo, seja vinho ou agua, a agua mais talvez que o vinho, deve ser uma semsaboria.

Porque o faziam então os cães do Nilo, e não todos os outros cães?

Eis o busillis, o problema.

Uma vez, n'um quarto de estudantes, propuz esta questão.

Os que eram poetas, riram-se da minha duvida, porque os poetas de todos os tempos sempre acharam bom o inexplicavel...

Mas um condiscipulo meu, de appellido Henriques, que era mathematico, deu mais algum valor á questão e começou a formular hypotheses, que não satisfizeram ninguem.

N'esse tempo mal pensava eu que viria depois a encontrar pela vida adiante numerosas matilhas de cães do Nilo, «que correm e vão bebendo».

Pois o que são senão cães do Nilo os maledicentes, que andam semeando a calumnia pelo orbe terráqueo? Sempre correndo, para se eximirem a dar provas, vão bebendo, n'este grupo ou n'aquelle, qualquer pretexto para diffamar os outros.

O que são senão cães do Nilo os sabios de pchisbeque, que falam de tudo e que não sabem nada, porque dos livros apenas tomam o cheiro, colhendo os assumptos pela rama e de fugida?

O que são senão cães do Nilo os maus empregados publicos, cujo Nilo é o orçamento, que vão bebendo a correr ao encontro do fim do mez?

O que são senão cães do Nilo os Tenorios do amor, que sempre de corrida bebem aqui um olhar, acolá um sorriso, alem talvez uma lagrima?

O que são senão cães do Nilo os pateantes das primeiras representações, que andam correndo de theatro em theatro, sempre sedentos de fiascos?

A breve trecho encontrei-me rodeado de cães do Nilo, que excediam a tradição, porque bebiam e ladravam correndo sempre.

Mas continuava a não saber explicar a razão por que os cães do Nilo, authenticos, iam correndo e bebendo

Creio que foi em Michelet que eu encontrei explicado o motivo por que em geral os cães ladram e recuam deante do mar.

E' porque o mar lhes mette medo.

Os de Kamtchatka juntam-se em matilhas á noite

— pois que a união faz a força — para irem arremetter contra o oceano roncador, no empenho vão de assustal-o e mordel-o.

Mas, quanto aos cães do Nilo, o problema permanecia insolúvel.

No meu tempo de estudante a lingua portugueza cursava-se em trez annos, e não era de mais.

Esperei com anciedade que chegasse o momento de investirmos com os poetas, para tirar a limpo a duvida que se me deparára em Sá de Miranda.

Essa occasião chegou. Expuz a questão dos cães do Nilo ao meu professor de literatura — Deus lhe fale n'alma — que nunca foi um literato.

N'aquelle tempo o ensino da lingua patria estava organizado de modo que todas as creanças tinham oficialmente obrigação de nascer poetas.

Em chegando ao terceiro anno de portuguez eram obrigadas a descrever a aurora, o pôr do sol, o aspecto do campo na primavera, uma tempestade no mar, os horrores de um naufragio, um incendio terrivel, etc.

Que diabo de tolice! Vejam que comprehensão da vida pratica tinha este legislador, que obrigava as creanças a aprenderem a estragar assumptos.

Para se chegar a ser um cidadão illustrado, ou pelo menos esclarecido, era preciso — porque assim o exigia a lei — saber como as cotovias cantavam ás seis horas da manhã, ou como as corujas piavam á meia noite.

Fabricavam-se então poetas ás grosas, e em vez de se ensinar a escrever uma carta ou um requeri-

mento, o que seria util e pratico, ensinava-se a descrever a aurora e o pôr do sol.

Lembro-me de um rapazito muito gaiato, que era de Mondim de Basto, o qual, sendo obrigado a descrever a madrugada, se saiu com esta engraçada tolice :

«N'aquelle dia o sol appareceu encapotado em nuvens temerosas, de modo que não foi possivel vêr nada».

Ora o meu professor, como eu ia dizendo, não estava preparado para responder á pergunta, em que jámais tinha pensado, decerto.

Ouviu-me, mastigou em sêcco, concentrou-se, tossiu, e respondeu :

— Provavelmente os cães do Nilo obedecem a alguma predisposição physiologica, que os obriga a beber correndo.

Claro como agua. Mais claro do que isto só um vidro... sujo.

Simplemente, eu e todos os meus condiscipulos ignoravamos o que fosse predisposição physiologica.

Não me atrevi a pedir novos esclarecimentos. A minha situação de alumno obrigava a considerar-me esclarecido logo que o professor nada soubera esclarecer.

Mas não se me tiravam do pensamento os cães do Nilo, que continuavam a ser para o meu espirito um mysterio impenetravel.

De vez em quando, se me encontrava com sabichões de polpa, puxava arditosamente o assumpto.

Vinham á baila os cães do Nilo.

E os sabichões respondiam-me inalteravelmente :

— E' realmente esquisito !

— E' em verdade singular !

— Não deixa de ser notavel !

Clarissimo ! Não deixava de ser esquisito, singular e notavel. Quanto ao mais, pensava eu que seria preciso ir ao Egypto para saber o motivo por que os cães do Nilo iam correndo e bebendo.

E talvez lá não m'o soubessem explicar, em razão d'aquelle proverbio que diz : casa de ferreiro, espêto de pau.

Já eu estava disposto a juntar dinheiro para ir ao Egypto, por causa dos cães do Nilo, quando acertei de ler a *Historia-tragico-maritima*, que me deixou encantado.

Eu sempre tive tendencia para os livros velhos, que, segundo a opinião do dr. Manuel Bento de Sousa, é onde pôde encontrar-se a sciencia nova.

Ahi por uma noite de verão, e de lindo luar — ceu azul, estrellas fulgidas, lua de alabastro : estilo de uma *descripção* que o meu professor de literatura tinha considerado auspiciosa, á parte o alabastro com que embirrou algum tanto — achava-me eu na altura de metade do 1.º tomo da obra, e lia, com muito agrado, a narração que o padre Manuel Barradas faz da cidade de Columbo.

Eis senão quando, no fundo de uma pagina, surgem-me de repente os cães do Nilo com a explicação do problema.

O' prazer ineffavel ! ó jubilo gostosissimo ! Abençoado padre Manuel Barradas, da Companhia de Jesus, que sabia mais do que todos os homens que

eu havia conhecido e consultado até então. Era um barra, esse bom padre Barradas, que no fundo d'aquella pagina me dava com a maior naturalidade d'este mundo a invejada chave do enygma.

«E d'estes devem ser os crocodillos do Egypto, *por medo dos quaes os cães bebem correndo*».

Trez linhas apenas, cheias de luz, de sciencia clara e de ensino pratico.

N'essa noite deitei-me tranquillo, como se tivesse ganho uma batalha, que aliás não durou menos que toda a guerra de Troya.

E agora, quando encontro por ahi os cães do Nilo, «que correm e vão bebendo», digo sempre com os meus botões:

— Bem sei. Do que elles téem medo é dos crocodillos.





XIX

UM AMIGO DE BOCAGE

UM dos mais dedicados amigos de Bocage chamava-se José Pedro da Silva.

Quando o poeta agonisava n'um terceiro andar da travessa de André Valente, e o espectro da pobreza vinha amargurar-lhe os ultimos dias da vida, José Pedro da Silva colleccionava em opusculo os sonetos de Bocage moribundo, mandava-os imprimir com o titulo de *Improvisos de Bocage, na sua mui perigosa enfermidade, deidicados a seus bons amigos*, e percorria as ruas de Lisboa pedindo a quantas pessoas encontrava que lhe ficassem com um exemplar, por 480 reis.

No primeiro dia, tendo passado 112 folhetos, correu a entregar a Bocage o producto da venda. Reconhecido a este acto de dedicação, *Elmano* compoz um soneto em honra do seu bemfeitor, que trata por

*Josino amavel, que zeloso engrossas
Bens que mesquinho Apollo aos seus permite.*

Esmiucemos agora quem era este desvelado amigo e protector de Bocage.

José Pedro da Silva nasceu em Paço de Arcos a 11 de abril de 1772.

Estabeleceu em Lisboa uma loja de bebidas, no Rocio, conhecida pelo botequim das *Parras*. Ficava no lado occidental da praça, e tinha os numeros 84, 85 e 86. Ahi, n'um pequeno compartimento ao rés do chão, reuniam-se, no fim do seculo XVIII e ainda nos primeiros annos do seculo XIX, os mais notaveis homens de letras. Bocage não faltava um só dia, e n'esse estreito compartimento, geralmente designado por *Agulheiro dos sabios*, compoz muitos dos seus improvisos, incluindo a celebre satyra *Pena de Tallão*, em resposta a José Agostinho de Macedo, satyra que, apopletrico de colera, bebericando e fumando soffregamente, fôra ditando, emquanto o morgado de Assentiz lh'a escrevia.

José Agostinho ridicularisou, por odio a Bocage e a outros, tanto o botequim como o botequineiro.

Do botequim escreveu no prologo dos *Burros*.

«O espirito da Asneira preparou, no centro de Lisboa, um domicilio, onde quiz levantar o throno e dilatar o imperio dos sandeus... Fallo de um botequim, ou café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, *sanctuario* conhecido, não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estupidos e alarves provincianos, etc.»

Ao botequineiro poz a alcunha de José Pedro *das Luminarias*, em razão das illuminações que José Pedro fazia na fachada do seu estabelecimento,

e mais tarde, depois que mudou de vida, na agua-furtada do predio em que morava, tambem no Rocio.

Ha noticia circumstanciada do teor d'essas illuminações mirabolantes, que lhe valeram a alcunha. Constam de um livro que elle mesmo mandou imprimir e reimprimir á sua custa, revertendo o producto em beneficio da Casa Pia. Ahi estão descriptos os quadros allegoricos que José Pedro mandava fazer para, em noites de solemidade publica, illuminar a loja ostentosamente ; ahi estão colleccionados os versos dos disticos, versos de Bocage, de Pato Moniz, de Santos e Silva, e outros muitos poetas de nomeada. O exemplar que eu possuo é o da reimpressão de 1812. Intitula-se : *Collecção dos versos, e descripções dos quadros allegoricos que em todas as solemidades publicas d'esta capital mandou imprimir, e gratuitamente distribuir José Pedro da Silva por occasião das illuminações da sua casa na Praça do Rocio.*

Para que o leitor possa avaliar o esplendor espaventoso das luminarias do patriota José Pedro, vou reproduzir fielmente a noticia da illuminação com que elle celebrou a libertação de Portugal na noite de 15 de setembro de 1808.

«Sobre a porta do meio fez levantar um bello Quadro parallelogramo, de dez palmos de alto, e oito de largo, onde se representava a Grã-Bertanha, a Lusitania, e a Hespanha em uma bem engenhosa allegoria. A primeira via-se ao lado direito figurada em uma formosa matrona, com corôa de loiro, tendo ao lado um pequeno Genio, que sustentava o escudo das suas armas ; e como especial

Protectora, e Alliada do PRINCIPE REGENTE de Portugal, levantava pela mão a segunda ou a Lusitania, que se figurava em outra semelhante matrona mui debilitada na representação, e quasi cahida; e com a outra mão lhe apontava para o busto do PRINCIPE REGENTE, que se mostrava no alto em pequeno Quadro de figura oval, sustentado sobre um pedestal, guarnecido de flores, e fructos. N'esta acção se symbolisava a empreza gloriosa, e nunca assás louvada de El-Rei de Inglaterra JORGE III, em restituir ao PRINCIPE DE PORTUGAL seu Reino, entregue á calumnia, e perfidia da mais barbara das Nações, e de todo arruinado, e quasi perdido, como querendo significar á Lusitania, quando para elle apontava, que o seu caro PRINCIPE estava seguro, e triumphante e ainda viria occupar gloriosamente o Throno de seus Augustos Predecessores: e no gesto, e semblante de amargura com que o Pintor soube nobremente explicar n'esta sua afflicção, bem se manifestava o grande abatimento em que ficou este Reino, pelos grandes roubos, e atrocidades, que nos motivára o Exercito Francez: assim como nos fructos, que ornavam o pedestal do pequeno Quadro em que se via S. A. R., a abundancia, que resulta a Portugal com a presente Restauração.

«Ao lado esquerdo via se a terceira na figura de outra semelhante matrona, empunhando com a direita a espada, que levantava ao alto desvanecida, com os olhos no PRINCIPE, como quem se gloriava de contribuir com a força de seu potente braço, para tão portentosa Restauração; e com a esquer-

da sustentava o Escudo das suas Armas, que se divisava pendente ao lado.

«No mais baixo do Quadro estava o Rio Tejo, nobremente retratado, como o pintam os Poetas na figura de um Ancião, coroado de ramagem de oiro, e reclinado sobre suas areias, entornando sobre ellas agua cristallina de uma urna tambem de oiro, em que firmava o braço; e junto d'elle o Dragão coroado, timbre das Quinas Portuguezas, que tinha seguro por grossa cadêa: o qual fitava tambem os olhos risonhos para o mesmo retrato do PRINCIPE REGENTE, como quem procurava exprimir o seu transporte, e o de suas aguas, pela liberdade da navegação, e ancia de ver outra vez o seu PRINCIPE.

Na base do Quadro havia uma fita suspensa por dois Genios, que se viam de um, e d'outro lado, e nella estavam escriptos estes dois versos de Bocage:

•Lysia será qual foi, qual he no Globo,
•Mãi de Heroes, das Nações a flôr, o esmalte.

«Sobre as outras duas portas dos lados, estavam duas tabelas, cada uma com seu pavilhão suspenso em varios remates, que descobria dois Versos do mesmo Bocage, que n'ellas se liam: na primeira da parte direita os seguintes:

•O que Affonso escutou, João merece,
•Hum DEOS não he perjuro, hum DEOS não mente.

Na segunda do esquerdo :

«O Commercio prospere, as Artes brilhem,
«Floreça a Paz, a Industria, a Gloria, tudo.

A invenção, e desempenho deste Quadro foi de *Henrique José da Silva*, pintor bem conhecido, e de mui distincto merecimento.»

Bocage já não era vivo então, pois que fallecera a 28 de março de 1805, mas o seu dedicado amigo continuava, como se vê, a honrar-lhe a memoria reproduzindo-lhe os versos na moldura das luminarias.

José Pedro da Silva tem merecido honrosas referencias aos biographos de Bocage, e a outros escriptores que accidentalmente se occupam de tradições patrioticas.

José Feliciano de Castilho, na sua excellente monographia a respeito de Bocage, chama ao botequineiro do Rocio *homem sem instrucção, mas de coração angelico*.

Em 1888, n'uma das interessantes correspondencias enviadas por Lobo de Bulhões para o *Commercio do Porto*, encontrei a seguinte allusão ao botequineiro e á sua monomania das luminarias :

«O Padre José Agostinho de Macedo, opportunamente liberal pelo anno de 1820 e façanhudo reaccionario, logo que lhe não attenderam ás aspirações pelo *bem publico*, divertiu-se com um patriota, que ainda chegamos a conhecer, o qual entusiasmado com os antigos principios do padre, punha frequentemente luminarias nas janellas da

sua agua-furtada do Rocio, servindo-lhe, para essa manifestação jubilosa, qualquer pretexto politico. O patriota, antigo liberal, e que, em 1846, era famoso campeão da Carta, no sentido genuino de então, havia tido, nas suas epochas de entusiasmo de luminarias, a pretensão de uma concessão gratuita de terrenos nas lezirias do Estado José Agostinho, a este proposito, fez-lhe um epigramma, que citamos de cór :

..... José Pedro, alma singella,
Que pedes lezirias, por sebo e tijella.

Quem escrever da vida de Bocage não poderá omitir nunca o nome do famoso José Pedro, já porque elle fôra o dono do botequim que o poeta mais assiduamente frequentava, já porque fôra elle quem lhe acudira nas horas desvalidas dos ultimos dias.

E quem se propuzer escrever a historia dos nossos famosos *bohemios* do fim do seculo XVIII, historia que está ainda por fazer, e na qual Bocage deverá occupar o logar de honra, não poderá deixar de referir-se largamente ao *Agulheiro dos sabios*, e á individualidade *sympathica* do botequineiro José Pedro, amigo e valedor de poetas, vivendo no meio d'elles noite e dia, compartilhando dos seus triumphos e das suas coleras, applaudindo as suas composições, acompanhando as suas aventuras, confundindo-se, n'uma palavra, com elles pelos laços da mais estreita convivencia.

Havia no Rocio outro botequim também concor-

rido de frequentadores illustres. Era o *Nicola*, estabelecido na loja em que por tantos annos esteve o Silva livreiro. Bocage tambem entrava algumas vezes no *Nicola*, como se vê do improviso com que, alta noite, respondeu ás interrogações da patrulha, que lhe perguntou quem era, d'onde vinha e para onde ia :

E' o poeta Bocage ;
Vem agora do *Nicola* :
E vae para o outro mundo.
Se lhe dispara a pistola.

Mas o botequim que habitualmente frequentava, mas o *rendez-vous* dos poetas e dos bohemios do tempo, o theatro das suas conferencias literariás e tunantescas, era o das *Parras*, especialmente o gabinete, que n'esse botequim havia, conhecido pela designação epigrammatica de *Agulheiro dos sabios*.

Morto Bocage, fallecidos os *habitués* famosos que, com Bocage, notabilisaram lendariamente essa loja de bebidas, José Pedro procurou mudar de profissão, e obteve em 7 de fevereiro de 1827 o despacho de continuo da camara dos pares, com o ordenado de 200,000 réis

José Feliciano de Castilho enganou-se chamando-lhe continuo da camara dos deputados.

D. Miguel chegára a Portugal, e o parlamento recém-nascido, ainda envolto nas faixas infantis do constitucionalismo, foi estrangulado á nascença.

José Pedro da Silva homiziou-se levando com-

sigo a recordação saudosa das suas luminarias patrióticas e dos seus poetas favoritos.

Esteve homiziado durante todo o tempo que a guerra civil durou.

Restabelecido o regimen liberal, repatriou-se, e foi nomeado, em 1834, continuo da secretaria de marinha.

Poucos annos exerceu este cargo, porque voltou ao antigo, de continuo da camara dos pares, por nomeação de 15 de maio de 1839

Em 28 de novembro do anno seguinte obteve promoção a chefe dos continuos, e em 8 de fevereiro de 1843 foi lhe elevado o ordenado a 300000 réis.

Morreu nonagenario a 15 de maio de 1862.

Aqui ficam ligeiramente coordenados alguns apontamentos biographicos d'esse patriotá exaltado, d'esse liberal convicto, d'esse homem popular, que Lisboa inteira conhecia, d'esse Mecenas humilde de Bocage, d'essa pittoresca individualidade de botequineiro que recebeu na sua loja de bebidas a *élite*, como hoje dizemos, dos poetas e dos estroinas que, ao findar o seculo XVIII, deixaram memoria perduravel dos seus improvisos, das suas brigas, das suas aventuras e das suas alegres miserias.



XX

A MANHA

De vez em quando todas as pessoas, ainda as mais ingenuas e ignorantes, recorrem, n'uma situação difficil, ao auxilio da — manha.

E até se dá o caso de que os mais ignorantes são por via de regra os mais arteiramente manhosos.

Hajam vista os saloios.

⊙ Certo é que não fazemos outra coisa n'este mundo senão andar enleitados nas voltas e reviravoltas das manhas alheias.

E' a eterna anecdota do marquez.

Não lhe sei ao certo o titulo, ignoro a provincia de Portugal em que poisava o seu marquezado, por que a terra, *alma mater*, é realmente a mãe de tudo: até dos titulos.

Este marquez, que vivera no fim do seculo XVIII, tornou-se um fanatico admirador de Bocage, cujas excentricidades procurava imitar.

Rico, alegre, sadio, precisava ter em que entreter-se, e a sua preocupação era aproximar-se quanto possível do espirito do famoso poeta bohemio, imitando-o, já que não podia igualal-o.

Recebêra, por suggestão de Bocage, a aversão aos medicos, que tantas vezes foram n'esse tempo injuriados em glosas mais ou menos felizes, e certo dia apostou com alguns amigos que havia de desorientar todos os medicos de Lisboa, pondo em xeque a sua competencia profissional.

A determinada hora, vinham primeiro os amigos, depois os medicos, e o marquez pedia consulta sobre imaginarios padecimentos, esperando a resposta dos medicos e trocando, com os amigos, olhares de intelligencia e ironia.

Ficavam perplexos os medicos perante a anormalidade dos symptomas accusados.

O marquez chegava a ponto de fingir querer saber qual era a sua doença, e os medicos, para tirar-se do apêrto, diziam-lhe qualquer coisa e receitavam qualquer droga.

Mas todos elles iam receitando, porque, a dizer a verdade, um medico que não receita coisa nenhuma, descobre a inutilidade da sua profissão, e d'esse desastre querem elles sempre salvar-se.

— Vou receitar um xarope, dizia um.

— Nada de xaropes, aconselhava outro; revulsivos é que se quer.

O marquez olhava para os amigos e ria para dentro.

Vinha novo medico e recommendava passeios, distracções.

O marquez promettia seguir a receita, porque em verdade lhe custava isso bem pouco: era a sua vida habitual.

Vinha outro medico e oppunha-se ás distracções.

Na sua opinião, o marquez gastava-se de mais: era preciso moderar a febre dos prazeres.

Ao cabo de algumas semanas, o marquez tinha-se fartado de rir á custa dos medicos, tanto mais que mandava reduzir a auto todas as consultas.

E, no fim do jantar, entre bons vinhos e bons amigos, havia sempre meia hora de troça aos medicos, que tanto era o tempo dedicado á leitura d'esta ou d'aquella consulta.

Um dia, o mordomo da casa, usando da familiaridade e auctoridade de que n'esse tempo gosavam os criados antigos, disse que o sr. marquez tinha enganado todos os medicos, mas não seria capaz de enganar um charlatão.

Houve uma explosão de risadas.

O mordomo, serenamente, insistiu no seu paradoxo, e indicou logo um charlatão da Ameixoeira, que tinha para todas as doenças um verdadeiro olho de lynce.

E argumentava:

— Esse charlatão conhece todas as doenças e, portanto, não encontrando nenhuma no sr. marquez, ha de por força dizer-lh'o.

Replicaram lhe:

— Que se era charlatão ladino, havia de querer ganhar dinheiro e, por isso, inventar logo qualquer doença cujo tratamento fosse demorado.

O mordomo, insistindo sempre:

— Que não era assim, porque sabia de casos em que o homem da Ameixoeira havia dito aos doentes: «Aqui não ha nada que fazer».

Ora, estando exgotado do divertimento dos medicos, sorriu ao marquez e aos seus pares a ideia de poderem divertir-se ainda á custa do charlatão.

Veio o homem da Ameixoeira.

Aspecto concentrado, ar grave, como o de um medico encartado, que toma muito a serio a sua profissão, porque d'ella depende a vida da humanidade.

O marquez inventou um rol de soffrimentos complicados, cuja exposição o homem da Ameixoeira ouviu attentamente.

Todos os olhares se fixaram no charlatão, que por algum tempo se quedou silencioso como uma sphynge.

Por fim, abriu a bocca.

Conticuere omnes: ia decerto rebentar uma grande tolice e não se podia perder o lance.

— Ora eu, disse o charlatão, sinto-me realmente muito embaraçado.

— Naturalmente! exclamou ironico o marquez, relanceando a vista pelo grupo dos amigos.

— Perdão! replicou o charlatão offendido nos seus brios profissionaes; sinto-me embaraçado se v. ex.^a não me dér auctorisação para eu fallar claro.

— Ora essa! exclamou o marquez, já um pouco confundido. Pode dizer tudo.

— E v. ex.^a não leva a mal?

— De modo nenhum.

— Pois então vou dizer o que penso.

E, solememente, sorveu com estrondo uma pitada de simonte.

Depois sacudiu os dedos, ergueu a cabeça e arregalou os olhos.

— Se v. ex.^a fosse burro... disse elle.

O marquez, de repente, fitou-o com aprumo.

— Perdão, excellentissimo senhor, v. ex.^a auctorisou-me a dizer tudo. Se não quer, não digo.

O marquez, caindo em si, sorriu com artificiosa indulgencia e respondeu :

— Diga tudo, pode dizer tudo.

— Pois bem, meu senhor, se v. ex.^a fosse burro...

Espectativa geral; vivissima curiosidade de todo o auditorio.

— Se v. ex.^a fosse burro, continuou placidamente o charlatão, eu diria...

— Ande lá! insistiu com impaciencia o marquez.

— Eu diria, concluiu finalmente o charlatão, que a doença de v. ex.^a era manha.

Todas as manhas acabam por ser descobertas, mas fartam-se ás vezes de desorientar a gente enquanto não chega o momento de descobri-las.

Ha manhas de individuos e manhas de povos.

Uma das manhas d'esta ultima especie pode qualificar se de — patriótica.

Nós não temos d'isso, porque nada fazemos por patriotismo — nem mesmo o ser manhosos.

Mas entre os povos latinos ha dois que possuem em grau excessivo essa qualidade, exagerando-a ao ponto de parecer um defeito...

São os francezes e os hespanhoes.

Quanto aos primeiros, temos um exemplo recente.

Representou-se agora no theatro da Porte-Saint-Martin em Pariz o *Quo vadis?* drama extraído do romance de Sienkiewicz por Emile Moreau.

Os jornaes parizienses, apreciando largamente o drama, voltam, naturalmente, a fallar do romance, a que assignalam — aqui vai a manha patriotica — origens francezas.

Estiveram pensando alguns mezes no caso e, por fim, descobriram que, sem Alexandre Dumas e Flaubert, não teria existido literariamente Sienkiewicz.

De Petrucelli della Gattina, nas *Memorias de Judas*, não fallam, porque Petrucelli della Gattina é italiano, e não valeria a pena deprimir Sienkiewicz para engrandecer a Italia.

Da França é que os francezes tratam: é a sua manha patriotica, o seu orgulho de nação intellectual.

Mas eu revolto-me, n'este caso, contra a manha nacional dos francezes, porque chego a achar encantador que uma pequena nação desfeita e esmagada como a Polonia, não podendo produzir uma revolução, nem articular um hymno de liberdade, produza um tão grande, tão colossal e tão perfeito romancista como Sienkiewicz, que conquista para a Polonia literaria a sympathia dos espiritos livres da Europa inteira.

Se eu fosse o czar de todas as Russias offereceria a Polonia a Sienkiewicz — n'uma bandeja de prata.

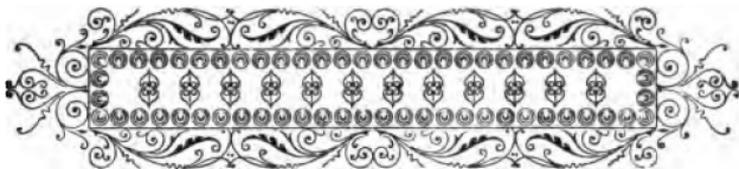
Embora tivesse de quebrar a alliança com os francezes...

E assim, d'esse modo, Dumas e Flaubert ficariam no seu logar, em França; e Sienkiewicz, elle só, dominando a Polonia toda e offerecendo ao mundo o raro spectaculo de vêr uma estatua gigantesca erecta sobre um pedestal de trez palmos de altura.

O czar, que é um poeta coroado, como o demonstrou no sonho humanitario da conferencia da Haya, seria muito capaz de o fazer, mas as manhas da politica não lh'o consentirão.

Oh! a manha, sempre a manha!





XXI

A CASACA

A BRIU S. Carlos e, desde que aconteceu isso, toda a gente se julga mais elegante. Que, a bem dizer, a elegancia não é outra coisa senão um sonho de vaidade individual.

Tal julga-se bello, gentil, distincto.

Vão lá dizer-lhe o que os outros pensam a seu respeito : que parece um carrapato a andar !

Não os acreditará.

Aquell'outro tem a illusão de que, não sendo bonito, é sympathico e que, principalmente, ninguem o poderá exceder jámais em dizer ás damas coisas galantes

Chamem-lhe tolo, porque o é de nascença, e verão que reponta.

Alguna dama presume-se o *non plus ultra* da belleza — sobretudo depois de pintada.

Seus labios de coral, suas faces leite e rosa, seus negros supercilios, seus braços de jaspe chegam, diante do espelho, a dar-lhe a impressão de serem realmente verdadeiros.

Toda a gente os engulirá, julga ella.

Entra em S. Carlos, espalha o aroma de suas finas tintas, deixa cair sobre a platéa um olhar altivo de Cambournac victorioso, logo toda a gente começa a pensar que aquella linda dama acaba de chegar do tintureiro.

Outra, de certo deverá existir, reconhece ter o segredo de saber conversar nos intervallos. Enfia missangas de espirito, alimenta o dialogo, cultiva o *firt*.

Devem passar-se na sua presença uns momentos deliciosos.

Mas, á sahida do camarote, véem dizendo os que lá pousaram em visita : Está cada vez mais sec-cante !

Ha um codigo de civilidade ; não o ha, nem o pode haver, de elegancia.

E, á falta de principios e preceitos, que regulem a materia, cada qual vai phantasiando ser elegante a seu modo.

Não se aprende, não se estuda, não se chega a ser distincto por tirocinio — como na vida militar.

Se se não nasceu fadado para o ser, attinge-se o ridiculo da caricatura. Ser ou não ser : eis a questão. O Manuel Brown, de sobrecasaca preta e calças á hussard, mettia n'um chinello todas as casas do seu tempo.

Que, diga-se a verdade, as casacas estão sendo nos espectáculos uma convenção para disfarçar a carencia de distincção pessoal.

Os grandes *dilettanti* de S. Carlos, que deixaram lenda, jámais vestiram casaca para ir ao theatro: nem o marquez de Niza, nem o Vaz de Carvalho, nem os outros de igual cotação.

Fiavam de si mesmos, do seu bom ar, do seu aprumo correcto, para se imporem aos espectadores e aos artistas.

Agora, cada um que deseja ser elegante — pelo menos pareci-o — carrega a mão nos trunfos, casaca, monóculo, flor.

E ahí vae elle, ahí entra elle, ahí olha elle parecendo dizer *urbi et orbi*: «Sou um homem distincto.»

Pois fizeram-se com menos jogo, e assentaram vasa, os *leões* d'outro tempo.

A casaca era então a ultima palavra da solemnidade na vida social. Para chegar á presença de Deus, na mesa da communhão, no lausperenne das Endoenças e na viagem da eternidade, era indispensavel vestil-a.

Reservava-se para as quatro festas do anno e para o primeiro passeio, *post mortem*, pelos Campos Elyseos.

Os actores viam-n'a pouco e não sabiam, por isso, copial-a.

Só um, dos grandes que tivemos, a soube vestir por instincto: era o Tasso.

A rainha D. Maria II achava-o tão distincto, talvez por isso mesmo, que costumava dizer quando se falava de actores portuguezes;

— Como o meu Tasso não ha outro.

Está ainda vivo o bom velho que tantas vezes me tem repetido isto.

Vinham actores estrangeiros, armados em celebridades, e sua magestade a rainha voltava do theatro sem grandes enthusiasmos.

— Então, minha senhora, vossa magestade gostou?

— Não desbanca o meu Tasso, respondia a rainha.

E morreu a sr.^a D. Maria II n'esta fé sincera de rainha portugueza : que não havia actor mais distincto, em parte alguma, do que o seu, do que o nosso Tasso.

Nem houve.

Estou a vel-o, distincto de casaca ou sem ella, indifferentemente, porque era sempre distincto.

Sua *toilette* habitual era de preto, sobrecasaca e calça mais estreita do que larga, chapéu alto muito lustroso, bota de polimento, *paletot* alvadio, luva côr de garrafa.

Perguntava-se na rua, ao vel-o : «Quem é este homem?»

Uma vez, sendo eu estudante, foi ao Porto a companhia do Theatro Normal, que era n'esse tempo um viveiro de celebridades, masculinas e femininas.

Havia o Tasso, o Santos Pitorra, o Rosa pai, o Sargedas, o Theodorico, a Manuela Rei, a Emilia Adelaide e não sei quem mais.

Mas não era preciso mais ninguem.

O publico do Porto, pouco habituado a theatro de declamação, ficou como estonteado, no primeiro

momento, deante da sobriedade artistica do Tasso.

Não o comprehendeu, nem gostou muito.

No *Jornal do Porto*, onde eu fiz as minhas primeiras armas jornalisticas, atiraram-me, talvez para experimentar-me, á ardua tarefa de escrever uma noticia sobre a estrea da companhia.

Vim doido de entusiasmo pelo Tasso e pelo Santos, que depois foram meus amigos emquanto viveram.

Disse-o no jornal, com aquella exuberancia de estilo com que os novos costumam dizer tudo.

Mas fiquei dolorosamente surprehendido ao vêr que todos os outros jornaes punham restricções no seu applauso ao Tasso.

Hoje ficaria contente.

Uma vez disse-me Camillo :

— Eu d'antes, quando não entendia o que estava lendo, julgava que o tolo era eu.

— E agora ? perguntei.

— Agora julgo que o tolo é o que escreveu.

Adoptei este principio, e tenho-me dado bem com elle : ainda não me fahou.

Agora tambem eu ficaria capacitado de ser o unico que desde logo dissera toda a verdade a respeito do Tasso.

Mas n'aquelle tempo não me aconteceu isso.

Por volta das duas horas da tarde do dia seguinte estava o dono do jornal, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, bom burguez da rua dos Caldeireiros, sentado á banca da redacção. Eu trabalhava a seu lado, abafando no desgosto de ter errado a respeito do Tasso.

Ouviram-se ranger umas botas na escada. D'ali a nada assomou á porta um homem alto, desempenado, de *paletot* alvadio.

Cruz Coutinho, que não era frequentador de theatros, não o conheceu.

Ficou perplexo, sem saber se estava fallando a um principe ou a um actor.

— Venho aqui, disse Tasso, agradecer as palavras amaveis que este jornal me dirigiu hoje, tanto mais que nem todos os jornaes do Porto me trataram com igual benevolencia. Desejaria poder apertar a mão ao auctor da noticia.

Cruz Coutinho, mais repostado da primeira surpresa, indicou-me dizendo:

— Aqui está o auctor da noticia.

Tasso sacudiu a cabeça, affirmou o olhar, estendeu-me a mão sem altivez nem baixeza e exclamou:

— Não esperava encontrar uma creança. Dou-me bem com os moços...

E, suspendendo-se, por ter certamente feito maior reparo nos cabellos brancos de Cruz Coutinho, acrescentou gentilmente — ... Quando elles trabalham ao lado dos velhos.

O que é certo é que o Tasso, como elle me contou mais tarde, tinha passado um dia muito aborrecido por causa das criticas dos jornaes.

Era sensibilissimo ás durezas de qualquer noticia a seu respeito.

Corria os botequins, pegava no jornal que o maltratava, disfarçadamente o mettia na algibeira, dizendo com os seus botões, n'um monólogo muito intimo:

— E' menos um.

Pois o Tasso, apesar de se chamar Joaquim José — que é tudo o que ha de mais pifio em nomes — foi um grande actor, tão completo — que até sabia vestir uma casaca.

Hoje toda a gente presume saber vestir-a e deitar a elegancia, que cada um julga ter, nas noites de S. Carlos.

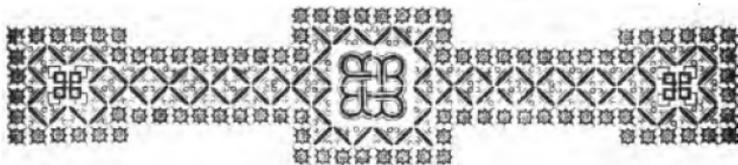
Na manhã seguinte lá vão correndo para o emprego, para a repartição ou para o escriptorio, sem que da casaca da vespera fique a menor recordação — para elles ou para os outros.

S. Carlos: um inverno de casaca; mais nada.

Nem os grandes cantores, nem os grandes *leões*, nem os grandes *partidos* d'outros tempos.

A casaca, apenas. E é tão pouco! Se até a vestem os criados por convenção...





XXII

OS TRATAMENTOS EM PORTUGAL

N'UM dos intervallos de S. Carlos, dizia-me outro dia um dos mais distinctos *chauvins* da velha elegancia portugueza :

— Nem por sonhos pode imaginar o que eu estava pensando . . .

— Talvez nas formosas primas-donnas d'outr'ora, que semeavam paixões e desencadeavam tempestades ?

— Não, porque não venho ao theatro para me entristecer. Divertia-me a pensar que toda essa gente, nas frisas, na primeira ordem, nas torrinhas — condes, diplomatas, amanuenses e bohemios — se está tratando por «excellencia», com muita seriedade, sem haver sequer uma distincção galante de tratamento para as damas. Olhe que, realmente, dá vontade de rir . . .

— Decerto. E mais ainda quando nos lembramos de que, tratando-se todos por «excellencia», anda na legislação do paiz a disposição inutil de que esse tratamento haja de pagar um direito de mercê arbitrado em 360,000 réis.

— Mas isso está na massa do sangue dos portuguezes: legislar o que não é preciso.

— A esse respeito, disse eu, vou contar-lhe um caso. Quando passei pelo parlamento, discutia-se uma vez a tabella dos direitos de mercê. Propuz que se riscasse tudo o que era inutil: o direito relativo aos tratamentos, *excellencia* e *senhoria*, e aos titulos já abolidos, taes como *alcaide-mór*. Pois nem o relator, nem o ministro da fazenda, nem a maioria acceitaram a proposta.

— Um estrangeiro que estudar o nosso paiz pela legislação, fica fazendo d'elle um falsissimo juizo: e dizer Montesquieu que as leis são a expressão dos costumes! Mas, caro amigo, quanto ao tratamento de «excellencia», que outra'ora se dava aos nobres e ás damas, sempre lhe direi que depois que foi dado a toda a gente de ambos os sexos, parece que o respeito, a gentileza, a galanteria com que d'antes era tratada a mulher em Portugal, desapareceram completamente. E comprehende-se: deu-se igual valor a um e outro sexo. O homem não ganhou e a mulher perdeu.

A' sahida do theatro, lembrei-me d'este dialogo, rapidamente trocado n'um intervallo da *Aida*, e vim pensando no que muitos dos nossos homens de letras tinham escripto sobre os «tratamentos» nacionaes.

Já no seculo XVIII o abbade de Jazente se queixava de que as «senhorias» andassem por tão baixo preço como os tremoços e o arroz.

No seculo XIX, Castilho foi dos que mais propugnaram pela adopção de um tratamento que mantivesse o mutuo respeito entre as classes sociaes, e fechasse a porta ao abuso da «excellencia» descabida.

Diz elle n'uma das suas interessantes notas ao drama *Camões* :

«Quando safadas pelo uso, Senhorias e Excellencias ou forem para todos sem excepção ou por inúteis cederem a vez — não dizemos ao vossa mercê, mas simplesmente ao Vós, a esse patriarcha d'onde se deriva o vossa que se intromette com a Senhoria, com a Excellencia, com a Alteza, com a Magestade, com a Eminencia, e com a Santidade; — quando n'isso, que é sensato, imitarmos não só a nossos maiores, mas a toda essa França polidissima, a Inglaterra, e tanta parte da Europa, teremos ganho muitissimo para a eloquencia e para a litteratura, e tambem para a liberdade, e muitissimo para a civilisação.»

Não só n'esta passagem, mas ainda em outras, Castilho lidou pela adopção do — vós —, que já havia sido usado pelos portuguezes, e tinha, por isso, a auctoridade da tradição.

«A'quelle *tu* antigo — diz elle em nota aos *Amores de Ovidio* — que tão cómodo era e tão litterario, podiamos nós como os francezes, os inglezes, e allemães, e tantas outras gentes, substituir o *vós*. Quanto não ganhava o romance, o drama, a poesia em geral e a sociabilidade! Prezamo-nos de estran-

geiros, em mil cousas ridiculas; e onde, com tanta vantagem e sem despeza, o podiamos ser, retrahimo-nos!

Quanto aos allemães, convem aclarar esta referencia de Castilho: é certo que elles téem o *tu* singular e téem o *vós* plural; mas a forma usual de tratar, a mais corrente e polida, é a terceira pessoa plural do verbo.

Tambem alguns portuguezes usam, no singular, um arremêdo d'esta germanice, quando dizem, cara a cara, a qualquer sujeito: «Como vai elle?»

Esqueceu-se Castilho de fallar no *usted* castelhano, tratamento o mais igualitario, nivelador e racional de quantos existem, sendo para extranhar que tenha entrado e calado no genio de uma nação tão ciosa, como é Hespanha, de fóros, prorogativas e prosapias de nobreza arrogante.

Mendes Leal propendia á opinião de Castilho, declarando-se a favor do *tu* romano ou do nosso *vós* antigo, que teriam a vantagem de livrarmos dos apuros em que muitas vezes nos encontramos para dar um tratamento indirecto, vago e confuso, e não haver quebra de cortezia.

Mais claramente:

«Usamos nós o tratamento de terceira pessoa — palavras suas — em vez do de segunda, do *vós* e *tu*, tão nobre e tão constantemente seguido por quasi todas, senão todas as de mais nações. Já tivemos esse tambem. Quem nos trouxe este não o sei eu. Ou fosse porém uma degradação na lingua ou fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle temos de luctar.»

Thomaz Ribeiro, seguindo as pisadas de Castilho, chegou a adoptar o *vós* nos seus escriptos, taes como as *cartas* em defeza do *D. Jayme* :

«O sr. Antonio Feliciano-de Castilho, que sempre hei-de considerar meu mestre e meu amigo, escreveu não sei quando, um bello artigo sobre a conveniencia do tratamento de *vós*, que já foi nosso e que ainda hoje é dos velhos da minha provincia.

«Deixando pois por agora as senhorias, e as excellencias, permitti que nas poucas observações que tenho a fazer ás vossas excellentes criticas ácerca do *D. Jayme* vos trate segundo os conselhos do meu presado mestre.»

Camillo, fallando da pragmatica de D. João V, que regulou o tratamento de excellencia e senhoria, observa com a sua habitual ironia diamantina :

«Desde que me entendo só encontrei um homem que obedecesse rigorosamente a esta lei. Foi um d'estes dias, o encontro, em uma carruagem da via ferrea. Era um relojoeiro do Porto, homem de annos largos, cara aberta e antiga. Quando se dirigia ao sr. conde da Graciosa, dava-lhe *excellencia*; ao sr. visconde de Sanches de Baêna, dava-lhe *senhoria*; e a mim, para ser coherente, não dava nada. Um sujeito que regula tão acertado com as leis dos tratamentos deve correr igual pontualidade com os seus relógios. Mas elle não sabia que eu, desde 1862, sou marquez, agraciado por sua magestade negra, D. Jacintha I, rainha do Congo, muito minha senhora e ama, que Deus conserve. Além d'isso o alvará de 20 de junho de 1764 manda dar senhoria a mais alguem; por exemplo: ao abbade de Alcobaça.

e ao seu substituto. O relojoeiro, para quem a extinção das ordens religiosas não era novidade, nem equivocando-se com a minha presença prelatia, me confundiu com o geral dos bernardos.»

Vem a ponto dizer, por incidente, que n'esse artigo Camillo suppõe que o tratamento de *alteza* foi o unico dado a muitos reis de Portugal até D. Sebastião.

Mas contra essa supposição protesta um documento que Innocencio Francisco da Silva desenterrou da Torre do Tombo, e que vem a ser os capitulos das côrtes convocadas em Lisboa por D. Affonso V no anno de 1455.

Ahi, os trez estados baralham cahoticamente os tratamentos dados ao rei, mas incluem já o de — magestade — a saber :

«*Vossa senhoria* a requerimento de algumas pessoas fizestes sobre ello algumas innovaçoes, que sam muyto contrairas ao que nos per vós foy outorgado ; o que temos por fee que nam passaria, salvo por nam lembrança. E porque, senhor, esto he muyto davorrecer ante a *vossa real magestade*, por ser muyto contrairo a vossos povos, pedimos a *vossa excellencia* etc.»

Isto é o que em linguagem de confeitiro se chama «bolos sortidos», e os trez estados queriam fazer a «bocca doce» a Affonso V, para que os attendesse.

Mas «vossa real magestade» já o filho de D. Duarte apanhou.

De nada valeu a propaganda de Castilho e dos seus proselytos — bem o suspeitava Silva Tullio —

em favor do restabelecimento do antigo e portuguezissimo *vós*, tão desaffectedado e tão grave ao mesmo tempo.

Poderá, porém, objectar-se que se o ideal consistia em firmar um tratamento uniforme, extensivo a todas as classes, cá temos o «vossa excellencia» que surte esse mesmo effeito, pois que é *commun* e geral.

Faz differença. Todas as mulheres, ricas e pobres, nobres e plebeas, pregam seus atavios e toucados com alfinetes, e ninguem o extranha. Mas se alguma puzer uma joia de preço sobre um vestido de serguilha, ferirá pelo contraste. O—*vós*— seria o alfinete vulgar; o—vossa excellencia— dado a certas pessoas, produz o contra-senso de um broche de diamantes a brilhar sobre um estofo grosseiro.

E, pois que se falla de mulheres, tem rasão o distincto *chauvin* de S. Carlos quando lastíma que não seja dado ás damas um tratamento especial, mais alto, mais attencioso e distincto, para honrar a tradição de nossos maiores, que sempre foram cavalheirosos e galantes.

A «excellencia» que uma dama illustre recebe, é-lhe propria e devida; mas a que ella retribue a um homem obscuro e vulgar, deve deixal-o confuso e vexado no fôro de sua propria consciencia.

Lembra-me a este respeito uma d'aquellas graciosas anedotas do padre Manuel Bernardes.

Um bispo de Coimbra, Tavora de appellido, tinha de ir hospedar-se em casa de certo fidalgo, a quem geralmente davam o tratamento de senhoria, sem que o tivesse.

Mandou o fidalgo dizer ao bispo — que não o tratasse de outro modo, porque o vexaria deante de extranhos.

O bispo respondeu :

— Que assim como negar senhoria a quem a tinha de juro era injuria, assim o dal-a a quem a não tinha era injuriar a outros.

O fidalgo replicou :

— Que se lhe não dêsse senhoria, não lh'a daria tambem.

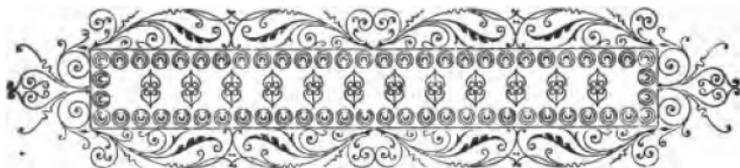
Ultima observação do prelado, textual :

— Diga que eu irei, e que havendo algum de nós fazer a parvoice, melhor será que a faça elle do que eu.

Se todos pensassem como o bispo de Coimbra, acabavam-se as «excellencias». Mas quem dá as cartas hoje não é o bispo, é o fidalgo da anecdotia, que só concedia o tratamento que recebesse e que, por isso, ainda agora anda por ahi a dizer a todas as pessoas: «Vossa excellencia, isto; vossa excellencia, aquillo».

E cada vez mais contente e cheio de si: porque no tempo do bispo já lhe sabia bem a senhoria — e agora a — excellencia — sabe lhe muito melhor.





XXIII

A ROSA DE OIRO

O dia de hontem foi a dominga da Rosa, *dies dominica in Rosa*, assim chamada em razão da bençam da rosa de oiro, que o Pontifice costuma offerecer todos os annos a uma rainha ou princeza.

E' um dia de festa na egreja catholica, um parenthesis «côr de rosa» que interrompe apenas por algumas horas os crepes da penitencia, a tristeza dolorida da quaresma.

O introito da missa começa pela palavra *Lætare* e os paramentos são côr de rosa.

Sobre a tradiçãõ da «rosa de oiro» não se conhece noticia anterior ao seculo XI, mas sabe-se que, em 1096, Urbano II offereceu a rosa ao conde de Anjou.

Ahi remonta a antiguidade de que existe prova historica.

Outr'ora os pontifices concediam esse delicado brinde aos reis e aos homens illustres. Lopo Vaz Pacheco, depois da batalha do Salado, recebeu a rosa de oiro. El-rei D Manuel recebeu duas : uma enviada por Julio II em 1506 ; outra por Leão X em 1514. O mesmo aconteceu a Henrique VIII de Inglaterra, antes de separar-se da egreja catholica : foram aquelles mesmos papas que lhe offereceram a rosa de oiro. Julio III enviou-a em 1550 ao mallogrado successor de D. João III, e Clemente XIV mandou-a a el-rei D. José.

E' pois recente o costume de offerecer a rosa de oiro apenas a rainhas e princezas.

Gregorio XVI concedeu-a á rainha D. Maria II, em 1842, encarregando da entrega monsenhor Cappacini, que era então o nuncio em Lisboa.

A rainha D. Maria Pia, quando ainda princeza de Saboya, recebeu a rosa de oiro, offerecida pelo papa Pio IX, seu padrinho.

No dia 4 de julho de 1892 sua magestade a rainha D. Amelia recebeu solememente na capella do Paço das Necessidades a rosa de oiro, que Leão XIII lhe enviou, e que ficou deposta no pedestal da Virgem n'aquella mesma capella.

Assim quiz uma rainha da terra render publica homenagem á Rainha do Ceu.

El-rei D. Carlos concedeu uma amnistia para commemorar a entrega da rosa de oiro a sua augusta esposa.

O cerimonia da bençam da rosa de oiro foi instituido em 1366 pelo papa Urbano V. Este pontifice, querendo demonstrar uma especial considera-

ção a Joanna, rainha da Sicilia, benzeu solemne-mente a rosa de oiro, e publicou n'essa occasião um decreto regulando as cerimonias lithurgicas que deviam repetir-se todos os annos.

A bençam faz-se na camara dos paramentos (sachristia) com agua-benta, incenso e outras essencias aromaticas.

O papa dirige-se em seguida á sua capella, conduzindo na mão esquerda a rosa de oiro que um cardeal-diácono lhe apresentou; com a mão direita vai abençoando os circumstantes.

Chegando á capella, entrega a rosa ao cardeal-diácono, que por sua vez a entrega a um presbytero, o qual a depõe sobre o altar.

Outro cardeal celebra o santo sacrificio da missa, a que assistem os bispos do sacro collegio paramentados de casula côr de rosa.

Depois da missa o papa declara a pessoa a quem a rosa é offerecida, sendo encarregado um cardeal ou um official da côrte pontificia de fazel-a chegar ao seu destino.

E' esta certamente uma das mais galantes cerimonias da lithurgia catholica, pois que a poesia e a religião parece darem-se as mãos na quarta domingo da quaresma para louvar o Creador na mais bella das flores, com que o pontifice galardôa a piedade e submissão espiritual de uma rainha ou princeza.

Esta maviosa tradição tem-se conservado através dos seculos, ao passo que outras desapareceram já, levadas pela onda do tempo.

Aproveito a occasião para fallar de uma, que li

ha dias e que diz respeito á vida do nosso povo.

Os pescadores do bairro de Alfama costumavam outr'ora festejar S. Pedro Gonçalves, seu patrono, conduzindo-o processionalmente ás hortas de Xabregas, com muitas folias, e de lá o traziam enramado de coentros frescos.

Os pescadores, coroados de capellas de flores, iam e vinham cantando e bailando ao redor do andar.

No seculo XVI, o arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes prohibiu estes festejos e folguedos, certamente por se lhe afigurarem gentilicos.

Ora, por aquelle tempo, mandara D. João III preparar uma frota de cinco velas para ir á India e deu a capitania-mór a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, o qual era filho do arcebispo.

Escolheu o capitão para si a nau *Santa Maria da Barca*, em que D. Leonardo de Sousa tinha chegado da India.

As outras naus eram: *Santo Antonio*, capitão Cid de Sousa; *Assumpção*, capitão Braz da Silva; *Framenga*, capitão Antonio Mendes de Castro, e *Aguia*, capitão João Rodrigues de Carvalho.

Estavam já todas as naus prestes e carregadas para a viagem, quando a capitania abriu agua, tanta agua, que chegou a 14 palmos de altura.

Não havia meio de estancar-a, por mais que se diligenciasse conseguil-o.

Contrariado com a demora, ordenou el rei que as outras quatro naus se fizessem á vela, mas D. Luiz Fernandes ficou muito desgostoso, porque sendo fidalgo pobre, e tendo gasto muito em se aviar,

soffria grande perda com a impossibilidade de partir.

Começaram os pescadores de Alfama a dizer que era castigo de S. Pedro Gonçalves, recahindo no filho, por culpa do pai, que prohibira as festas.

Assim o affirmaram ao mesmo arcebispo, e bem se póde avaliar a intimativa com que o fariam, sabendo-se que a classe dos pescadores é a mais religiosa e devota de Portugal, como aliás acontece em outros paizes.

O arcebispo, ouvindo os, attendeu-os.

Nós teriamos feito outro tanto.

E logo, levantada a prohibição das festas, se descobriu a causa da nau metter agua, o que até então não tinha sido possível descobrir.

Era a falta de um prego na quilha, descuido que os calafates facilmente remediam.

A tradição da procissão e das festas a S. Pedro Gonçalves foi por então reatada, mas perdeu-se no decurso do tempo, e não chegou até nossos dias.

Pois é pena, que devia ser bem bonita essa procissãozinha com os pescadores floridos bailando e cantando em redor do andor todo enramado de coentros frescos.

Subsiste ainda a devoção dos nossos pescadores por S. Pedro Gonçalves, que tambem denominam *Corpo Santo*, alludindo assim á chamma, para elles mysteriosa, que, sob a influencia das nuvens electrizadas, apparece borboleteando no topo dos mastros.

Como o mundo dos pescadores é o mar, não sabem que identico phenomeno se dá ás vezes nos cimos dos edificios e das arvores.

E crêem que n'esse fogo vem S. Pedro Gonçalves visital-os e consolal-os em occasião de tempestade, quando o ceu está tenebroso e o oceano revôlto

Por isso disse Camões :

..... O lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.

Mas a procissão dos pescadores de Alfama perdeu-se, com as suas danças, cantares, capellas de flores e coentros frescos.

Tem-se ido embora o bom, o pittoresco da vida do povo; o que ficou já é pouco e do peor.

Acreditem. Eu lastimo-me a mim proprio por não ter nascido no seculo XVI.

Que tempo ! que gente ! que portuguezes então !
Isto agora não presta.





XXIV

FIM DE SECULO

Na afinação de Garcia de Rezende

Vimos tanta variação,
Propria dos feitos humanos,
N'estes ultimos cem annos,
Que bem merece menção.
Vimos sonhos, desenganos,
Inventos todos os dias,
Mui fermosas utopias
E vimos até com magua
Dar com os burrinhos n'agua
Uma escola de poesias.

Nephelibatas chamados
Vimos poetas nascer,
Que se propunham viver
Nas nuvens encavalgados.
Ninguem os pôde entender !
Alguns em seus desvarios
Eram caudaes como rios ;
E quem lhes quiz metter dente,
Por mais tolo que tal gente,
Ficou sempre a vêr navios.

Vimos ás coisas passadas
Dar nome diff'rente e vario,
Mudar o vocabulario,
Chamar *bonnes* ás criadas,
Toilette ao vestuario ;
Dizer que o roubo é alcance
E que o parto é *délivrance* ;
Ás sécias chamar *coquettes*,
Ás cantarinas *divettes*
E á côr de burro... *nuance*.

Do Santo Officio o atroz zelo
Vimos outra vez de pé
Com seus tratos de polé.
Mas chama-se agora Sello
E menos cruel não é.
A Inquisição inclemente
Ia assando toda a gente ;
Agora o fisco *sanhudo*
Vai sellando todos, tudo,
Só não sella o ar ambiente.

Dos microbios o reinado
— O do Sello e seus parceiros,
Mais que pestes, carniceiros —
É, por nosso mal, chegado.
Levam vidas e dinheiros.
Microbios muito damninhos
Róem quantos escaninhos
Todo o corpo humano encerra.
Cada pessoa é na terra
Qual um Páteo de bichinhos.

Vimos graves collisões
Entre povos mui distantes,
Guerras mais cruas que antes
De inventados os canhões
E os morteiros fumegantes.
Vimos na Africa o inglez
E vimos contra o chinez
O branco em guerra ferina
Querer reformar a China
E ser mais rudo talvez

Vimos pestes como outr'ora
Quando ninguem se lavava
E a medicina buscava
As drogas que tem agora.
Vimos toda a gente, brava,
Contra os medicos bradar
Que elles pretendiam dar
Errado nome á doença.
Nunca se viu tal sabença,
Nem tão louco disputar.

Vimos bondosa rainha
Pôr cuidados extremosos
Em salvar tuberculosos
Da morte que certa vinha
Sem taes desvelos piedosos.
Vimos creancinhas tantas
Da inclyta rainha ás plantas
Bemdizer este paiz,
Que por um condão feliz
Só possue rainhas santas.

Vimos homens sem comer,
Outros comendo de mais.
Vimos muitos immortaes
Que os mortaes menos valer.
Vimos muitos generaes
Commandar poucos soldados;
Muitos cabellos pintados,
Muita pintura no rosto
E muitas modas sem gosto
Com gastos demasiados.

Vimos muitos ricos pobres,
Muitos pobres com milhões,
Muitos fidalgos peões
E muitos peões ser nobres.
Mundanas contradições!
Vimos pomposos senhores
Ir ás casas de penhores
E muito vil onzeneiro
Fazer altar ao Dinheiro
Com a pell' dos devedores.

Vimos muito literato
De vaidade desmarcada
Parecer da rã inchada
Um fiel, vivo retrato
E por fim não valer nada.
Vimos uma Academia,
Muito grande e mui vasia,
Sugando á farta o erario
E gastar n'um Diccionario
Cincoenta annos de maquia.

Vimos muita agricultura
Decretada no papel,
Como vistoso ouropel
Que só um momento dura.
Mas que torre de Babel !
Porém os agricultores
Acham mortos seus valores.
Ninguem na colheita péga ;
O vinho dorme na adega.
Assim vivem lavradores !

Vimos tortas as finanças
E medrar os endireitas.
Vimos gastar as receitas
Em fogaças e festanças ;
Reformas feitas, desfeitas ;
Quadros á larga preenchidos,
Quatrocentos mil addidos
E outros tantos pretendentes ;
Vimos uns a dar aos dentes,
Outros de fome torcidos.

Vimos triumphos, grandezas,
Centenarios a granel,
Muito foguete e laurel,
Por fim pagar as despezas
O pobre povo fiel.
Cá os mortos vão n'um sino,
Apanham cortejo e hymno,
Mas os vivos, arrastados,
Levam pontapés, coitados!
E lameptam seu destino.

Vimos seitas homicidas
Zombar de Deus e das leis,
Matar principes e reis,
Dispôr das alheias vidas,
Mais que selvagens crueis ;
Operarios desvairados
Contra os patrões revoltados ;
Muita *grève* e rebeldia
E a confusão cada dia
Dar fructos envenenados.

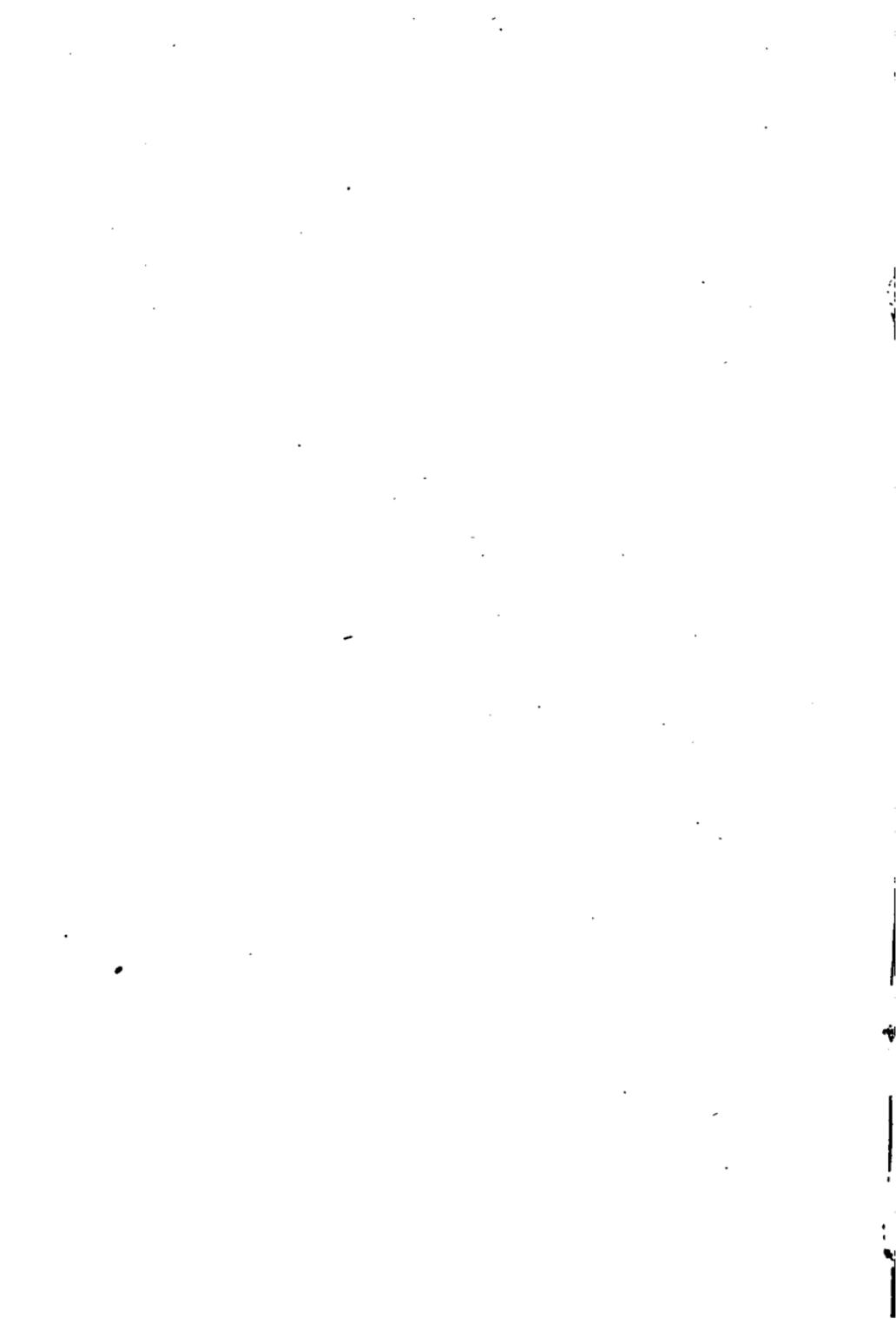
Vimos mendigos sem conto
Vaguear ao desamparo
E o pão cada vez mais caro ;
Vimos desgoverno tonto
E o bom juizo ser raro,
De modo que sem esp'rança
Este pobre povo avança
Para fallencia geral.
Ai! triste de Portugal,
Que parece uma creança!

Vimos isto e mais ainda
Em cem annos decorridos.
Quantos dias vão perdidos
N'este século que finda
Entre cantos e gemidos !
Porque a humanidade chora
Males que chorava outr'ora.
Lucta mais, não soffre menos,
Não tem dias mais serenos,
Nem é mais feliz agora.

A mão que os destinos move
E mede o tempo que foge,
Permittiu vivermos hoje
Quando expira o «dezenove».
Por mais que o cálamo arroje,
Não sei palavra que pinte
Da gratidão o requinte.
Só direi : «Muito obrigado
Por nos ter sido outorgado
Que ainda dessemos no «vinte».

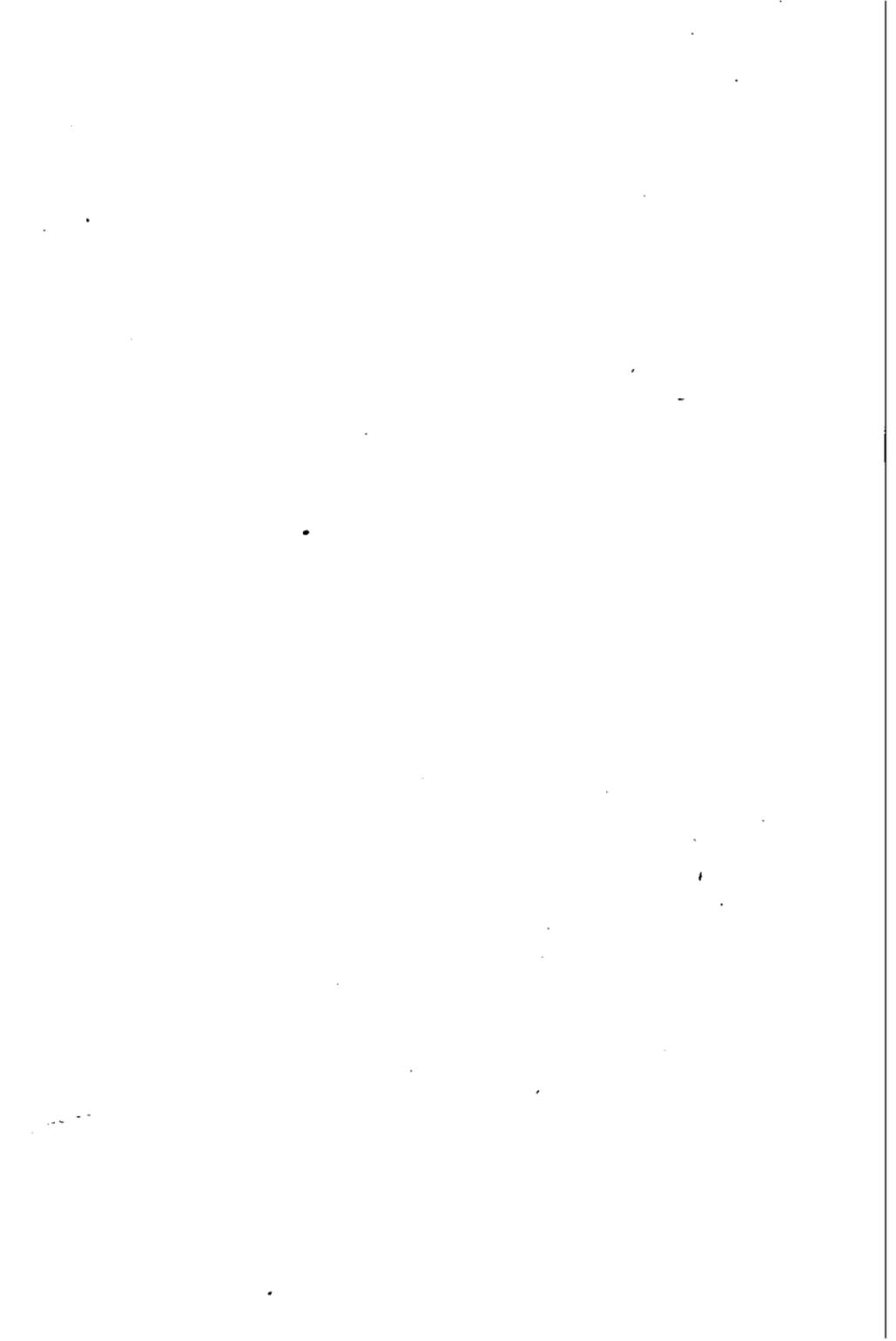
FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDICE DO 2.º VOLUME



INDICE

I — Quaresma alegre.....	5
II — Semana Santa.....	13
III — As andorinhas.....	22
IV — 1.º de abril.....	30
V — Maio.....	38
VI — O mez de Maria.....	45
VII — A renda das casas.....	53
VIII — A procissão do Corpo de Deus.....	62
IX — Temperamento e temperatura.....	70
X — O jogo da bola.....	77
XI — A fava.....	85
XII — No largo de S. Roque.....	92
XIII — Origem de um proverbio.....	99
XIV — A côr.....	106
XV — Santos e defuntos.....	113
XVI — Os Santos de dezembro.....	120
XVII — O Natal.....	128
XVIII — Os cães do Nilo.....	136
XIX — Um amigo de Bocage.....	143
XX — A manha.....	152
XXI — A casaca.....	159
XXII — Os tratamentos em Portugal.....	166
XXIII — A rosa de oiro.....	174
XXIV — Fim de seculo.....	180





Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

- | | |
|--|--|
| 1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas. | 15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino. |
| 2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado. | 16 — Esgotado. |
| 3 — Carmen, trad. de M. Level. | 17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel. |
| — A Feira de Paris, por Iriel. | 18 e 19 — Esgotado. |
| 5 — O direito dos filhos, por George Ohnet. | 20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves. |
| — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas. | 22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas. |
| 7 — Esgotado. | 23 — Esgotado. |
| 8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas. | 24 — Contos, por Affonso Botelho. |
| 9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas. | 25 — Esgotado. |
| 10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel. | 26 — Esgotado. |
| 11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas. | 27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas. |
| 12 — Esgotado. | 28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita. |
| 13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho. | 29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo. |
| | 30 e 31 — Esgotado. |
| | 32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel. |

COLLEÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

- 33 — Contos, por Pedro Ivo.
- 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
- 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
- 36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
- 37 — Obras primas, por Chateaubriand.
- 38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
- 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
- 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
- 42 e 43 — Espelho de portuguezes, por Alberto Pimentel.
- 44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
- 45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
- 46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
- 47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
- 48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
- 49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
- 50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
- 51 — Esgotado.
- 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
- 53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
- 54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
- 55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caíel.
- 56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
- 57 — Dramas da corte, por Alberto de Castro.
- 58 — Os moqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
- 59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
- Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
- Insulares, por Moniz de Bettencourt.
- 63 — Historia da civilização na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
- 64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
- 65 — Retalhos de verdade, por Caíel.
- 66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
- 67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
- 68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
- 69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
- 71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
- 72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
- 73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
- 74 — Individualidades, por Henrique das Neves.
- 75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
- 76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
- 77 — Historias e romancetes, por Sanches de Frias.
- 78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
- 79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
- 80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
- 81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
- 82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
- 83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
- 84 — Um drama de ciúme, por Maria O'Neill.
- 85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
- 87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
- 88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

U.C. BERKELEY LIBRARIES



C003255409

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portuguez e v. v. 2.ª edição, muito correcta e extremamente augmentada.
 Grammatica da lingua franceza.
 Grammatica Nacional, para aprender portuguez sem mestre.
 Lições praticas de conversação franceza.
 Ollendörffs methodo de aprender a lingua franceza (2 vols.)

Carvalho

Ao correr do tempo
 Arte de escrever
 Aventuras (2 vols.)
 Cerebro e coração
 Chronica
 Coisas da vida
 Contos
 Em Portugal
 Figuras da vida
 Heroismos
 Impressões
 No mundo
 Nossas fúrias.
 Pelo mundo fóra.
 Raphael, trad. de Lamartine, (ed. de luxo).

Pinto (Silva)

(COLLECCÃO D'ALGIBERRA)
 A queimar cartuchos.
 A torto e a direito.
 Ao correr do pello.
 Entre nós.
 Frente a frente.
 Moral de João Braz.
 Mundo (O) furta-córes.
 Na Procella.
 Na transição

678675

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

Amor Divino.
 Famoso Galvão.
 Ao sol e á chuva.
 Grande (A) Chimera.



